

REVISTA EDIÇÃO Nº 102 | DEZEMBRO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS

DICAS PARA LEITURA
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
POEMAS, CONTOS E MUITO
MAIS...

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Feliz Natal

COM LIVROS

CONFIRA A EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Meu Natal inesquecível, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 06**
- Apresentabilidade em Rubem Valentim, por Reginaldo Leite, pág. 09**
- Poema: O presente, por Daniela Bloc, pág. 15**
- Sonhos elusivos, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 18**
- Poema: Natalina, por Bert Jr., pág. 22**
- Verão, por Gianni Maria Carneiro, pág. 24**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 27**
- Dicas para leitura, pág. 36**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 37**
- Poema: Fim de ano a chegar, por Sellma Luanny, pág. 41**
- Entrevista com Alessandro Sato, pág. 42**
- Entrevista com Gabriele Sapio, pág. 46**
- Entrevista com Cassio Giorgetti, pág. 51**
- Entrevista com Evandro Nunes, pág. 56**
- Entrevista com Fauno Mendonça, pág. 61**
- Entrevista com Isa Oliveira, pág. 66**
- Entrevista com J.A.P. Filho, pág. 75**
- Entrevista com José Gomes, pág. 80**
- Entrevista com Leslie Hein, pág. 84**
- Citações de grandes autores, pág. 89**
- Conto: Parisiense, por Bert Jr, pág. 94**
- Conto: Hélia, por Gabriel Elias Josende, pág. 101**
- Conto: A banda, por Adayl Falconi Chiodi, pág. 108**
- Conto: O mistério do Vira-Lobo, por Ney Alencar, pág. 112**
- Conto: Yasmin X Yago, por Idicampos, pág. 118**
- Conto: Decepção, por Iraci J. Marin, pág. 123**
- Conto: Presunto com melão, por Isa Oliveira, pág. 127**
- Conto: O grande arquiteto, por Alexandre Vilaron, pág. 134**
- Conto: No teto, por Roberto Schima, pág. 141**
- Conto: Depois da ventania, por Míriam Santiago, pág. 147**
- Conto: Passos para o cosmos - Parte II, por Sellma Luanny, pág. 150**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 158**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

CHARLES DICKENS

“Feliz, feliz Natal, que nos traz de volta as ilusões da infância, recorda ao idoso os prazeres da juventude e transporta o viajante de volta à própria lareira e à tranquilidade do seu lar.”

GRACE NOLL CROWELL

“Ainda que se percam outras coisas ao longo dos anos, mantenhamos o Natal como algo brilhante. Regressemos à nossa fé infantil.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
clique aqui

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica



EDITORIAL



Querido(a) leitor(a)!

Acaba de sair do forno nossa edição especial de Natal, trazendo poemas e contos temáticos, além de artigos e entrevistas com escritores.

Apesar de ter sido um ano não muito fácil para nós brasileiros, chega o momento de descansarmos e nos reunirmos com as pessoas das quais amamos, colocarmos as ideias em dia e nos fortalecemos para o próximo ano.

Agradeço aos autores e leitores que estiveram conosco durante todo o ano e desejo muita saúde, paz e prosperidade.

E que venha 2024!

Para saber como participar da nossa edição de janeiro/2024: [clique aqui](#).

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS NATALINOS

VOL. III

Ademir Pascale
organizador
VOL. III

E-BOOK



*Contos e Poemas
Natalinos*

saiba mais: clique aqui



Meu Natal Inesquecível

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Caros amigos,

Se Papai Noel existe, podem ter certeza de que nem sempre aparece convencionalmente. Muitas vezes, assume disfarces diversos, como se humano fosse. E não é?!

Pois foi no natal de 1977... Tinha dez anos na época. Como pode isso? Lembrar-me do natal de 77?! Parece que foi ontem! (Desculpem-me, mas a frase banal faz-se necessária!)

Pois foi no natal de 1977, quando, por alguns momentos, pensei que nem teria um natal.

Papai estava doente (Ah, que saudades do velho, que nem chegou a envelhecer!)... Estava doente da alma, tamanha era a depressão! Tornou-se um papai noel às avessas: estava magro, olhos fundos, cabelos ralos; só a barba branca aproximava-o do bom velhinho. Arrastava-se pela casa, sem vontade de viver.

Eu era muito pequena... não entendia muito dessas coisas... Só sei que doía em mim! Era dor sem tradução: dessas que “fincam” lá dentro e em nós constroem morada. Sabia que havia algo diferente naquele ano... justamente, naquele ano, em que uma colega de escola esclareceu-me, racionalmente, sobre a inexistência de papai noel.

Duplo sofrimento! Papai Noel não existia e papai também parecia não mais existir... Estava sumindo nas nuvens. Quase não sentia mais sua presença!

Mamãe permanecia calada... Seu sofrimento era embutido. Não haveria festa alguma! Com a ausência de papai noel, a despensa tornou-se minguada... a escassez tomou conta de tudo e somente os brinquedos dariam ao natal um toque de natal! (Foram comprados com antecedência, antes da grande nuvem residir sobre nossa casa!)

Morríamos com meu pai, que, na verdade, só veio a falecer anos depois, no carnaval de 1985...

Grande tristeza se apossava da família! A nuvem cobria a todos... Meus olhos choviam tanto, que tive medo de morrer na enchente de minha vida.

(...)

De repente, como num passe de mágica, brechas se abriram nas nuvens...

Cinco pessoas desceram de um carro bem grande e foram entrando na sala de casa, com caixas de doces, de alimentos, de bebidas e outras coisinhas mais! Três rapazes e duas moças diziam-se colegas de trabalho de papai, mas eu podia jurar que eram papais noéis disfarçados... (Uma delas até alisou meus cabelos, distribuindo-me balas!)

Esse natal foi, realmente, inesquecível, principalmente, porque depois de muitos meses, vi meu pai sorrir e o aspecto daquele sorriso, embora tímido e fraco, assemelhava-se à estrela-guia, que cruzou o céu, antes de Jesus nascer.

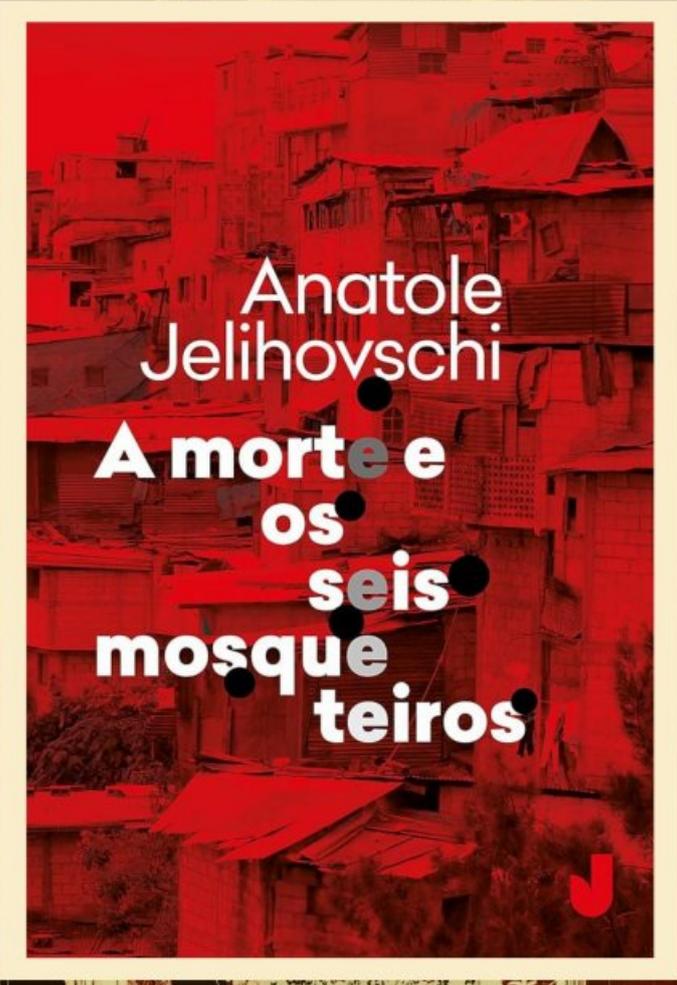
Natal de 77! Há muito o que lembrar!

Graças às emoções vividas, rompi o casulo e virei borboleta, com muita dor! A partir de tudo aquilo, “adolesci”... Hoje, Fênix, sinto-me “mutante”...

“Adolesci”, amadureci, cresci... Acho até que envelheci! ... Mas a menina de dez anos ainda está em mim, por isso, permito-me acreditar em papai noel.

FELIZ NATAL!

A morte e os seis mosqueteiros de Anatole Jelihovschi



Anatole
Jelihovschi
**A morte e
os
seis
mosque
teiros**

Em seu romance policial, Anatole Jelihovschi mergulha fundo no cotidiano das infâncias perdidas, dos relacionamentos partidos, das oportunidades que tantos ainda acreditam distantes demais da realidade.

A morte e os seis mosqueteiros é a história de seis garotos muito amigos de uma favela. Quando crianças, tudo era uma grande brincadeira. Os meninos gostavam de se imaginar nos mundos de capa e espada, ou na peça 'O fantasma da ópera', mas na verdade moravam em uma favela violenta, com bandidos e policiais trocando tiros e matando gente. Ainda quando a infância sequer os havia deixado, a violência e o tráfico na comunidade em que viviam, de uma forma ou de outra, acabariam por envolvê-los em uma teia de morte, assassinando seus sentimentos, valores e, principalmente, sua amizade.

Sobre o autor:

Anatole Jelihovschi publicou *Aves Migratórias* (Planetário, 2005), *Rio Antigo* (Rocco, 2009) e *A gorda* (Ímã Editorial, 2012).

Em 2003, foi um dos finalistas do Concurso de Contos do Prosa & Verso, caderno literário do jornal *O Globo*. Anatole nasceu em 1950, no Rio de Janeiro e ainda guarda 10 livros inéditos. Em seu site e nas fanpages gosta de contar como a literatura nasceu dentro dele, antes mesmo que o amor e a vocação para as ciências exatas. Anatole é autor do livro "A morte e os seis mosqueteiros" (Editora Jaguatirica, 2015).



Para adquirir o livro
ou saber mais:
CLIQUE AQUI

POR REGINALDO LEITE

APRESENTABILIDADE EM RUBEM VALENTIM

Em convergência com as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922 na cidade de São Paulo e agraciada com o título de certidão de nascimento do nosso modernismo, os cem anos de nascimento de Rubem Valentim são celebrados num momento ímpar, em meio à expansão das reflexões no campo da decolonialidade, efetuadas pela comunidade acadêmica em seus colóquios e publicações.

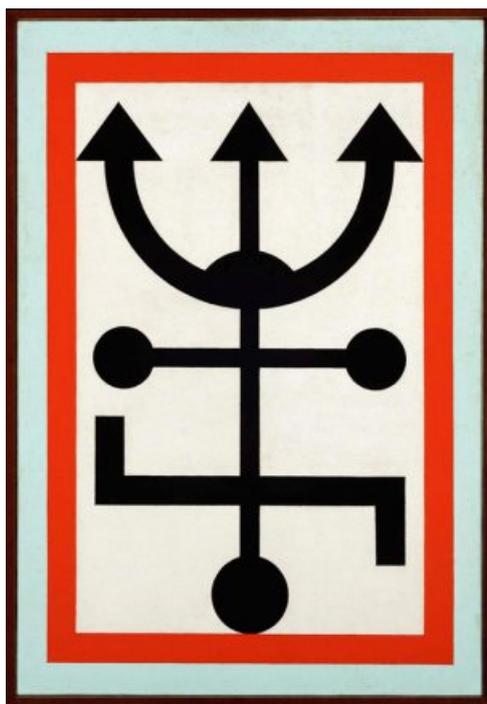


Figura 1. Rubem Valentim, *Emblema, logotipo poético (Exu)*, 1975. Relevo e acrílica s/madeira, 50,0 x 35,0 cm. Acervo do MAM/RJ. Fonte: Itaú Cultural. Foto: Miguel Pacheco e Chaves.

Em convergência com as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922 na cidade de São Paulo e agraciada com o título de certidão de nascimento do nosso modernismo, os cem anos de nascimento de Rubem Valentim são celebrados num momento ímpar, em meio à expansão das reflexões no campo da decolonialidade, efetuadas pela comunidade acadêmica em seus colóquios e publicações.

Neste artigo trataremos da vertente de Rubem Valentim sobre a negritude, por meio da sua produção, tendo como fio condutor o campo da decolonialidade. Entendemos que a teorização dessa temática teve início a partir dos estudos do professor Nelson Maldonado-Torres, com publicações datadas do início dos anos 1990 e traduzidas para o português décadas depois, no entanto, na arte brasileira, o tema fora abordado por meio das inquietações de artistas já nos anos 1960. Nossa proposta parte do pensar algumas posturas artísticas brasileiras, sob conceitos do professor francês Georges Didi-Huberman (1953) explicitados em dois dos seus livros - *L'image ouverte: motifs de l'incarnation* e *Diante da imagem*.

Rubem Valentim – artista preto que alicerçou sua trajetória artística nos símbolos, códigos e tipologias dos orixás do Candomblé e entidades da Umbanda –, mergulhou nas formas geométricas para discutir identidade, memória e negritude, utilizando-se de uma proposta estética vinculada à modernidade e ao pensamento da não-figuração dos seus personagens. Em 1963 mudou-se de Salvador para Roma, permanecendo em solo italiano até 1966, quando expôs com Waldemar Cordeiro (1925-1973), ano em que conheceu Giulio Carlo Argan (1909-1992). Nesse momento, fora criado o Museu de Arte Moderna de Roma – o qual teve Argan como principal curador – e três obras de Valentim foram

adquiridas para o acervo em formação. Ao voltar para o Brasil, continuou o mergulho em seus *signos-símbolos* por meio dos relevos pintados, tendo como fio condutor a abstração geométrica – resultado do que ele chamava de “substratos poéticos”, isto é, a presença dos elementos culturais das ruas e terreiros de Salvador. Eis algumas palavras do artista ao explicitar seu universo estético, criado a partir dos “substratos poéticos”.

Quando Rubem Valentim executou *Emblema, logotipo poético (Exu)*, Figura 1, em 1975, trouxe à discussão não só a relevância da invocação da tradição e memória afro-brasileiras – pois o trabalho parte do ponto riscado de Exu, colocando como protagonistas a ferramenta do orixá e a interseção de duas retas em um ponto, a chamada encruzilhada, as ruas de Exu – mas abriu portas para a abordagem do tema no campo da *apresentabilidade* em meio à construção de um *certo-saber*. *Não-saber*, busca por um *certo-saber*, *representabilidade*, *apresentabilidade* e *visualidade* são conceitos elaborados por Georges Didi-Huberman, e, suas definições, nos ajudarão a compreender os posicionamentos visuais dos artistas citados ao longo do texto.



Figura 2. Rubem Valentim, *Templo de Oxalá*, 1977. Relevos (totens) de madeira com acrílica. Acervo do MAM/BA. Fonte. CONDURU, 2012. Foto: Márcio lima.

Segundo Didi-Huberman, a imagem se configura como resultado de uma possibilidade estética, compreendido a partir de um dos três processos possíveis: *representabilidade*, *apresentabilidade* e *visualidade*. No processo de *representabilidade*, há a busca pela imitação, pela aproximação e representação das coisas visíveis do mundo físico. Ao definir o processo de *apresentabilidade*, Didi-Huberman o coloca como opositor em suas concepções antitéticas à representação. É o caso da arte abstrata, seja geométrica ou informal, que traz a cisão por meio da abertura com a tradição – aquela que se consolida no representar sobre o alicerce do *visível-legível*. Portanto, a *apresentabilidade* ganha corpo no intelecto expressivo, no qual forma e espaço são gerenciadores do processo criativo, e não mais o tema ou motivo legível.

Em *Templo de Oxalá*, Figura 2, Valentim busca na primazia da cor do orixá – o branco – e na experimentação do tridimensional a materialização de totens dos orixás do Candomblé, por meio da *apresentabilidade* dos signos-símbolos, ou seja, das ferramentas de cada entidade. No trabalho, buscou-se tornar presentes aqueles que não precisam e não devem ser representados em corpo-físico, segundo a compreensão africana. Apresentar e não representar.

Antes de continuarmos o embate com os *panos visuais*, nos debruçaremos nos livros *L'image ouverte: motifs de l'incarnation*, e *Diante da Imagem*, ambos de Didi-Huberman, para compreendermos os demais conceitos propostos aqui.

A primeira obra citada teve sua publicação original na França em 2007 e, até o momento, não possui tradução para o nosso idioma, tampouco lançamento previsto no Brasil. Entretanto, o livro teve sua gênese em 1986, quando Didi-Huberman escreveu o artigo *Chair, symptôme, ouverture* – “Carne, sintoma, abertura” – para o colóquio *Georges Bataille dans les années trente: le politique et le sacré*, em janeiro daquele ano. Tal artigo é um dos oito capítulos que compõem a obra publicada em 2007.

Numa das obras de Didi-Huberman, lemos que “(...) os livros, muitas vezes, são dedicados aos mortos”. Tal pensamento é engendrado para ilustrar a atitude de outro estudioso, Johann Joachim Winckelmann (1717-1764) que dedicou sua publicação *História da arte à produção da Antiguidade*. Segundo entendimento de Didi-Huberman, cronologicamente a Antiguidade morrera, mas não a necessidade de estudar a obra dos antigos. Estudar os mitos e trazê-los ao âmbito do *pano visual* – sejam eles gregos, romanos, africanos, orientais ou de povos originários das Américas – é um dos pontos abordados por Didi-Huberman em seus ensaios sobre anacronismo. Entendemos que o tempo anacrônico das imagens e o uso das referências afro-brasileiras são alguns dos sintomas dos *panos visuais* de Rubem Valentim.

Além de trazer questionamentos sociais e estéticos no campo da *apresentabilidade*, Valentim se preocupou em criar não só uma assinatura, mas uma estrutura do sensível, do imaginário preto, pela qual pudesse trazer a memória em detrimento do apagamento dos entes culturais de matrizes africanas.



Figura 3. Hélio Oiticica, *Parangolé P4 Cabo 1*, 1968. Retalhos de tecido e plástico em cores, 93 x 160 x 10 cm. Performance no MAM/RJ. Fonte: Arquivo fotográfico MAM/RJ. Foto: autor desconhecido.

Para o historiador da arte, os *panos visuais* de Valentim são documentos visuais, fontes de estudo sobre ancestralidade e perspectivas da memória da religiosidade de um povo asfixiado pela *colonialidade*.

Em Diante da imagem, Didi-Huberman apresenta conceitos como *representabilidade*, *apresentabilidade* e *visualidade*, entre outros. Já tratamos da *apresentabilidade* em Rubem Valentim, mas cabe tratarmos do processo de *visualidade* num trabalho específico de Hélio Oiticica (1937-1980).

Após seu retorno ao Brasil, Rubem Valentim conheceu os *Relevos Espaciais* de Hélio Oiticica – trabalhos com cores fortes em superfícies atectônicas e que buscavam romper com a bidimensionalidade da pintura, em seu “formato” tradicional. No entanto, o artista soteropolitano presenteou o amigo com alguns questionamentos. Valentim perguntou a Hélio se ele conhecia uma favela, se já tinha acessado algum morro carioca. Após o estranhamento de Oiticica com a peculiaridade da pergunta, respondeu que não. Foi quando Valentim o aconselhou a visitar, a conhecer e observar as tradições populares manifestadas e preservadas pelas pessoas de tal comunidade. Oiticica aceitou o desafio e conheceu o morro da tradicional escola de samba Estação Primeira de Mangueira, seus moradores, passistas, ritmistas, cabrochas e compositores. Depois de algum tempo de convívio, Oiticica criou a série de trabalhos *Parangolé*, Figura 3. Entrou em contato com Valentim e o colocou a par da sua criação. Então, o amigo lhe pediu para que antes de se apresentarem no interior do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, os passistas da Mangueira deveriam saudar, em ambiente aberto, a um grupo de entidades da Umbanda conhecido como “povo da rua”, pois, o trabalho fazia alusão aos Exus com seus retalhos de tecidos, os esfarrapados. Tal consideração também se sustentava, pois os corpos emprestados, que davam vida à experimentação, pertenciam ao povo que se manifestava nas ruas noturnas do centro da cidade, onde aconteciam os desfiles da agremiação carnavalesca.

Segundo Didi-Huberman, a *visualidade*, é fruto de um processo que se distancia da *representabilidade* e da *apresentabilidade*, ou seja, da representação do mundo físico e da abstração pela expressão geométrica ou informal. Se observarmos os *Parangolés*, a *visualidade* se materializa na linguagem performática do trabalho, na junção de corpo e obra, no ir além do visível-legível, na imprevisibilidade dos movimentos adotados pelo público-participante, na concretude do não-domínio do artista sobre a obra. O trabalho ganha autonomia nos campos espacial, social, formal e decolonial.

Portanto, é importante ressaltar a relevância de Rubem Valentim para nossa arte moderna, mas não só isso, para nossa contemporaneidade artística, de pensamento e de autonomia estética. Em síntese, o ano do seu centenário, marca a trajetória das discussões sobre as tradições culturais do povo preto e indica os possíveis caminhos para a construção das perspectivas historiográficas em nossa área do conhecimento.

REFERÊNCIAS:

BULHÕES, Maria Amélia. *Arte Contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2019.

CAMPOS, Marcelo. *Escultura Contemporânea no Brasil: reflexões em dez percursos*. Salvador: Editora Caramurê, 2016.

CATTANI, Icleia Borsa. *Arte moderna no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CONDURU, Roberto. *Arte Afro-Brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'image ouverte: motifs de l'incarnation*. Paris: Gallimard, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *La Descolonización y El Giro De(s)colonial*. Chiapas: Universidad de La Tierra, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Decolonialidade e Pensamento Afro-Diaspórico*. São Paulo: Autênciã, 2018.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Arte no Brasil: anos 20 a anos 40*. Rio de Janeiro: Editora Barléu, 2021.

VALENTIM Rubem. “Manifesto ainda que tardio”. In: FONTELES, Bené; BARJA, Wagner (Org.). *Rubem Valentim: artista da luz*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001.



Reginaldo Leite é cenógrafo, escritor e historiador da arte. Com mestrado e doutorado em Artes Visuais (UFRJ), tem pós-doutorado em História da Arte (UERJ) e em Patrimônio, Cultura e Sociedade (UFRRJ). É professor de História e Teoria da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA/UERJ). Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), vinculado ao Comitê Internacional d’Histoire de l’art (CIHA), dedica-se ao estudo do *pathos* e das paixões na pintura dos séculos XIX e XX. Autor de seis livros e de artigos publicados em periódicos acadêmico-científicos.

O PRESENTE



POR DANIELA BLOC

Já é Natal...

Eu aqui sozinho
Fitando o horizonte...

E antes que o dia desponte...
Antes que os primeiros raios de sol se insurjam
Contra as nuvens diáfanas
Refratando luz
Espetáculo de rara beleza!

Olho para a nossa farta mesa
E penso
Que é hora de abrir o presente mais esperado...
De papel um tanto amarrotado
Amarrado com barbante.

E os pedidos?
Iam para distante destino
Vinham do semblante
De cada menino
De cada insulto
De cada desumanidade
Que a humanidade desmerece
De cada clamor oculto
Em suas feições
Que eram na realidade
Desesperadas orações
Feitas em segredo
Uma dolorosa prece
Lançada como as bombas
Rajadas de medo
Esperanças metralhadas
Evidenciadas
As escandalosas mazelas humanas
Destruindo a Terra
Nas batalhas insanas
Na inclemente guerra



Ei, Papai Noel...
Vê se nos traz
Nesse pacotinho embrulhado:
Somente a paz!



BIOGRAFIA DA AUTORA

Daniela Bloc é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da educação. Tem especialização em Psicopedagoga pela Unichristus. Tem um livro infantil publicado e participações em revistas e antologias.



INVICTVS

POETAS QUE SOBREVIVERAM À PANDEMIA



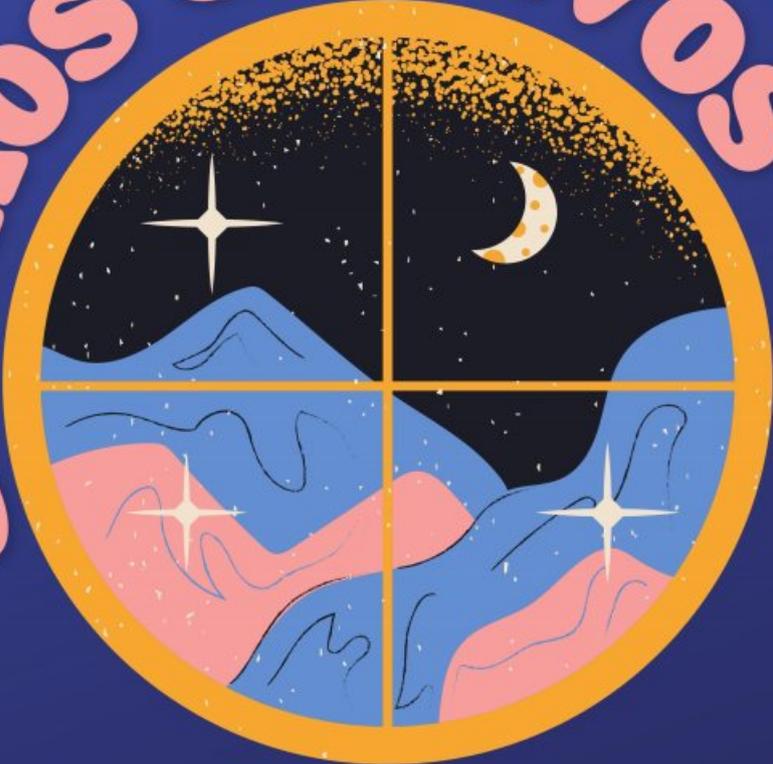
Uma amostra da produção poética brasileira em tempos pós-pandêmicos.

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com

Sonhos elusivos



POR GILMAR DUARTE ROCHA



Subi e desci morros; atravessei o deserto; deparei-me com um oásis; mas no oásis não havia água, estava tudo seco. Vi um túnel estreito ao lado oásis e vi que havia uma luz avermelhada no fim do túnel. Saí no fim do túnel e deparei-me com a estrada de cor magenta que me levava direto até Jericó. Vi uma grande muralha separando o deserto da cidade e vi Josué com homens armados até os dentes, todos eles portando enorme trombetas e tocando os instrumentos com muita força e um imenso barulho pôs abaixo a grande muralha que separava o deserto da cidade em questão de minutos. A muralha se desintegrou e virou farelo. Os homens de Josué avançaram e eu os segui. Ansiava ver as águas azuis do Mediterrâneo, mas só vi matéria orgânica vermelha espalhada em todo o lugar. O que era dia virou noite de repente e o sol da madrugada se escondia da pirotecnia enlouquecida. Tudo era destruição e morte... Oh! ... De repente eu acompanhava Moisés que seguia em procissão através de um túnel aberto no mar Vermelho, fugindo de milhares de esfinges com focinho e potentes dentes de sabre. Moisés com sua longa barba branca e o seu potente cajado nos guiava e parecia que estávamos levitando através daquele enorme vácuo submarino. Quando ele viu a saída do túnel, bateu o cajado no solo do mar seco e as águas do Mar Vermelho engoliram as sanguinárias esfinges. Chegamos finalmente na saída do túnel e não nos deparamos na Terra Prometida e sim num universo de areia e solidão margeado por enormes construções de vidro e concreto e torres de petróleo. Moisés, enlouquecido, subiu na primeira grande duna de areia; entrou em transe e proferiu 1.114 mandamentos. Nenhum deles falava de paz... Oh! ... Do outro lado do universo de torres e riquezas, além do Golfo Pérsico, o Rei Davi enfrentava um gigante que não era filisteu, que não era de raça alguma, que possuía olhos amendoados e que representava uma raça com mais de um milhão de soldados. Eles tinham a chave para o controle do mundo. Eles tinham Gengis Khan como rei. Eles tinham conhecimento de tudo. Eles se comportavam como autômatos... Eles iam dominar o mundo. O rei Davi ajoelhou-se nas areias abrasivas do deserto, clamou para os céus e chorou.... Oh! Como num passe de mágica, eu fui parar num castelo medieval de aproximadamente 10.000 metros quadrados perto da região dos Alpes suíços. Tinha de tudo nesse castelo. Na realidade era um palácio real egrégio, pleno de pedrarias, ouro, prata, diamante, uma riqueza sem fim. Degustava os melhores vinhos de França, Domaine de la Romainée, Domaine Leroy Musigny, Domaine Leflaive Montrachet, Egon Muller. Sentava-me ao lado do rei e desfrutava da companhia de Brigitte Bardot, Anita Ekberg, Catherine Deneuve, Cláudia Cardinale, Ava Gardner, Anna Magnani, Jane Fonda, Michelle Pfeifer, Júlia Roberts, Ana de Armas. Perguntei ao rei se poderia compartilhar o paraíso a vida toda. “Você já leu a obra de John Milton?”, ele me perguntou. Não havia lido Milton, o cego e pragmático, havia lido Dante, o poeta e visionário, em cuja obra o diabo não tem vez... Oh! ... Catapultado para as terras de Tio Sam, tentei entender porque os descendentes dos anglo-saxões brigavam eternamente entre si e com o resto do mundo. Resolvi tirar essa dúvida diretamente com Abraham Lincoln. Abe me respondeu com um velho e conhecido bordão: “O ouro afunda no mar, madeira fica por cima”. John Wilkes Booth não sabia disso. O Fort Knox não foi construído à toa. Deus salve a Rainha e Tio Sam... Oh! ... De repente caio num ringue de UFC e estou escalado para lutar contra o Minotauro, a Medusa, Pandora, Tifão, Cronos, todos ao mesmo tempo. A quem pediria ajuda? A Zeus? Escolhi Cassius Clay, o

imbatível. Cassius me ajudaria, na pessoa de Muhamed Ali. 1,2,3,4,5,6,8.... Cassius (ou Ali) permanecia desacordado no ringue e eu não sabia a quem recorrer. Estava acuado nas cordas. De repente aparece frei Damião, mais envergado do nunca, e bate o seu cajado três vezes no tablado. Todos os seres malignos contra quem lutava desapareceram de vez. Evaporaram no ar. Virei para o religioso e indaguei: “O que o senhor fez para destruir todos esses seres do mal?”. O frade saía de fininho do ringue e antes de desaparecer na multidão, virou para mim e disse: “Tenha um pouco de fé, meu rapaz” ... Oh! ... Liberto Dom Quixote de Cervantes e saio pelas pradarias da Ibéria tentando ensiná-lo o que é certo e o que é errado; o que existe de verdade e o que é ilusório. O cavaleiro de miolo mole parece não entender nada e, ao contrário, do que eu pretendia, ao invés de ficar lúcido, começa a dizer sandices, uma atrás da outra. “Você é da Terra do Sol? Onde Deus e o Diabo vão terminar a peleja?”, perguntou-me o homem de La Mancha. Fiquei sem argumentos. Não sabia o que responder, nem o que o que fazer com aquela criatura insana. Devolvi-o imediatamente às páginas do livro do escritor de Alcalá de Henares... Oh! ... Então vi Salomão, em Jerusalém, nos seus últimos dias de vida, rodeado de uma prole imensa de filhos, netos e agregados. Escrevia o seu último livro. Perguntei-o para que servia aquelas páginas que ele chamava de Eclesiastes, pois o que continha naquelas linhas tortas parecia uma espécie de delírio, confissões de um senil, ou coisa que o valha. “Algum dia alguém vai entender essas minhas palavras, ó ímpio”, o último grande rei dos judeus me respondeu sucintamente. Acordo...



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





NATALINA

POR BERT JR.

Salve
nasceu menina
de nome Jesuína
a mãe trabalhou no parto
igual a nos outros dias
com fé que num deles surja
um pai para a sua filha

Salve
nasceu menina
de nome Jesuína
os reis não viram o fato
ocupados consigo mesmos
mas vizinhos trouxeram um
prato
de arroz com feijão e torresmo

Salve
nasceu menina
de nome Jesuína
vem colorir a manhã
de um século que ainda inicia
vem colocar um sorriso
onde falta bem mais do que isso





**Salve
nasceu menina
de nome Jesuína
os prodígios que ela fará
não se importam em adivinhar
exceto um mendigo cego
que mora na porta de um bar**

**Salve
nasceu menina
de nome Jesuína
prometendo que no futuro
o cego que a viu, verá
que irá cursar medicina
pois um milagre acontecerá**

**Salve
nasceu menina
de nome Jesuína
da esperança que ela se salve
com irmãos, primos e tias
e possamos quem sabe um dia
sentir-nos todos família**

N.A.: “Natalina” faz parte de Vi&Verei (Labrador, 2023).

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, Do Incisivo ao Canino, e um segundo livro de poemas, intitulado Nevoandeiro. Em 2023, publica Vi&Verei, contendo poemas curtos, frases e axiomas, e Sem pé com cabeça, uma antologia de crônicas humorísticas. Vem colaborando com as edições mensais da revista eletrônica Conexão Literatura. Para 2024, planeja publicar seu primeiro romance. Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.





VERÃO

POR GIANNI MARIA CARNEIRO

O dia hoje esteve turvo; muita neblina, pouco sol e mais frio do que calor. Um dia típico de inverno, embora estejamos na primavera e logo começa o verão.

Ah o verão: mar, areia, água de coco e cerveja gelada; noites de músicas, passeios, encontros nos bares, nos saraus, conversas com amigos ao redor de uma mesa, com petiscos e geladas.

Tudo isso é verão.

Mas o fenômeno El Niño, mais as mudanças climáticas, acentuadas pelas ações humanas, e, não só acentuadas, mas provocadas, tem nos tirado as delícias do verão; como passear de mãos dadas, sentar-se nos bancos das praças, só para apreciar a noite ou o dia, sem a necessidade de estar escondido debaixo dos casacos.

É, estamos numa era de mudanças radicais e fica a pergunta; o que será do nosso mundo e da humanidade, se as coisas continuarem assim?

E é como se apenas algumas pessoas se dessem conta do perigo que estamos correndo; e os governantes só se importam em chegar ao poder, e quando estão lá, nada fazem de mais concerto e constante pela preservação do meio ambiente.

O mundo todo está nessa tomada, de fazer reunião de cúpula, com manifestações dos ambientalistas, mas de concreto para freiar o aquecimento global, zero.

A continuar dessa forma: queimadas, poluição, extinção da fauna, o nosso mundo será um grande deserto, e, a humanidade uma doce saudade.



Meu nome é **Gianni**, gosto de literatura, natureza, animais, ópera e cultura no geral. Sou escritora e tenho textos classificados em concursos e publicados.

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,
NÓS FAZEMOS ISSO
PARA VOCÊ!



SAIBA MAIS ↑

DIVULGUE PARA + de 800 mil leitores
POR R\$ 150,00

ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com

www.revistaconexaoliteratura.com.br

UMA SINCERIDADE...

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ao “avesso” do que muitos “poetas” poetizam
Declamando infante
Deixando aflorar inevitáveis dores
Ao trânsito por “efêmeros” amores
Acredito que tais palavras, de forma elegante
Possam, por si só, cada uma pulverizar
Como, no após madrugada, a Aurora sorridente faz
Suavemente, se evapora, pois cada gotícula “jaz”
Sem nada reclamar
Abandonando para trás
Toda sua vida... “formação”
No tão apreciado “coração”

A discordância vem “bordada” na exata beleza do amor
Da forma que acontece ou for
Em qualquer momento
Na semente formada no pensamento
Crescendo bem de mansinho
Com o “Jardineiro” dando seu jeitinho
Seja no piscar... acariciar...
Ou na “dengosa” maneira do aconchegar
Com pedidos atendidos esquecendo alguma “dor”
Ah! No final, quão gostoso ter vivido o prazer do amor
E, do ato, se porventura “maltrapilha”
Que bom! Outra vez tentaremos por outra nova “maravilha”

TAMANHA “PAIXÃO”

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Nesse imaginado “poético” azul Mar
Ao belo “Cais” tento aportar
Aquela, por tempos, vivida “Paixão”
Que tanto mal vem fazendo ao meu coração

Na embarcação para a viagem
O singelo barco motorizado pela “Poesia”
Ajudou-me nos sussurros... nas mensagens
Ao enfrentamento das “tormentas” no dia a dia

Com dificuldade lá aportei
Sem poder segurar a emoção... muito chorei
No retorno, inúmeros pensamentos
Fatos como vida vivida... cada momento

Nesse imaginado “poético” azul Mar
Voltei ao “Cais” desesperada
Pois com meu interior vazio (sem forças) indagava
Que tipo de outra “dor” ali colocar

Novamente lá aportei
Alegre... saltitante... de emoção como chorei
Em meio a outras presentes abracei a minha
“Paixão”
Radiante de alegria a recoloquei no meu coração

No retorno, tempestade passada, conversamos
No assunto, brincadeiras, lembranças havidas,
como amamos!

Ao final, feliz reviveu alegremente a “Paixão”
Conseguindo salvar o quase morto “meu coração”

A DESPEDIDA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Olhos embaçados
Nada consigo enxergar
Lágrimas procuro segurar
Lamento: os “cuidados”

Com sinceridade
Deveria deixar correr
Pelo rosto... pela face
Sem nada amortecer

Nenhum disfarce
Ter
Mostrar ao coração toda a verdade
Esta a sinceridade a tudo reconhecer

Muito mais ainda acreditei
Juras de amor
Outras mais... nem sei
Causando-me esta dor

De lágrimas... com o rosto lavado
Nada mais será de mim
A não ser meu “cuidado”
De não chorar ao partir... pondo neste amor o fim

Assim... fingindo me amar
Ensaçando um pedido de perdão
Não quero mais lhe escutar
Machucou intensamente meu coração

AS NUVENS DO CÉU

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Olhe bem do Sol a Luz
Expulsando do Céu a escuridão
Nuvens escuras correm para outro lugar
Clareando sua vida para amar

Mostra-se limpa a estrada
Para amar
E... ser amada
Lindo caminhar

Procure... pois... dar graças ao "Céu"
Pelo azul que irá se tornar
Transformando todo o escuro "Véu"
Em um espaço florido a viver, aproveitar

Assim... sobre a vida deve pensar
Conserve com o coração
Dê intimidade
Seja sincera

Irá sorrir...falar...
Mais uma vez dando-lhe a mão
E você o abraçará de verdade
Esquecendo a "tal" palavra do pudera

O tempo vai passar
Alegre irá ficar
O tormento do mar... nem virou tempestade
E da calma... sim... terá grata saudade

Aí... tudo serão flores
Sorrirá junto com seus amores
As nuvens escuras do Céu
Desaparecerão como um transparente Véu



UM CONSELHO

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

O começo do nosso amor
Baseou-se em um viajar de sonhos... alegrias
Desconhecia-se a dor
Somente folias

“Cravado” de forte amizade
Primava também a sinceridade
Navegando em um espírito de bondade
Era um viver sem “saudade”

O tempo passou pela gente
De você houve o descuido do amor
E o forte producente
Transformou-se em enorme dor

O acontecer
Trouxe em mim um repensar
Não dando para viver
Olvidando o sentido de amar

Superou o que sou capaz
Nosso sentimento não é o mesmo de tempos atrás
A alegria de sonhar
Súbito, em segundos, ao tormento deu lugar

Melhor será... seguir outro caminhar
Surgirá outra pessoa para amar
Tente conduzir no coração
O que foi bom... trazendo emoção

Pois na verdade
Estou certa
Desse tempo terá saudade
Se alguma porta estiver aberta

DESSAS LEMBRANÇAS

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Nesta varanda, ao “perfume” do anoitecer
Deliciosamente, acordam na minha cabeça
Como não! Para que nunca esqueça
Belos momentos do nosso viver
Envolvendo seriedade
Também, o quanto de “brava” que ficava, pelos lábios
enrijecidos
Ou então demonstrando felicidade
Por estarem amortecidos... ardentemente “mordidos”

Súbito, faz amanhecer no meu interior
Embalsamados pelo sentimento de amor
Os sorrisos “gargalhados” ... constantes
Que mais copiavam a força das ondas do “Mar”
Naquele incansável do ir e voltar
Sem parar a cada instante
Ficando em “Escritura” o encanto das “cavinhas”
Com aquela “propriedade” de somente minhas

Na beira-mar, dos cabelos esvoaçados se vangloriava
Envoltos... embaraçados pela brisa, como se deliciava
Muitas das vezes cobertos por grãos de areia
Sorrindo, se “travestia”, ao se comparar à “sereia”
Assim, em corrida partia
Pulando, passo a passo, sobre as águas e muito sorria
Brincando com o “fantasioso” Mundo a mergulhar
Afirmado desejar de amor, por mim se “afogar”

Como outras, são lembranças que “nascem” machucando ao
coração

A cada existência... olhos embaçados pela emoção
Sem esperar

Mas acredito até... por desejar
Lágrimas concretizam o choro “sombrio”
Aproveitando o balançar da cadeira, corpo coberto pelo
então frio

Veza por outra, em algumas passagens, o “danado” sorriso
de felicidade

E, sem cochilar, olhos molhados, mas bem abertos, como
senti renascer a beleza da “saudade”

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Bando do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – e, no exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: [joaquimgouvea_](#)

Email: mjgouvea@hotmail.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. IV

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. IV

E-BOOK

SELO CONEXÃO
LITERATURA

saiba mais: clique aqui



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE
PARA + DE
800 MIL
LEITORES**

R\$ 150

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**

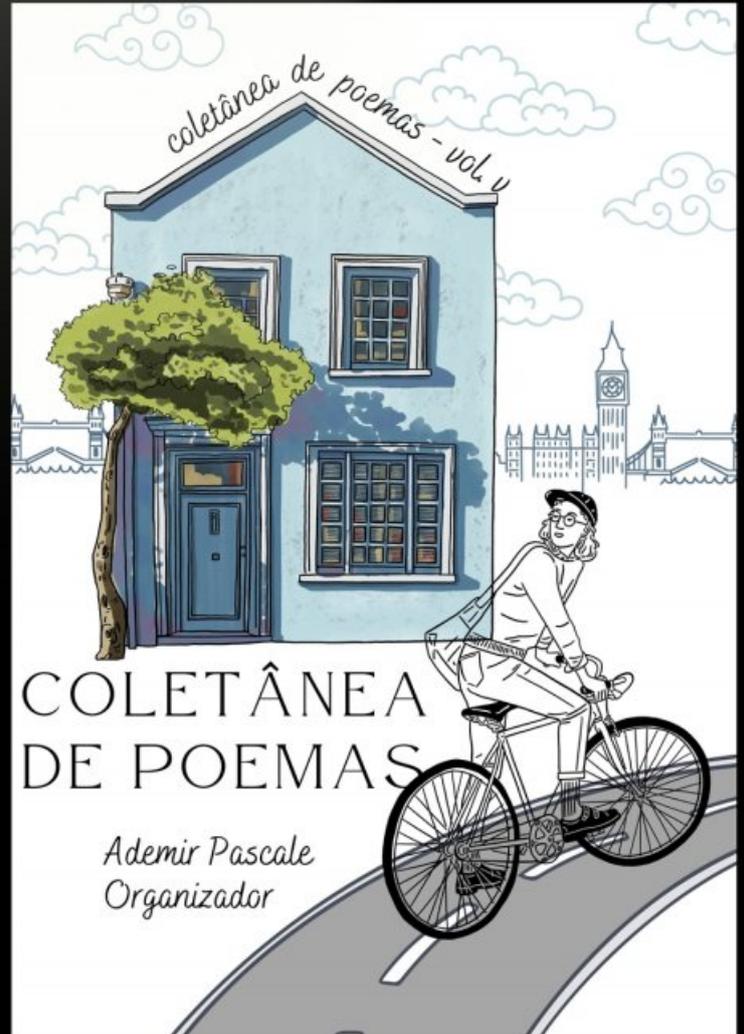


WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademirpascale@gmail.com**

DICAS PARA LEITURA

TEMPO DE AMAR, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

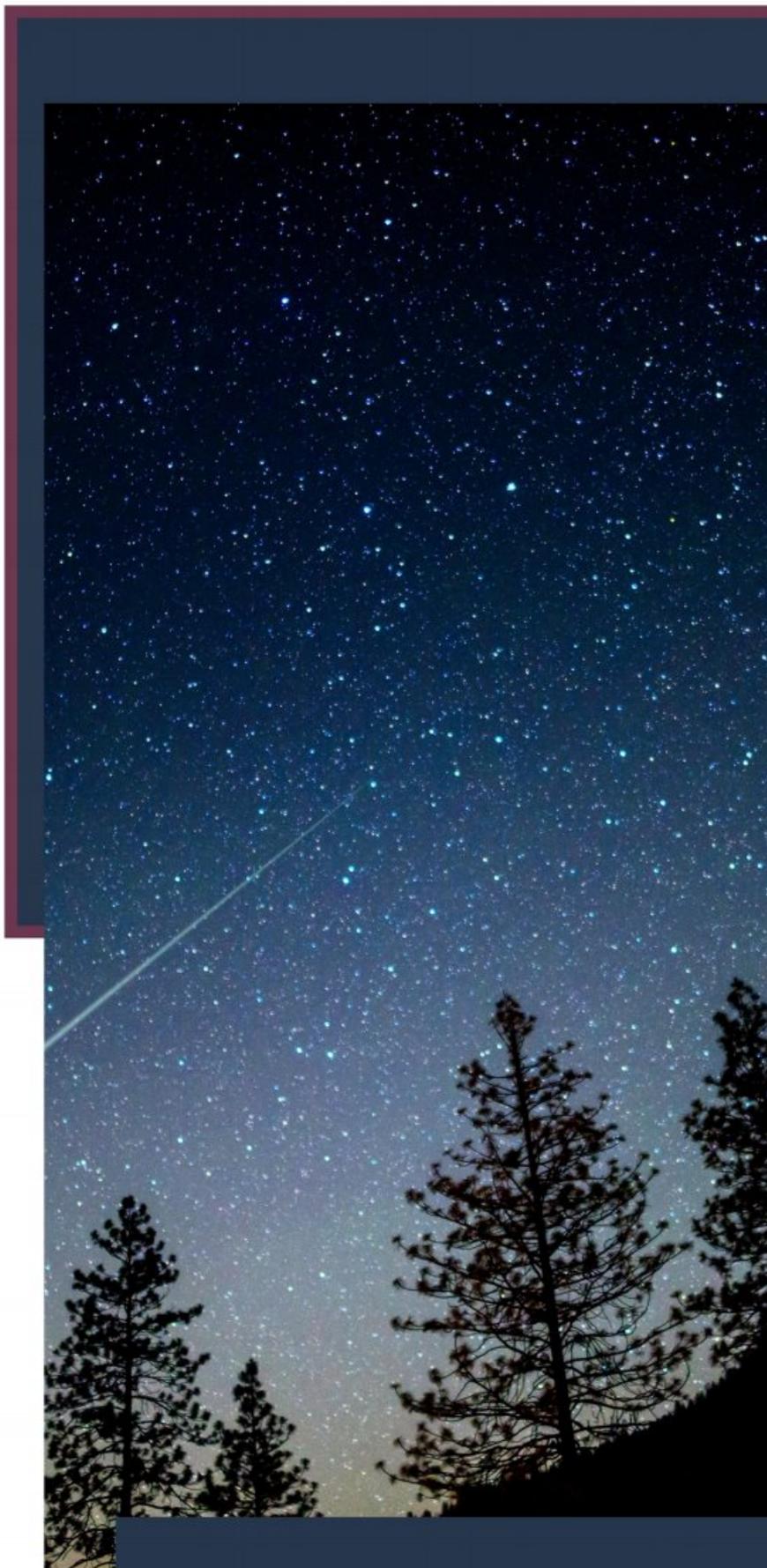


COLETÂNEA DE POEMAS, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE ESTRELA...

Por SÍLVIA GRIJÓ

e assim,
a vida vai seguindo,
a fila vai andando
(sempre)
sem nenhum pudor,
sem nenhuma preocupação,
o tempo vai passando
e passa muito rápido,
sem dar satisfações
os minutos correm a passos largos
as horas, descontraidamente voam,
e nesse viés de passagens,
o tempo me confunde,
quando traz de volta
algumas lembranças...
Lembranças fatídicas
daquela noite,
daquela ESTRELA brilhante
que emudeceu... Apagou
na árvore daquele Natal
que você não mais voltou...



É NATAL - QUE TAL!?

Por SÍLVIA GRIJÓ

Então é Natal,
Que tal
Um abraço apertado, carinhoso,
Sem pressa de finalizar,
Então é Natal,
Que tal
Um olhar nu - olho no olho
Bem profundo - na alma,
Então é Natal,
Que tal
Muitos beijos intensos,
Calorosos, verdadeiros...
Então é Natal,
Que tal
Um louvor, uma oração,
Uma significativa reflexão
(sobre as dores do mundo),
Que venha do coração
(pureza)
De tudo, verdadeiro...
Então é Natal,
Que tal
Tornar o Natal real,
Fazer o Natal acontecer
DIARIAMENTE - Renascer...



SOL ARDENTE

Por SÍLVIA GRIJÓ

Após vários dias sombrios,
frio em demasia,
o sol dar o ar de sua graça,
acompanhado de uma brisa suave...
só me resta correr
e me entregar ao seu calor
que (aqui) tanta falta me faz...
Então,
rendo-me ao seu aconchego,
às suas carícias
que tanto bem e prazer me trazem...

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anori-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra **MULHER À FLOR DA PELE**/EditoraPalavradaTerra. É coautora em 02 Audiolivro, 05 E-books, 09 cordéis, 45 Antologias. É membro efetiva das confrarias-ACILBRAS,ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM e Grupo “Formas Em Poemas”; atua nos Projetos “Musicalidade Poética”, “Literatura Caminhante”, “Movimento Patologia Cultural”. Fundadora da Cordelteca em Anori-Am.Foi condecorada com os prêmios: "Arara Cultural 07/22; "22° Prêmio Cidade de Manaus,10/22", Homenagem de Honra ao Mérito, dezembro/2022, da ABMCJ Região Norte; "Premium Internacional da Amazônia/2023, Prêmio Literário "Pena de Ouro-AM, 07/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa, cuidadora da Terra e das flores. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

Instagram: @silviagrijocavalcante

Facebook: Sílvia Grijó Cavalcante

WhatsApp (92) 98250-6477

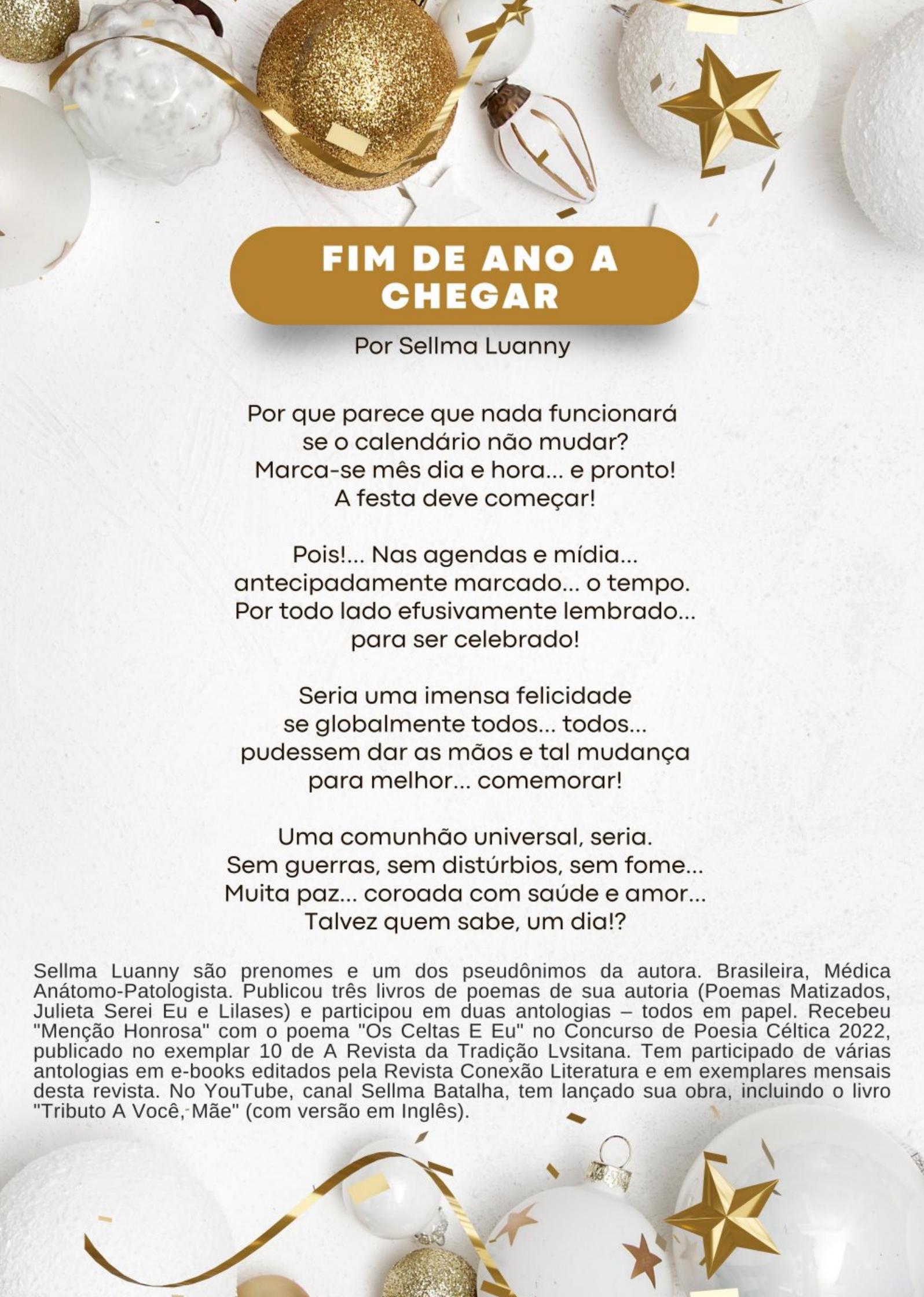


ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL



FIM DE ANO A CHEGAR

Por Sellma Luanny

Por que parece que nada funcionará
se o calendário não mudar?
Marca-se mês dia e hora... e pronto!
A festa deve começar!

Pois!... Nas agendas e mídia...
antecipadamente marcado... o tempo.
Por todo lado efusivamente lembrado...
para ser celebrado!

Seria uma imensa felicidade
se globalmente todos... todos...
pudessem dar as mãos e tal mudança
para melhor... comemorar!

Uma comunhão universal, seria.
Sem guerras, sem distúrbios, sem fome...
Muita paz... coroada com saúde e amor...
Talvez quem sabe, um dia!?

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

ENTREVISTA COM ALESSANDRO SATO



Alessandro Sato

“Esta obra busca a união da poesia e da narrativa, tornando-se em verdadeiro romance poético. *A poesia de uma vida* só transforma a trajetória de seus personagens, mostrando que em cada um de nós há um mundo poético escondido em meio a todas as intempéries pelas quais passamos.

A poesia está contida em uma vida só? Em uma única vida? Ou é uma vida na perspectiva de uma pessoa sozinha ou solitária? Não importa! A realidade nos mostra que é possível nos sentirmos sozinhos em meio a uma multidão. E, por outro lado, sentimo-nos completos na solidão de um quarto vazio. Tudo depende do que nosso coração nos traz.”

Alessandro Sato

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alessandro Sato: Foi muito rápido. Apesar de sempre gostar de escrever, decidi publicar “A poesia de uma vida só – Um ensaio poético” já em tenra idade. Precisamente, final de 2022. Na mesma noite, escrevi a prosa e os versos da obra. No outro dia já encaminhei o original à editora, e, pronto, uma viagem autobiográfica pronta para ser vivida por todos.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "A poesia de uma vida só: um ensaio poético". Poderia comentar?

Alessandro Sato: Sim, foi uma inspiração singular. Tive a ideia de unir prosa e poesia em uma obra só. É um romance poético. Alguns podem dizer que foi um mergulho nos recônditos de minha mente, minha história, minha vida. É claro que não foi uma narrativa de meu passado, mas trago o que senti nessa obra.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Alessandro Sato: O processo de criação, em mim, é muito peculiar. Fiz de meus pensamentos e sentimentos o combustível de minha obra. A composição de letras mais que agradável. Mas já adianto: não escrevi o livro só para vender.

Quero que as pessoas sintam o prazer de sua leitura. Um sonho.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Alessandro Sato: Claro. Segue um dos poemas que recheiam a obra.

Passeio pelos seus pensamentos como se meus fossem.
Não tenho outras distrações.
Somente ilações passageiras
que se confundem com as suas orações
e sua vida inteira.

Amas o inaceitável, o pueril.
Não aceito, pois sou infantil.
Esqueço que a liberdade para amar
é a verdade mais profunda,
que confunde o fraco a ponto de se matar.

Tangencio tua nudez com minha imaginação.
Sem querer, vejo aquilo que sempre queria ver.
Uma noite fria que se esquenta;
Uma vontade que não se aguenta;
O êxtase...

Não sei se o que dizes é verdade.
Apenas por ingenuidade cultivo tua fluidez.
Esqueço que és mulher,
portanto vaidade.
E que por quase nada
uma atrocidade podes cometer.

Sou apenas um menino tolo.
Um louco sem caráter;
Um passageiro que perdeu a passagem;
Uma pobre alma que vaga perdida,
à noite, aturdida.
Mas com a mente ensolarada.

Então não me diga o que fazer,
se nem ao menos sentes prazer
quando digo no seu ouvido bem devagarinho,
com toda pompa e todo o carinho,
que te amo de morrer.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alessandro Sato: Para adquirir um exemplar, tanto digital quanto físico, é só consultar pelo buscador (Google, Yahoo, DuckDuckGo, etc.), digitando apenas “A poesia de uma vida só – Um ensaio poético”.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Alessandro Sato: Um sentimento que eu tive. Persevere para a concretização de seu sonho. Escritor que é escritor de verdade tem que acreditar no seu sonho, naquilo que escreveu. Não deixe as outras pessoas dizerem que sua obra não presta. O mundo é cheio de opiniões. Não deixe isso te parar. Vá em frente.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alessandro Sato: Sim. Muitos projetos. Quero, primordialmente, que tantas pessoas quanto possível possam ler minha obra e gostar dos versinhos ali transpostos, que vieram do fundo d’alma. Quero continuar escrevendo; esse é o sonho.

Perguntas rápidas:

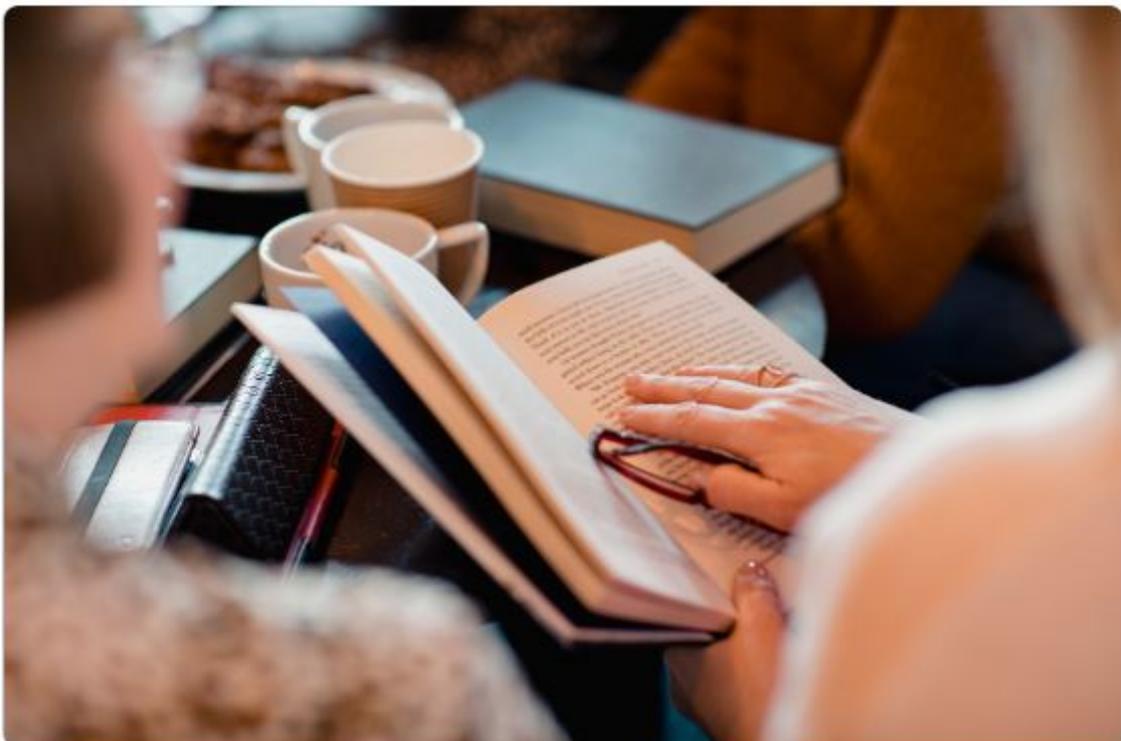
Um livro: O lobo da estepe, de Hermann Hesse

Um ator ou atriz: Robert De Niro

Um filme: As palavras nas paredes do banheiro.

Um hobby: Música.

Um dia especial: Hoje.



ENTREVISTA COM GABRIELE SAPIO



Gabriele Sapiro

- Graduação em Direito – UFPI – Teresina-PI (1992);
- Mestre em Direito Constitucional – UFC Fortaleza-CE (2005);
- Doutor em Ciências Jurídicas y Sociales – UMSA, Buenos Aires, Argentina (2015);
- Professor Efetivo do Curso de Direito na Universidade Estadual do Piauí – UESPI;
- Tradutor Público Juramentado na Língua Italiana junto á Junta Comercial do Estado do Ceará – JUCEC;
- Local de Nascimento: Napoli – Itália / Data de Nascimento: 15/04/1969.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gabriele Sapio: Na verdade enveredei para o caminho das letras de uma forma nada comum e inusitada, pelo simples fato de que tudo começou a partir de vários sonhos fantásticos e incríveis experiências oníricas, que tive desde os anos da minha infância, sobretudo em razão da grande emoção, entusiasmo e inspiração que uma experiência extraordinária em forma de sonho lúcido que tive exatamente 20 anos atrás. Este sonho fantástico, o Peregrino de Antares casou com uma belíssima, magnética, sedutora e carismática alienígena, procedente do sistema estelar de Antares, cujo nome é Wyna. Foi a partir daí que me entusiasmei e me inspirei tanto que surgiu a ideia de contar essa belíssima e incrível estória, que acabei transformando num livro e com isso realizei este meu grande sonho.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Wyna, daqui a três estrelas”;. Poderia comentar?

Gabriele Sapio: Sim, eu sou o autor do Livro de Ficção Científica – Wyna, daqui a três estrelas. O livro trata da estória fantástica de um terráqueo ou seja do Peregrino de Antares, que é escolhido, selecionado, preparado e treinado para um dia no seu futuro poder contatar a Wyna (por meio de um fantástico e inusitado primeiro contato – First Contact) e com isso não apenas proporcionara a ele o contato com essa deslumbrante e belíssima antariana de nome Wyna mas também o prepararão e treinarão também para ser o marido dela para que finalmente juntos possam realizar uma missão de notável relevância para efeitos de se garantir o futuro positivo e brilhante da humanidade do planeta Terra. Devemos aqui frisar que a Wyna é apenas uma ET encarnada aqui na Terra, ou seja tem apenas o corpo de humana, mas a alma dela é antariana, pelo simples fato de que as altas esferas cósmicas e espirituais do Universo a encaminharam para cá mas somente na dimensão anímica ou seja como alma. Efetivamente, ela nasceu no nosso planeta, mas tem alma antariana e uma personalidade igualmente complexa, magnética, carismática e sedutora além de enigmática e com bastante carga de mistério a ponto de ela e dele necessitarem se valer de uma espécie de identidade secreta todas que ela e o Peregrino de Antares tiverem que lidar com questões cósmicas e direta e indiretamente relacionadas com a missão a ser levada a cabo por ambos numa data e local do futuro ainda indeterminados, ou seja nestas circunstancias específicas adotariamos uma espécie de identidade dupla como o Clark Kent é para o Super-Homem.

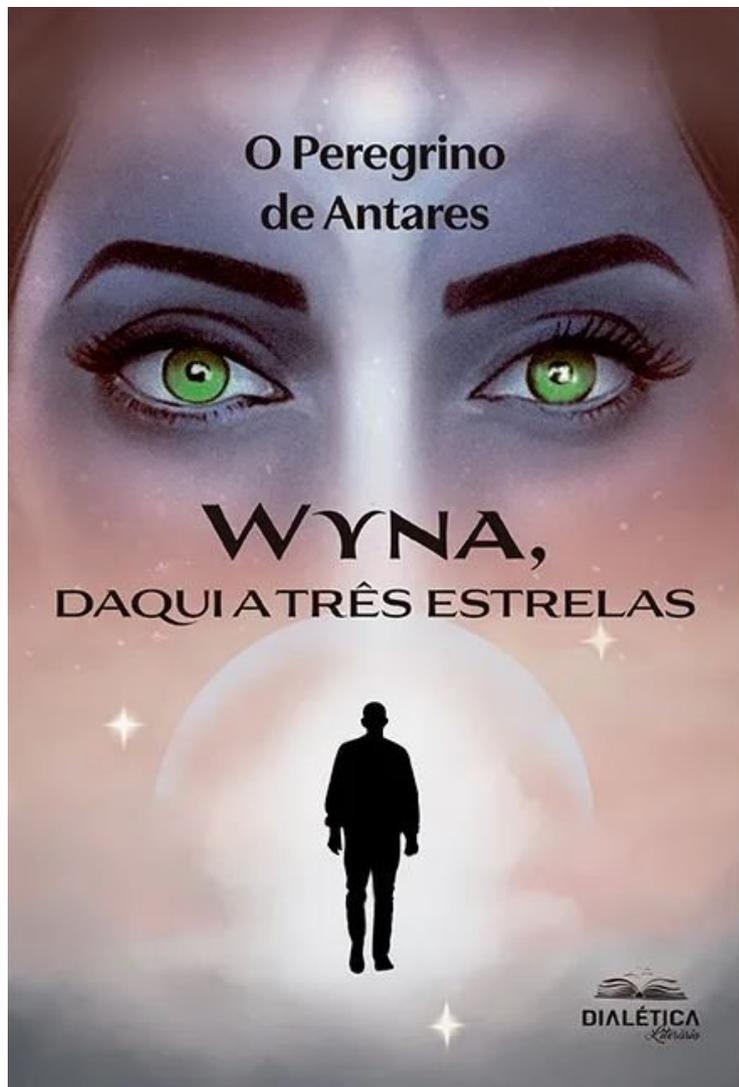
Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Gabriele Sapio: Basicamente, eu me inspiro nas minhas ideias e sugestões, que são geralmente uma consequência tanto de uma espécie de instinto e conexão com a inspiração decorrente dos meus sonhos fantásticos, como de ideias que me veem a cabeça, que tenham relação direta e indireta com estas estórias fantásticas e incríveis,

sonhos lúcidos e outras experiências notáveis, tais como, por exemplo, até imagens mentais que eu formulo na minha massa cinzenta e que também me servem como fonte de inspiração para as minhas histórias. Por exemplo, uma das duas personagens principais do livro, ou seja o afortunado e abençoado terráqueo que se casará com a Wyna no decorrer da história e logo em seguida efetuará juntamente com ela uma importante missão para o futuro da humanidade terrestre ou seja o Peregrino de Antares, também foi um resultado de todo esse processo, ao mesmo tempo simples e complexo de criação literária.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Gabriele Sapio: Sim, posso citar um trecho que se acha entre as páginas 188 e 189 e que reflete fielmente o verdadeiro espírito e essência do livro – Wyna, daqui a três estrelas, ou seja:



“Conseqüentemente, me sinto ainda mais feliz e honrado por ter sido escolhido pelos grandes e sábios antarianos e pela Wyna para ser não apenas o marido e companheiro dela, mas também para efetuar uma notável missão com ela, de crucial relevância para o futuro da Terra e de sua respectiva humanidade”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gabriele Sapio: Para que os eventuais leitores interessados em adquirir e ler o meu livro o possam comprar é só pesquisarem na Internet colocando o título do meu livro ou seja – Wyna, daqui a três estrelas – e com isso eles encontrarão o mesmo em diversos sites especializados para a venda de livros dos mais diversos gêneros

literários, como por exemplo a Amazon.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Gabriele Sapio: Na verdade eu somente os aconselharia a seguirem três pontos básicos, quais sejam:

A) Seguirem a vontade de tornarem realidade o sonho de transformarem em livros as suas estórias;

B) Darem asas à imaginação;

C) Se valerem da criatividade sob os mais diversos pontos de vista e perspectivas do dinâmico e complexo processo de criação literária.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gabriele Sapio: Sim, já estou pensando em concluir o outro livro que quase terminei que é praticamente uma continuação deste primeiro livro. Além disso, também já comecei a escrever outras duas estórias também do gênero da Ficção Científica que também pretendo publicar futuramente.

Perguntas rápidas:

Um livro: Eu Sou o Dr. Spock

Um ator ou atriz: Christopher Reeve, o ator dos filmes de SUPERMAN dos anos 80

Um filme: STAR WARS, O Retorno de Jedi

Um hobby: Assistir filmes de Ficção Científica

Um dia especial: 20/07/1969: quando os primeiros homens pousaram na Lua mediante a missão Apolo 11 da NASA.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gabriele Sapio: Sim. Gostaria ainda de ressaltar outro aspecto do livro que gostaria também de destacar, ou seja a estória de Ficção Científica narrada ao longo do livro em questão de minha autoria é peculiar e singular uma vez que reúne na mesma estória elementos comuns tanto ao gênero da Ficção Científica como de uma modalidade especial de romantismo, que somente pode ser evidenciado em poucas obras de Ficção Científica da atualidade: o denominado Romantismo Cósmico, pelo simples fato de que em essência e de forma subentendida, a estória em objeto descreve uma profunda conexão de alma entre as duas personagens principais, isto é o terráqueo escolhido pelas altas esferas espirituais e cósmicas do Universo, que é o Peregrino de Antares e a belíssima, sedutora e carismática Wyna, a alienígena procedente do sistema estelar de Antares, uma vez que ambos não são apenas almas gêmeas que irão cumprir uma missão conjunta de crucial e grande importância para a garantia do futuro positivo e muito promissor da humanidade terrestre, mas também ambos estão destinados a terem um relacionamento e uma união de almas, ou seja de almas gêmeas que transcende o tempo e o espaço, ou seja, por toda a eternidade e mais além... .

NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

▶ **CONEXÃO
NERD**

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM CASSIO GIORGETTI



Cássio Giorgetti é paulistano, sociólogo formado pela PUC-SP. Esteve muito tempo entre os moradores de rua de São Paulo. Nas periferias da Zona Sul de São Paulo, foram anos de participação ativa no desenvolvimento de projetos e apoio às lideranças comunitárias. Como professor, teve oportunidade de dividir salas de aula com alunos e alunas do curso de Enfermagem da Universidade São Marcos, Serviço Social da Universidade de Franca e com adolescentes apreendidos na unidade Guaianazes II da Fundação CASA. Atualmente, faz pesquisa e produção para filmes documentais. É autor de seis livros de crônicas e obras de não ficção.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cassio Giorgetti: Quem escreve ou deseja escrever precisa ler. Não há outro caminho. Então comecei por aí, desde cedo, com o incentivo de meus pais. Primeiro, ainda durante a infância, as histórias em quadrinhos criadas por Quino e Maurício de Souza; depois os livros de Maria José Dupré, Stanislaw Ponte Preta e, um pouco mais adiante, Fernando Sabino, Graciliano, Salinger. E a gente vai se acostumando ao hábito da leitura, dando a ele, gradativamente, papel cada vez mais importante entre as atividades do dia a dia, até chegar em Cervantes, Victor Hugo e os grandes da literatura mundial. Mas gosto de pensar que leitura não é uma competição de velocidade. Mais vale, ao longo de um ano, ler um único livro do qual se usufrua cada parágrafo com a necessária atenção e tranquilidade, do que ler dez e, ao concluí-los, não ter conseguido assimilar e menos ainda refletir profundamente sobre o que se leu. Decidi arriscar a escrever já com 35 anos, ao registrar as primeiras experiências do meu convívio com moradores de rua, à época, enquanto servidor público da prefeitura de São Paulo. “O outro lado da noite”, título do livro que carrega esses relatos, saiu pela Editora Página Viva, em 2009.

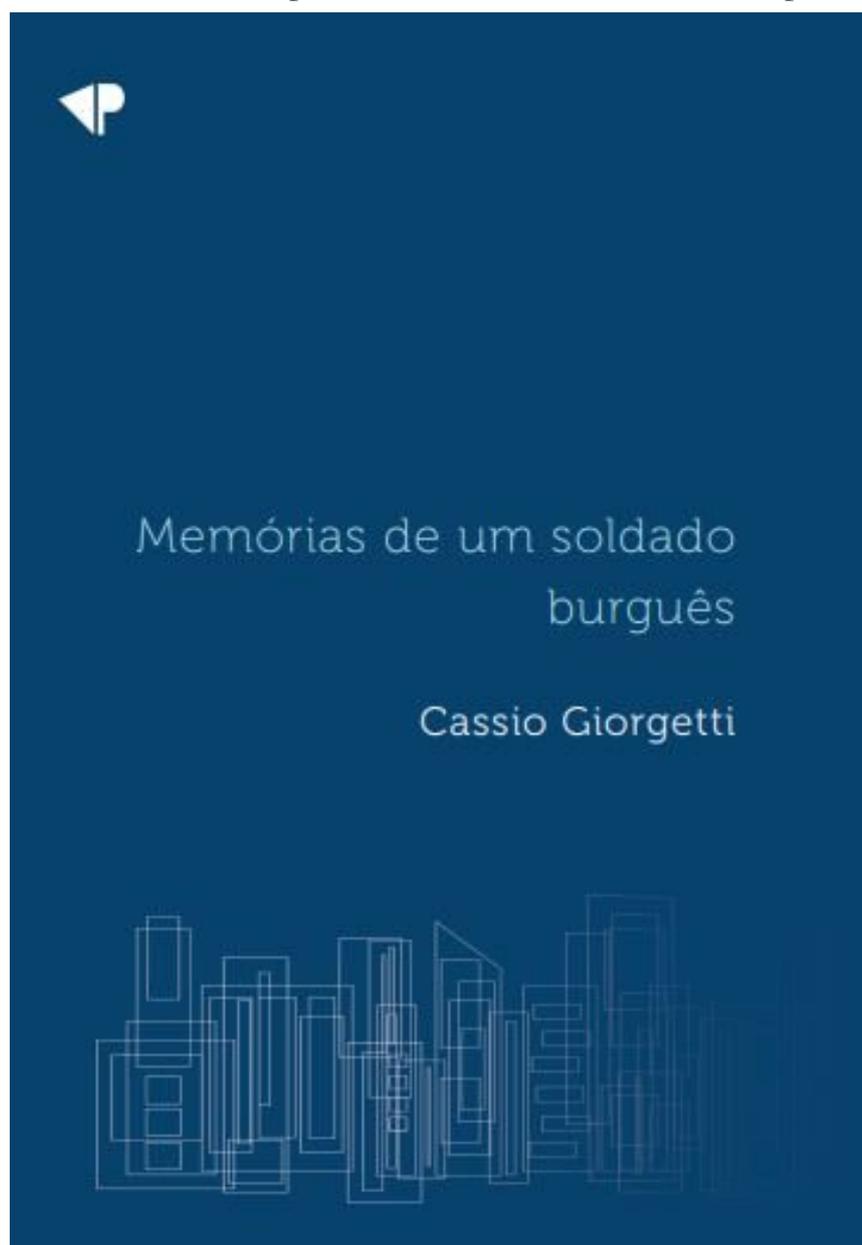
Conexão Literatura: Você é autor do livro "Memórias de um soldado burguês". Poderia comentar?

Cassio Giorgetti: Eu escrevo sobre fatos, apesar do meu gosto por ficção. Me referencio sempre na realidade e, sobretudo, nas experiências que vivenciei ao longo da vida. Dela, “Memórias de um soldado burguês” narra um breve período em que fui soldado da Polícia Militar do Estado de São Paulo, no início dos anos 2000. Adianto que não é um livro de ação ou de aventuras, tiroteios e perseguições, como talvez o título possa sugerir. Longe disso. As memórias apresentadas falam de um jovem no início da vida adulta, indeciso quanto ao futuro, nascido numa família de classe média alta formada por artistas e intelectuais e que, ávido pela oportunidade de se envolver em alguma causa importante, resolve ingressar na Polícia Militar imbuído da certeza de que poderia contribuir para torná-la uma instituição melhor. Os conflitos familiares desencadeados por essa decisão tomam proporções dramáticas e servem de pano de fundo ao longo da narrativa. Paralelamente, ao destacar o que se observou na condição de soldado e profissional de segurança pública, os relatos pretendem desvendar um perfil de policial militar que é desconhecido à maioria das pessoas. Trata-se da antítese do “soldado herói”, que comumente é visto nas telas, musculoso, intrépido, armado até os dentes, e que angariou crescente popularidade após o sucesso arrebatador do filme “Tropa de Elite”, lançado anos atrás pelo diretor José Padilha. O soldado anônimo, aquele policial já grisalho, às vezes meio fora de forma e que pouco é notado enquanto permanece horas estático em alguma esquina ou zanzando entre as pessoas que se aglomeram nos centros comerciais, representa a grande maioria dos oitenta mil homens e mulheres que formam a Polícia Militar do Estado de São Paulo. Cidadãos que caminham, no que diz respeito à sua

origem social, muito proximamente ao criminoso a quem deve combater. Moram na periferia, precisam fazer bicos para sobreviver e lidam, diariamente, com as opressões e contradições escancaradas no modelo militar ainda vigente dentro das políticas de segurança pública. Enfim, eis um breve resumo.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Cassio Giorgetti: Acredito que o processo de criação para um autor de obras de ficção seja muito mais complexo e desafiador em comparação a autores de Não Ficção, que é o meu caso. Eu não preciso criar uma história ou um personagem, porque eles já existem.



Já os conheço, suas características, formas, trejeitos, o que tenho que fazer é pensar na melhor forma de descrevê-los. Claro que o estilo conta nesse sentido também. Com relação ao estilo, obtive muita inspiração de caras como Gay Talese e Joseph Mitchel, mestres do jornalismo literário. Gosto muito da crônica do Fernando Morais também e de escritores que mesclam ficção e realidade em suas obras como Bioy Casares, Leonardo Padura e o nosso Milton Hatoum.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores

Cassio Giorgetti: “O aspirante estava tão faminto que se atirou pela escada em direção ao salão superior, no qual ficava o restaurante.

Jantei em menos de dez minutos e corri de volta à garagem com a intenção de convencer meu colega a se alimentar, tínhamos toda a madrugada ainda pela frente e fazia um frio tremendo. Eu o substituiria na escuta dos informes. Mas quando cheguei perto da viatura, camuflada na penumbra, não consegui vê-lo dentro da cabine. Do lado de fora, nem sinal

dele também. Alguns passos adiante e só então notei, pela janela aberta, um tronco encurvado, a cabeça afundada entre os braços, que se agarravam ao volante como uma tábua de salvação. Num primeiro momento, achei que a fadiga o derrubara, em decorrência da dupla jornada que cumpria como segurança na pizzaria. Não estava dormindo, mas entregue a um choro convulsivo, dolorido, que vinha entre espasmos e roncões; o esforço para tragar o ar produzia um chiado agudo no meio do peito. Tão logo me viu ali parado ele quis se recompor, nervosamente, esfregando o rosto com as palmas das mãos e se endireitando no assento.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Cassio Giorgetti: O livro está disponível na loja virtual da Editora Versiprosa : Memórias de um soldado burguês - Editora Versiprosa. Também é possível comprar pelos sites da Amazon e Estante Virtual.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Cassio Giorgetti: Não abdicar da leitura, principalmente, em nenhum momento. Mesmo quando estiver engajado na elaboração de algum texto importante, continue lendo. Depois, quanto a escrever, como quase tudo, é prática. Escrever um e-mail pode ser um bom exercício de literatura, desde que se escreva com zelo e sem a pressa frenética e abduzida que acomete as pessoas nos dias de hoje.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cassio Giorgetti: Existe a perspectiva de novos projetos. Desejo escrever sobre minha convivência com jovens em cumprimento de medida socioeducativa na Unidade Guaianazes II, da Fundação Casa, ocorrida no ano de 2019, enquanto professor do Serviço Nacional de Aprendizagem Social (SENAC). Quem sabe em breve.

Perguntas rápidas:

Um livro: Memórias de um caçador, Ivan Turguêniev

Um ator ou atriz: Nathália Timberg

Um filme: Um conto chinês

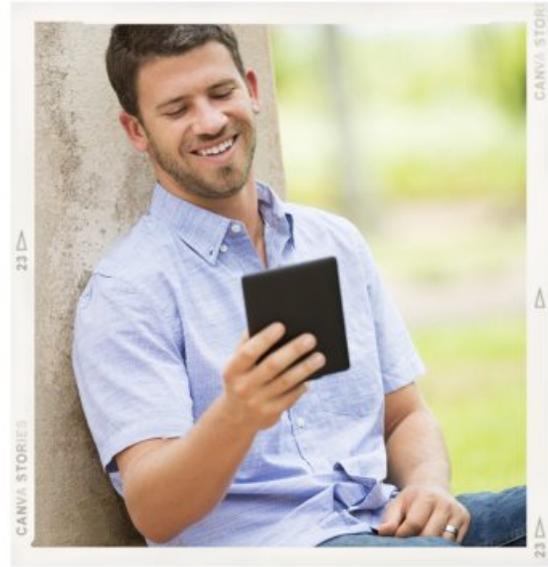
Um hobby: Tocar guitarra

Um dia especial: Nascimento do Ernesto, meu filho

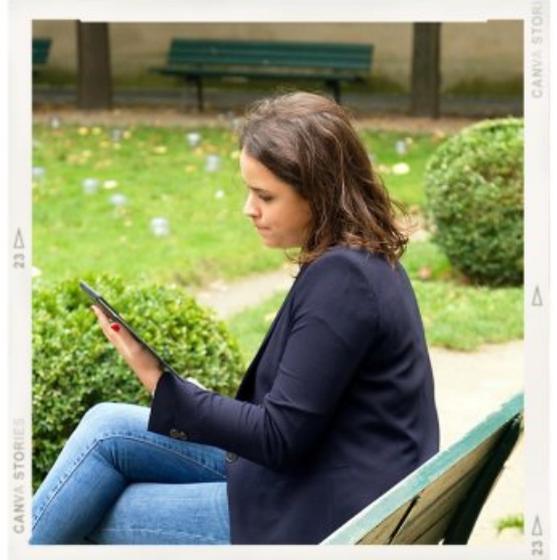
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cassio Giorgetti: Gostaria apenas de agradecer aos que tiveram paciência de seguir com a leitura da entrevista até o final. Muito obrigado.

Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Evandro Nunes: O começo de tudo aconteceu quando li pela primeira vez um folheto de cordel. Daí em diante não parei mais. Depois comecei a tomar emprestado livros na biblioteca pública de minha cidade. Mas os primeiros passos foram dados na literatura de cordel. Eram folhetos que não vendiam e terminavam sempre sendo distribuídos aos parentes e amigos. Até agora já consegui escrever 15 folhetos, com vários temas. Estudamos no momento a possibilidade de lançá-los comercialmente juntos numa antologia, que por sinal já tem até um título: “FUGINDO DO INFERNO PARA SER CORNO NO CÉU”. E foi assim que tudo começou.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Os Castigados". Poderia comentar?

Evandro Nunes: O romance “OS CASTIGADOS” retrata o drama de Frederico que, entre traumas e obstáculos, convive com a necessidade de sustentar uma família conturbada. Casa-se com a prostituta Esmeralda, que acaba se envolvendo com o genro, dando início a um perigoso triângulo amoroso.

Essa relação amorosa gera ainda outros incidentes, culminando na dissolução familiar e na morte misteriosa da filha de Frederico.

Este é um romance contemporâneo ambientado no nordeste brasileiro, que vai de uma história de amor sensível e tocante à adrenalina de um desfecho violento.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Evandro Nunes: O meu processo de criação não trás nada de extravagante. É tudo muito simples e nasce através de pesquisas e muita leitura de livros análogos e parecidos com o trabalho que começo a desenvolver.

Quanto as inspirações, elas sempre nascem de minhas experiências no cotidiano da vida nordestina. São observações e anotações de causos que é comum a todos os dias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

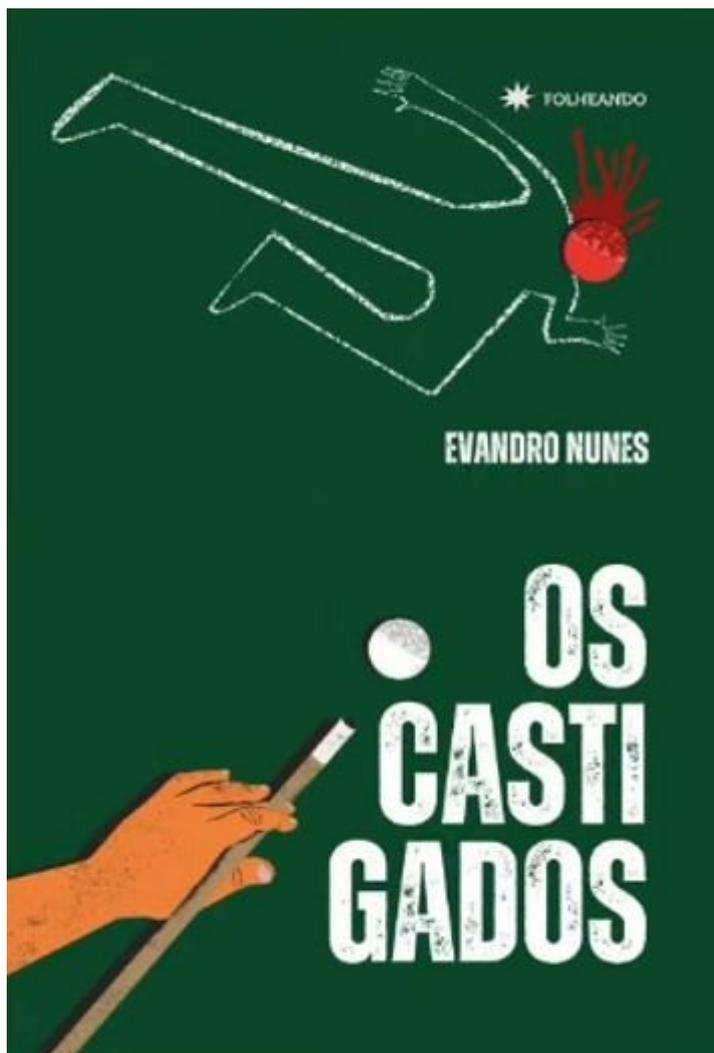
Evandro Nunes: Claro. Destacamos aqui um trecho do capítulo onde se vê a agonia de Frederico ao encontrar o corpo de sua filha.

“Quase uma hora passada em orações, Frederico se levanta, dá uma última olhada para o corpo inerte sobre a cama, e vagorosamente sai daquele quarto decidido a ir à procura dos assassinos de sua filha.

Era noite lá fora.

Lentamente ele foi descendo a rua, fumando calmamente e deixando a fumaça de seu cigarro flutuar atrás de si, e nem bem terminou, acendeu o segundo cigarro na ponta do primeiro, e continuou caminhando. Não encontrando ninguém no seu caminho, foi aproximando-se de uma luz que saía de um bar na praça.

A poucos metros da porta daquele bar, parou, acendeu mais um cigarro, pois estava fumando com muita ansiedade, e colocou-se de corpo inteiro diante da porta. A música que tocava no interior do bar, sumiu de repente, e o bodegueiro abaixou-se por trás do balcão, ficando apenas, numa das mesas, um casal assustado com a aparição repentina daquele vulto parado à porta com um olhar mortal e carregado de ódio.”



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Evandro Nunes: Para adquirir os meus livros, orientamos:

OS CASTIGADOS: no site da Editora Folheando – lançamentos – com frete grátis;

O FUNERAL DA PROSTITUTA: nas lojas virtuais de AMAZON, SUBMARINO, AMERICANAS e SHOPTIME.

Para conhecer um pouco mais do nosso trabalho, disponibilizamos várias publicações no instagram (@evandronunes.escritor).

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Evandro Nunes: Simples assim: leiam muito e escrevam bastante. Se possível, todos os dias.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Evandro Nunes: Estamos com um romance pronto, intitulado: “SOBRE SECA, TRAIÇÃO E SANGUE”, e em fase de conclusão, o livro “QUANDO A FÉ MORRE NOS HOMENS”. Temos também, concluído, um livro infantil que o batizamos de “FÁBULA DE UMA FLORESTA MORTA”.

Perguntas rápidas:

Um livro: Vidas Secas (Graciliano Ramos)

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Vidas Secas (Nelson Pereira dos Santos)

Um hobby: Ler e escrever

Um dia especial: Todos os dias de minha vida são especiais

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Evandro Nunes: Apenas agradecer esta maravilhosa revista pela oportunidade a mim concedida para apresentar o meu trabalho ao público, e fazer um apelo a quem com muita paciência chegou até aqui nesta entrevista, que comprem o livro “OS CASTIGADOS”, e uma boa leitura!

Abraços, queridas leitoras e prezados leitores!



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com

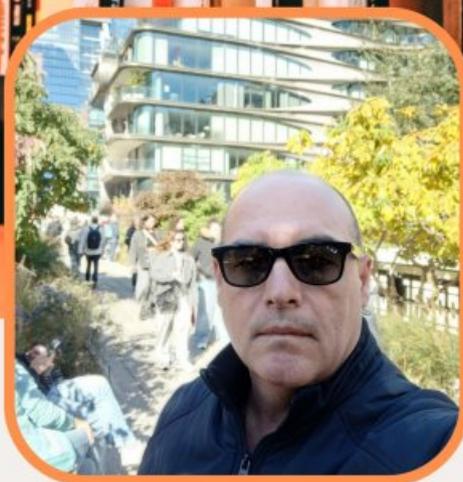


Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM FAUNO MENDONÇA



Fauno Mendonça

Fauno Mendonça nasceu em 1968 no Planalto Central, Goiânia, ano que nunca acabou. Período tumultuado não somente no Brasil, mas, sobretudo, no mundo. No segundo verão da década de 90, tornou-se bacharel em Direito, foi advogado. Atualmente trabalha no Poder Judiciário e reside em Brasília há quase trinta anos.

Aos 35 anos, publicou seu primeiro livro: A Busca dos Loucos. Depois de quase 10 anos sem escrever outras obras, escreveu Encontre-se, logo em seguida mais três livros foram escritos, D. e o Procurador, Bragof e Ao Norte do Silêncio.

Entrevista

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Bragof". Poderia comentar?

Fauno Mendonça: Sim, sou autor de livro Bragof.

Trata-se de literatura fantástica, entretanto, antes de tudo, trata-se de um romance que aponta para os dramas que rondam o ser humano durante sua existência.

Na tentativa de desnudar essas aflições, usei ferramentas abstratas aliadas a aspectos objetivos com a finalidade de alavancar as fragilidades e as fortalezas humanas, em face de seus medos e sonhos.

Bragof talvez seja um lugar, talvez seja uma fuga ou um profundo desejo de mudança e de realização. De qualquer forma, é, sobretudo, uma escolha. Escolhas que fazemos no cotidiano para aclarar e galgar nossos desideratos ou simplesmente para fugir da realidade. Penso que aquele que ler o livro fará uma viagem juntamente com seu personagem principal no fito de entender o passado, sentir o presente com maior consciência e ter noção maior do futuro.

Não é um livro de autoajuda, mas de reflexões acerca dos percalços da existência. Sua leitura, além de demonstrar algumas faces vívidas e obscuras da vida, realçará possibilidades para aqueles que não têm coragem de olhar no espelho ou de lutar para entender seus reflexos.

Conexão Literatura: Uma grande dúvida para a grande maioria é: existe vida após a morte? Quais são os caminhos que o espírito deve percorrer quando o corpo deixa de ter vida? Bragof é uma mistura de fantasia e realidade e aborda assuntos pertinentes sobre essa questão. Comente:

Fauno Mendonça: Realmente, Bragof aborda questões inacessíveis que envolvem os aludidos temas, inclusive, a queda de Lúcifer do céu, mas o cerne do livro está na pessoa. Usei de subterfúgios abstratos na concretude que conhecemos para aprofundar na essência humana.

Aproveitando o gancho da pergunta, não sei se existe vida após a morte, seria presunçoso afirmar qualquer coisa sobre o assunto, porém, talvez, estejamos naquilo que denominamos “morte” para alcançar a verdadeira vida.

Nesse toar, tenho uma convicção muito forte, penso, mas respeito aqueles que pensam distintamente, que temos corpo, mente e alma. Quando deixamos esse plano terreno, o corpo e a mente serão consumidos pela natureza, contudo, a alma, essa não sei para onde poderá seguir, apenas acredito na sua existência. Na verdade, esses questionamentos necessitam de muita fé e de evolução espiritual para obter respostas, a lógica humana é muito limitada para dirimir tais indagações.

Conexão Literatura: No booktrailer da página: <https://www.fauomendonca.com/bragof>, podemos notar que a névoa é muito presente na trama de Bragof. Isso é proposital?

Fauno Mendonça: De fato, as névoas têm um caráter preponderante em várias passagens do livro, elas foram descritas com a missão de levar ao leitor o desconhecido e as dúvidas que rondam nossas mentes. Seus contornos refletem os impulsos da vida humana e os obstáculos a serem superados. Também têm a finalidade de demonstrar o quão a vida é passageira e rarefeita. Por vezes, somos guiados pelas névoas que encobrem a felicidade, entretanto, paradoxalmente, essas mesmas brumas também frisam nossas vidas para nos tirar da zona de conforto com a finalidade de alcançar algo maior.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fauno Mendonça: Coloco, então, três trechos curtos que resumem um pouco o teor do livro:

“- Sente-se, sinto muito, mas você terá que ficar para nos contar sobre seus sentimentos perdidos. Agora, não tenha pressa, você teve todo tempo do mundo.”

“Aquelas palavras foram avassaladoras e adentraram em minha alma como uma lança pontiaguda, mas antes atingi-la, atingiram minhas forças, passei a não mais possuir condições de andar, apenas consegui ficar em pé sem saber ao certo aquilo que deveria fazer.”

“Por qual motivo real teria que seguir para a tal Bragof? Estava sendo coagido, estava sendo obrigado a ir a lugar não conhecido?”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fauno Mendonça: Livro "Bragof" na Amazon:

https://www.amazon.com.br/Bragof-Fauno-Mendon%C3%A7a-ebook/dp/B0BRNWGVD2/ref=sr_1_1?crd=10DTBAPDIF6Z&keywords=fauno+mendon%C3%A7a&qid=1699705574&prefix=%2Caps%2C175&sr=8-1

Livro "Bragof" no Clube de Autores: <https://clubedeautores.com.br/livro/bragof>

Ou no site: <https://www.faunomendonca.com>

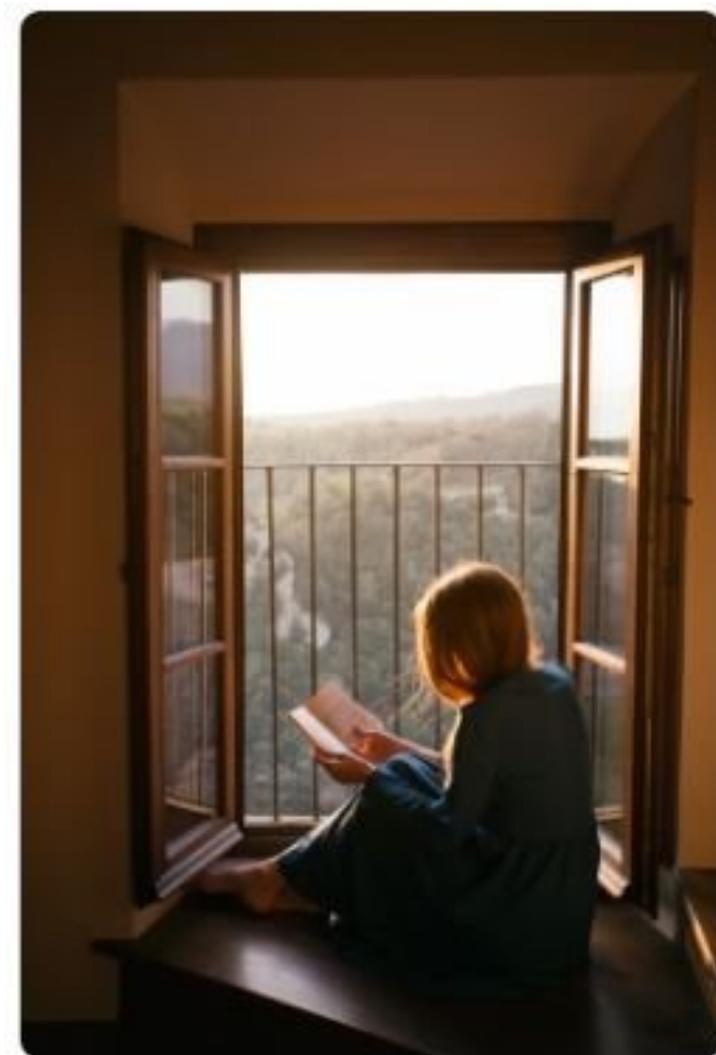
Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fauno Mendonça: Sim, há vários, mas cada um será realizado em seu tempo, além do que preciso amadurecê-los.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fauno Mendonça: Ler o livro “Bragof” será um encontro solitário com os próprios sentimentos, talvez, com sentimentos perdidos, bem como com as pessoas e as circunstâncias que nos rondam nas veredas da vida. Será uma oportunidade de vislumbrar a necessidade de enfrentar os medos e ter orgulho das realizações para seguir em frente ou, pelo menos, para se redimir.

Mas, lembre-se, Bragof não é uma simples escolha...



Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba:

**Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima**

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

ENTREVISTA COM ISA OLIVEIRA



Isa Oliveira

Isa Oliveira é escritora, roteirista e ghost writer. Tem 58 anos. Nasceu em Monte Alto/SP, Seu nome de batismo é Izilda, oriundo de uma santa não canonizada, Menina Izildinha. É graduada em Letras pela USP e pós-graduada em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac/SP. É funcionária aposentada da Caixa Federal. Começou a trabalhar aos 10 anos, como empregada doméstica. Escreve desde criança. É autora dos livros: *Elogio à loucura*, *O chapéu de Alberto*, *Tatuagem*, *Flor Julinha e a costelinha encantada*. Ganhou 18 prêmios literários e está concorrendo com um livro de contos inédito como finalista do Prêmio Carolina Maria de Jesus, realizado pelo Ministério da Cultura.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Isa Oliveira: Eu comecei a escrever antes de aprender a escrever. Com cinco, seis anos eu já inventava histórias. Não gostava de brincar com outras crianças, preferia ficar sozinha no quintal, transformando minhas bonecas, cabos de vassoura e de enxada em personagens. Era uma longa saga em capítulos diários. Quando eu descobri os livros e que havia pessoas que trabalhavam escrevendo histórias eu soube que essa seria a minha profissão: escritora. Mas, primeiro, precisei trabalhar como empregada doméstica, vender bilhetes no Metrô de São Paulo, ser bancária. Trabalhei alguns anos como repórter em jornais do interior e no Estadão, mas, o meu objetivo sempre foi a literatura. Publiquei o meu primeiro livro aos 36 anos, *Elogio à loucura*, um romance que está na sua 4ª edição. Depois publiquei um livro de contos, aos 49 anos, *O chapéu de Alberto*, que está sendo relançado em 3ª edição.

Conexão Literatura: Por que tanto tempo entre um livro e outro?

Isa Oliveira: É porque eu sabia que haveria um momento em que estaríamos apenas eu e a literatura. Este momento chegou. O que houve antes, foi, digamos, apenas uma preparação. Desde os 18 anos, eu nunca deixei de trabalhar com a escrita. Escrevo regularmente para dois jornais, sou roteirista de um canal do Youtube e escrevi alguns livros como *ghost writer*. Mas, estou deixando alguns projetos para me dedicar integralmente à escrita autoral. Quero deixar de ser uma “escritora fantasma”, senão, daqui a pouco o túnel se abre e eu acabo virando uma “fantasma escritora”! Então, decidi reeditar os dois primeiros livros e deixar que eles puxem a fila, porque tem muita coisa a ser escrita. Quero me dedicar à minha missão: melhorar o mundo e iluminar vidas pelo poder da palavra.

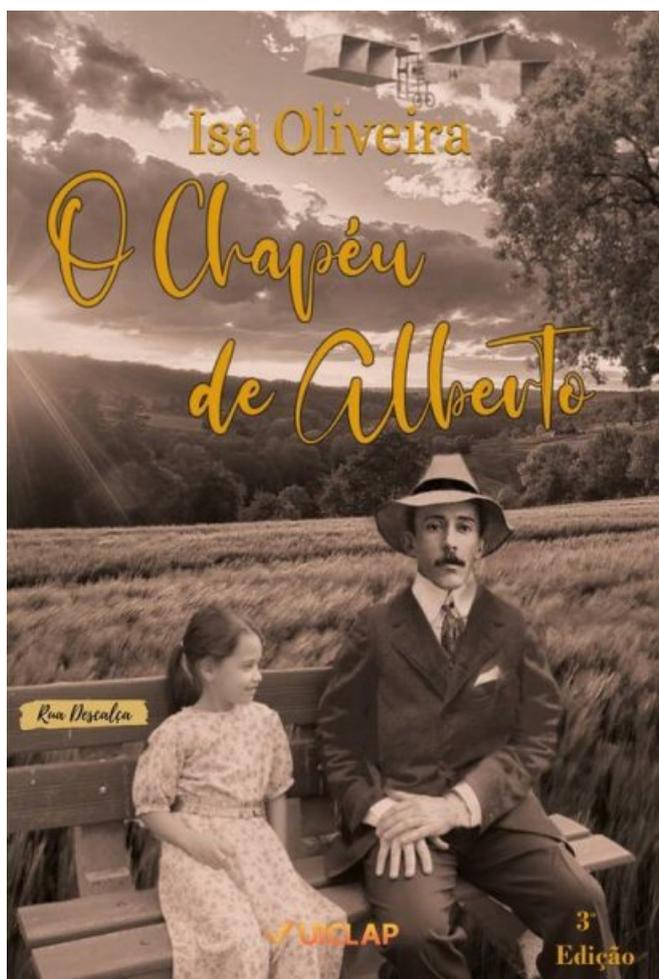
Conexão Literatura: Você é autora dos livros *Elogio à Loucura* e *O Chapéu de Alberto*. Poderia comentar?

Isa Oliveira: Como eu disse, o *Elogio à loucura* foi o meu primeiro livro e a escrita dele foi muito importante para mim. Ele trata de um tema muito forte, o câncer. A narrativa é feita em primeira pessoa e isso já fez com que confundissem criadora e criatura, achando tratar-se de um livro autobiográfico. Ainda hoje, 22 anos depois da 1ª edição, pelo fato de eu passar maquininha no cabelo de vez em quando, as pessoas acham que tenho câncer. Mas não tenho, nunca tive. Não é um livro de memórias, é uma ficção.

A personagem principal deste livro, Dulce Bastos, é uma navalha. Uma mulher forte, dura, antissocial e autoritária que, ao descobrir que tem câncer, resolve comprar um vinho caro para comemorar que, finalmente, vai morrer. Fica bêbada e decide escrever um livro e publicar um anúncio procurando um namorado para a sua cadela virgem, a Brigitte, o

que desencadeia uma série de acontecimentos que a fazem perder o rígido controle que tinha sobre si mesma e começar a redescobrir a vida.

É um livro sobre a força e a fragilidade da mulher, sobre relacionamentos abusivos e relacionamentos curativos, sobre mães e filhos, sobre vida e morte, doença e saúde, e sobre a importância dos animais na nossa vida, afinal, Brigitte era o único vínculo de amor de Dulce e, por causa dela, tudo se transforma.



O chapéu de Alberto é a menina dos meus olhos. Este livro sim, tem alguns traços autobiográficos. São 21 contos e, em pelo menos quatro deles, eu retrato coisas da minha própria vida. Escrivê-lo foi um desafio. Eu achava que não seria capaz de escrever contos, porque sou muito prolixa, e o conto exige um grande poder de síntese. Mas, a experiência foi fantástica. Tanto que já concluí mais um livro de contos, que está na disputa do Prêmio Carolina Maria de Jesus (este não posso dizer o nome ainda, para não ferir as regras do concurso) e estou escrevendo um terceiro: *O cravo brigou com a rosa*, com contos que retratam a violência nos relacionamentos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Isa Oliveira: O meu processo de criação é catártico, visceral, e a minha fonte de inspiração é a vida; os acontecimentos mais comecinhos, do cotidiano, podem render boas histórias se interpretados pelo viés adequado.

Eu admiro muito a disciplina de escritores que escrevem duas, três, quatro horas por dia, todos os dias. Isso não é possível para mim. Posso seguir uma rotina com a escrita mais técnica, um roteiro, uma biografia, mas, a escrita literária não se processa assim. Eu costumo ter ideias que surgem como fragmentos de histórias ou, às vezes, como uma história inteira. Esses *insights* nem sempre aparecem nos momentos mais propícios, então, eu anoto a ideia num papel e guardo numa gaveta. Eu tenho uma gaveta de ideias que está tão abarrotada que vou precisar de umas três vidas para dar conta de escrever tudo! Não guardo no computador ou no celular, porque senão elas desaparecem, enfraquecem. Mas,

quando estão no papel, não. É algo forte, material, palpável. Tenho coisas anotadas em marcador de livro, bula de remédio, papel de pão, guardanapos...

Quando sento para escrever, saio do domínio do tempo. Dia e noite deixam de ter importância. Já cheguei a ficar mais de trinta horas seguidas escrevendo, não parando nem para comer. O *Elogio à loucura* escrevi à mão, em onze dias. O *Chapéu de Alberto*, foi no computador, então foi um pouco mais rápido, oito dias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho dos seus dois livros especialmente para os nossos leitores?

Isa Oliveira: Do *Elogio*, a parte que eu mais gosto está no fim, mas, não posso contar, para não dar spoiler... Então vou citar uma parte do início, quando a Dulce ainda está embriagada e começa a escrever sobre o amor:

“Passei os principais anos de minha vida sem ódio e sem amor. Sozinha. Nada nem ninguém habitou meu coração. Nem homens e nem Deus. Tenho filhos e gosto deles porque todas as mães gostam de seus filhos, mas esse é um amor instintivo e que não incomoda. Um amor absoluto e jamais sujeito às intempéries. Amor de mãe por seus filhos é como uma pedra, uma grande pedra. Chove e ela continua sendo pedra. Faz sol e ela permanece pedra. Anoitece e ela é pedra ainda. Faz-se dia e ela é a mesma pedra. Venta, faz frio, neva, faz calor, caem as folhas das árvores, nascem outras, vêm as flores, os frutos, as sementes que originam novas árvores e a pedra é a mesma, inalterável. Porém, não é a esse amor que me refiro. Não falo do amor que não se abala, e sim do amor que faz chover, que faz as flores desabrocharem e fenecerem. Falo do amor que sacode, modifica, altera rotas, dá sentido à vida ou tira dela o sentido. Não falo do amor apenas sujeito às intempéries, mas do amor que provoca as intempéries. O amor parceiro da dor. Esse já passa ao largo da minha vida há muito, muito tempo.”

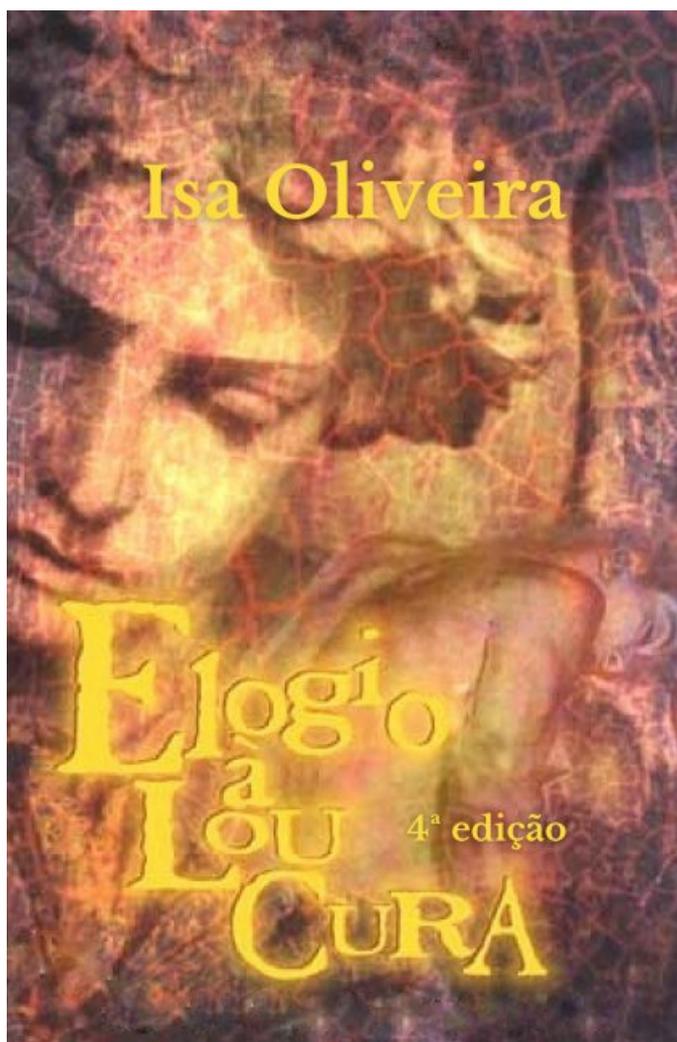
O *Chapéu de Alberto* é um livro de contos, então, gostaria de citar um pouco de cada um... Mas, vamos lá à difícil tarefa da seleção (não) espontânea. Vou citar um trecho do conto *She*, sobre a relação entre a filha e o pai com Alzheimer. Este é um dos contos autobiográficos e essa história é muito impactante para mim.

“Na mesa, tinha uma travessa com arroz-doce, já no fim. Serviu-lhe um pouco e, depois que ele comeu, perguntou-lhe se queria mais, ele disse que não. Continuaram na mesa, conversando e, enquanto ela prestava atenção ao marido, que contava alguns acontecimentos do seu dia, notou que a mão do pai deslizava lentamente, rumo a uma colher de sobremesa. Perguntou de novo se ele queria mais arroz-doce e ele disse que não, que estava satisfeito.

Continuou a conversa e de novo viu o mover-se sorrateiro da mão. Não falou nada, fez de conta que não estava vendo. Ele apanhou a colher e a escondeu no colo. Ela continuou fazendo de conta que não via, enquanto ele enfiava rapidamente a colher na travessa de arroz-doce e a levava quase que criminosamente à boca. O genro também percebeu, mas continuou a conversa com a esposa como se nada acontecesse. De novo a colher furtiva na travessa, mais um bocado do arroz-doce engolido às escondidas. Depois outro e mais outro, até esvaziar a travessa.

Ela e o marido riram. Era tão gracioso aquilo, tão infantil, com sabor de arte de menino traquinas. Mais uma vez lhe veio a imagem do homem austero, até mesmo violento, patriarca autoritário cuja palavra era lei. Agora estava ali, frágil como um menino, roubando arroz-doce da travessa. Riu, e seu riso doeu-lhe. No som, a voz melodiosa de Louis Armstrong enchia a sala com as notas maravilhosamente tristes de La vie en rose. A vida pode, enfim, ser cor-de-rosa?”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?



Isa Oliveira: Para saber mais sobre mim, o leitor pode visitar meu Instagram https://www.instagram.com/isaoliveirae_scritora/, mas sem grandes expectativas, porque não sou superativa nas redes sociais. Apareço por lá de vez em quando... Tem um vídeo do SENAC que mostra a minha saga com bibliotecas na minha infância e dá uma boa visão a meu respeito:

<https://www.youtube.com/watch?v=u3C1kFaVg-U>. Dê uma olhadinha. Os meus livros podem ser encontrados na Amazon, nos sites da UICLAP e do Clube de Autores e também nas Americanas, Submarino, Estante Virtual, Magalu, Shoptime, Mercado Livre. Para os livros adquiridos no site <https://loja.uiclap.com/> use o cupom **OQUELI5** para ter um desconto especial.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Isa Oliveira: Escrever é um dom, acredite nisso, mesmo que lhe digam o contrário. O mundo virtual está cheio de cursos e mentorias para ensinar a escrever livros. Duvide disso. Ninguém vai te ensinar a escrever, nem mesmo um curso de Letras numa universidade importante conseguirá fazê-lo. Você pode aprender sobre literatura, pode conhecer algumas técnicas, mas, a escrita é algo que está entre a sua mão e a sua alma. Se você quiser gastar o seu dinheiro com cursos que prometem fazer de você um escritor de sucesso, esteja à vontade, mas, meu conselho é que você só consulte esse material depois que tiver escrito e publicado alguns livros, porque, se você se engessar, se achar que tem

que escrever de acordo com essa ou aquela técnica, corre o risco de perder o essencial e, o máximo que poderá conseguir será escrever uma boa redação para o ENEM.

Jornada do herói, construção de personagens, passo a passo para criar enredos matadores, não dê atenção a isso. Essas coisas são importantes para ajudar alguns colegas a ganharem dinheiro, mas não fará de você um escritor. Feche seus olhos e apenas sinta. Os personagens virão até você, eles se apresentarão exatamente como são, e o enredo simplesmente acontecerá.

Desde que o mundo é mundo, milhões de escritores produziram uma infinidade de livros. Quantos sobreviveram ao tempo e aos modismos? Destes, quantos você acha que fizeram cursos para aprender a escrever? E quantos se prestaram a ganhar dinheiro ensinando outros a escreverem? Quer empregar bem o seu dinheiro? Compre livros e os leia. E, se não tem dinheiro, vá para as bibliotecas, acesse conteúdos gratuitos. Mas, leia, leia muito. O livro é o grande mestre do escritor. E se eu puder indicar um livro que pode servir como uma bússola para o seu ofício, eu indico *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. É um livreto, mas, é preciosíssimo. Se você o ler com honestidade descobrirá se é mesmo um escritor e jamais se forçará a ser um – e nem desperdiçará o seu precioso dinheiro indo atrás do canto da sereia.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Isa Oliveira: Sim, existem. No momento, estou concluindo duas biografias que, provavelmente serão meus últimos trabalhos como ghost writer. E, enquanto me dedico a elas, estou mantendo em banho-maria o livro de contos *O cravo brigou com a rosa*, que já mencionei, e *Lazarus – ressurgido das sombras*, a minha exceção, porque este livro está sendo escrito há vinte anos, ele é sobre a depressão. E tem o livro que já está pronto e que está participando do Prêmio Carolina Maria de Jesus. Ficando ou não entre as 40 escritoras vencedoras, este livro será lançado no próximo ano. É uma alegria muito grande para mim ter passado pela primeira peneira desta premiação. Das 2.619 obras inscritas, 1.812 foram habilitadas, e o meu livro está entre elas. A Carolina foi empregada doméstica, como eu, portanto uma empregada chegar à fase final de um importante concurso literário, de abrangência nacional, que leva o nome de outra empregada já é uma vitória.

Conexão Literatura: Você costuma citar poemas e trechos de músicas em seus textos. Isso faz parte do seu estilo?

Isa Oliveira: Nunca pensei sob este prisma, mas, creio que sim. As citações são o meu tributo a obras que tocam a minha alma. Agora, com os e-books, é possível colocar os links das músicas no texto e isso é fantástico. Normalmente, escrevo ouvindo música. Às vezes uma única música, repetidamente. Então, eu citava as letras ou trechos de letras, agora posso deixar a música ali, a um click do leitor, e me alegra muito saber que alguém vai ler um texto meu ouvindo a música que eu ouvi para escrever aquele texto. Isto é uma

conexão poderosíssima. Ainda não iniciei, mas tenho em mente um livro que se chamará *O charme das canções*, que é o título de uma canção belíssima do Geraldo Azevedo. Nesse livro, escreverei histórias para as músicas que amo.

Perguntas rápidas:

Um livro: *O veleiro de cristal*, de José Mauro de Vasconcelos

Um ator ou atriz: Ary Fontoura e Vera Holtz

Um cantor: Indiscutivelmente, Vander Lee

Uma música: *Somewhere in Time*, tema do filme *Em algum lugar do passado*, que espero tenham a delicadeza de tocar no momento em que meu corpo for enterrado.

Um filme: Dois. *Cinema Paradiso* (assisti 11 vezes) e *A vila* (fantástico, surpreendente).

Um hobby: Assistir ao nascer do sol (faço isso diariamente).

Um sonho: Ver o *Elogio à loucura* ser transformado num filme.

Um dia especial: 02/05/2015, quando, aos 50 anos, conheci o amor da minha vida.

Um medo: cobras (pavor!)

Uma preocupação: Morrer antes de esvaziar a gaveta de ideias...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Isa Oliveira: Sim. Para os leitores, tenho um pedido: Quando ler um livro e gostar, escreva sobre isso, comente, e tente fazer o seu comentário chegar até o escritor. A escrita é um exercício solitário e a opinião dos leitores nos alimentam, fazem valer a pena. E, para os novos escritores, um conselho: Não escreva para agradar ou para seguir tendências do momento. Descubra o seu próprio estilo. Se quiser ganhar dinheiro escrevendo livros, publique dez maneiras de fazer qualquer coisa e, com um bom marketing, poderá até ficar rico. Mas, se quiser escrever livros que permaneçam e que toquem a vida das pessoas, faça isso com a alma. Assim como Van Gogh vendeu apenas um quadro, em vida, Fernando Pessoa publicou apenas um livro em português (*Mensagem*, 1934), praticamente um prêmio de consolação no Concurso Literário Antero de Quental, pois o livro foi classificado como segunda categoria. E, quem são Van Gogh e Fernando Pessoa para a arte e a cultura hoje?

Não se aflija para que seus livros sejam encontrados pelos leitores. Deixe que os próprios livros encontrem os leitores pelos quais deverão ser lidos. Não se preocupe com isso, apenas escreva. Escreva e publique. Hoje, com as plataformas de autopublicação como a Amazon, a UICLAP, o Clube de Autores ficou muito fácil publicar um livro sem precisar gastar nenhum tostão. Então, escreva, publique. Você pode e até deve fazer o seu marketing, afinal, como diz a canção do Milton Nascimento, “todo artista deve ir aonde o povo está”, apenas lembre-se de que nem sempre você, o leitor e o livro estarão dividindo o mesmo espaço e tempo...

Então, escreva, publique, divulgue, mas, se não vender, se não se tornar um *best seller*, não deixe que isso lhe destrua. Livros vendidos nem sempre são sinônimos de livros bons e

livros encalhados também não significam livros ruins. Se os seus livros forem bons, eles sobreviverão a você e continuarão sendo bons quando você já não estiver aqui. Depois de publicado, o livro já não nos pertence. Escrever livros e vender livros são ações muito diferentes e nem sempre um autor possui as duas habilidades. Chegará um momento em que você precisará decidir se é um artista ou um vendedor e, se focar mais em ser um vendedor, corre o risco de não ter o que vender, porque poderá deixar de produzir... Então acabará indo dar curso para ensinar outros a fazerem aquilo que você já não consegue fazer: escrever!

Eu gostaria muito que os autores brasileiros, como acontece em outros países, pudessem viver apenas para a literatura e da literatura. Infelizmente, essa ainda não é a nossa realidade. Não é impossível, mas poucos o conseguem. Talvez alguns de vocês já tenham passado pela triste experiência de, ao responder à pergunta: “O que você faz?” dizendo: “Sou escritor”, ouvir em seguida: “Mas trabalha com quê?”...

Apesar de não ser espírita, vou encerrar com uma frase de Chico Xavier, que decorei ainda mocinha, e que me ajudou em muitos momentos difíceis: *“Não vos entreguem a distúrbios do pensamento ou da palavra. A aflição não constrói, a ansiedade não edifica”*.



atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM J.A.P.FILHO



J.A.P.Filho

J.A.P.Filho é natural de Ribeirão Preto, casado e pai de uma filha. Professor universitário na cidade de São Paulo em cursos de graduação, pós-graduação e mestrado. Desde jovem, sempre nutriu curiosidade por assuntos ligados à espiritualidade e ao ocultismo, o que culminou em seu ingresso na Maçonaria no ano de 2003 (onde atingiu o grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito), sendo em seguida admitido também na Ordem Rosacruz. Autor de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, também é colaborador das revistas O Pensador e o Malhete. É palestrante e estudioso de temas ligados ao hermetismo, gnosticismo, Goétia, Simbologia, Maçônica, Judaísmo e Teosofia.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

J.A.P.Filho: Desde jovem, sempre fui um leitor bastante curioso acerca de assuntos ligados às ciências ocultas, espiritualidade, filosofia, entre outros. Meus primeiros ensaios literários foram sobre pesquisas que realizei sobre a Maçonaria (Organização que mais tarde seria aceito). Como na época não havia blogs e a internet era bem restrita, eu e mais alguns amigos nos juntavam para escrever artigos sobre itens diversos, em seguida montávamos uma espécie de mini revista, tirávamos fotocópias e distribuíamos para pessoas nas ruas. Era uma espécie de revista underground, onde havia quadrinhos, textos irônicos e, claro, assuntos ligados a teorias de conspiração. Coisa de garotos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Corrente". Poderia comentar?

J.A.P.Filho: O livro "A Corrente" foi fruto de reflexões e de conhecimentos acumulados em disciplinas como hermetismo, gnosticismo, Goétia, Simbologia, Maçônica, Judaísmo, Teosofia e Maçonaria. Creio que devemos, em algum momento de nossa vida, compartilharmos com as pessoas, os conhecimentos e experiências acumuladas, pois isso é que confere sentido à busca da verdade. Sou professor e tenho essa necessidade de compartilhar conhecimento, pois acredito que podemos evoluir de forma mais rápida se aproveitarmos as experiências das pessoas. Foi Cristo que disse "Àqueles que muito foi dado, muito será cobrado".

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

J.A.P.Filho: Digo que esse livro não pertence! Na verdade, ele pertence a si. Durante todo o processo, ele se escrevia sozinho; eu apenas materializava as palavras no computador. Não havia rotina, ou hora específica para escrever. Eu simplesmente sentia uma necessidade latente de escrever. Era como se algo me forçasse a fazê-lo. Várias vezes acordei de madrugada para escrever o livro, porque não conseguia dormir. Teve uma vez que eu estava assistindo a um jogo de futebol no estádio do Palmeiras aqui em São Paulo; foi quando veio a necessidade de escrever. Fiquei o jogo todo digitando texto no bloco de notas no meu celular. Minhas inspirações, como disse, vêm do processo de aprendizado que venho tendo desde que comecei a estudar assuntos ligados à espiritualidade. Quando a gente amadurece, passamos a refletir acerca de assuntos que não nos importamos na juventude. O livro, por meio de sua história, discute questões como "Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?"; "Qual o sentido de nossa existência neste planeta?"; "Qual a nossa verdadeira responsabilidade em relação a tudo o que aqui fazemos"; "Qual o papel de Deus em nossas vidas" entre outras. Também insiro no texto uma série de simbolismos. Digo que este é um livro de camadas, ou seja, a cada vez que você o ler, certamente irá descobrir coisas diferentes ocultas nele. Foi um livro que exigiu muita energia, havia, por exemplo, capítulos que eu me emocionava a medida que eu o escrevia.

Quando escrevi o capítulo segundo, me envolvi tanto que fiquei ao mesmo uma semana com a energia extremamente baixa e refletindo acerca do que havia escrito.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?



J.A.P.Filho: É muito difícil destacar um trecho em específico, pois tudo no enredo está muito amarrado; os personagens estão completamente interligados entre si. Todavia, sugiro os capítulos nos quais o personagem principal começa a receber os ensinamentos de seu Mestre Interior. Estes capítulos trazem reflexões muito interessantes e, até certo ponto, bem provocativas. As pessoas que leram o livro comentam comigo que o capítulo dois é especialmente tenso e perturbador. Este livro é uma obra para quem quer se emocionar e repensar a vida.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

J.A.P.Filho: Primeiramente, gostaria de dizer que parte da renda com a comercialização deste livro será destinada a instituições sérias que cuidam de crianças carentes e com

necessidades especiais. Como disse, fui apenas um instrumento para a materialização da história do livro e sinto seria pouco correto não devolver parte do que vier para o Universo. O livro está disponível na plataforma da editora Viseu, bem na Amazon; Google; Submarino; Americana; Magazine Luíza; Apple; Shoptime; Kobo; Barnes & Noble e Wook. Ele está disponível em livro físico e e-book.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

J.A.P.Filho: Escrever é compartilhar. Muitas coisas pelo que passamos, mesmo as mais rotineiras, merecem ser divididas, por serem experiências que podem guiar e inspirar as pessoas ao nosso redor. Todos temos histórias que merecem ser compartilhadas e, escrever é dividir essas histórias. É claro que devemos sempre nos preocupar com a

técnica, gramática, qualidade de texto, etc.; todavia, o que realmente faz a diferença em um livro é a verdade e a emoção que o autor coloca em sua obra.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

J.A.P.Filho: Sim. Estou escrevendo um segundo livro que narra a jornada de evolução de um mestre rumo à sua verdade. Ao invés de demonstrá-lo como alguém livre de defeitos, procuro demonstrá-lo como uma pessoa normal, sujeita a erros e ainda preso em certos sofismas. Não é diretamente, mas é uma espécie história anterior daquela que conto em “A Corrente”.

Perguntas rápidas:

Um livro: Sêfer Ietsitá: o livro da criação – Teoria e Prática. Ariele Kaplan

Um ator ou atriz: Al Pacino

Um filme: Advogado do Diabo

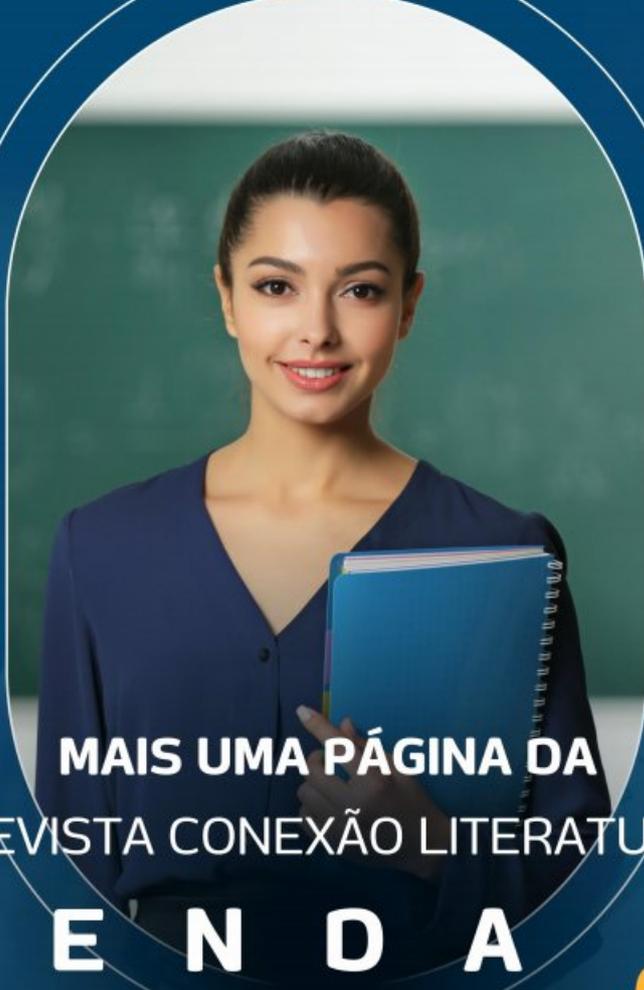
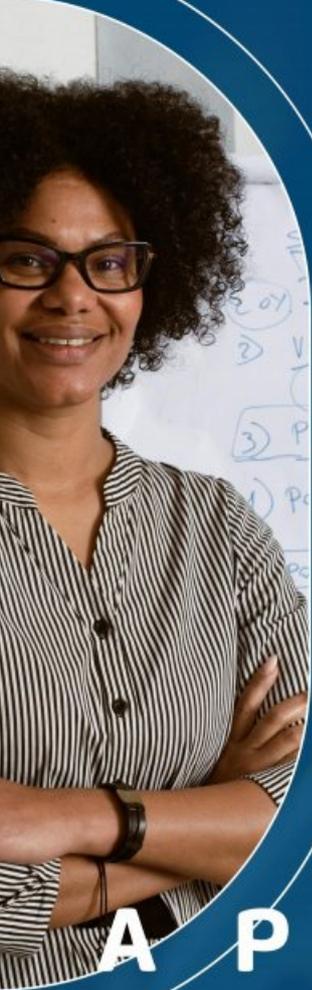
Um hobby: Ler muito

Um dia especial: O dia que minha filha Sophia veio ao mundo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

J.A.P.Filho: Espero que todos os que tiverem contato com o livro que o leiam com bastante atenção e que procurem aproveitar o que nele está escrito. Não é objetivo do livro trazer respostas, mas um convite à reflexão. Tenho um blog chamada pistissophia.blog e ficaria muito feliz se pudesse receber comentários e críticas acerca da obra. Que o Eterno cubra a todos com fartura, sabedoria e bençãos!





MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA

ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

ENTREVISTA COM JOSÉ GOMES



José Gomes

Desde muito jovem me interessei por assuntos esotéricos para responder perguntas que não achava resposta. Estudei primeiro Astronomia, Cosmologia outras ciencias afins. Depois disso me interessei também pelo estudo de religiões mas não só as tradicionais. Passei pelo Kardecismo, Gnose, Teosofia e Eubiose juntando também conhecimentos de Astrologia e Tarô. Assim pude ter uma visão mais ampla do Universo e escrevi dois livros. Sendo o último publicado: Libertação Planetária.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José Gomes: Eu sempre gostei de ler. Só publiquei meu primeiro livro em 2017. O título do primeiro livro é O Ser Humano e Nosso Planeta. Publiquei o meu segundo livro em 2020, Libertação Planetária.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Libertação Planetária". Poderia comentar?



José Gomes: Esse livro pode se enquadrar na categoria de livro de Ficção Científica, porém apesar de ser um estória criada por mim, também contém fatos históricos reais da História da humanidade, alguns não divulgados na História oficial mas que eu acredito serem verídicos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

José Gomes: Eu gosto de reunir conhecimentos das várias áreas que estudei. Eu creio que é possível reunir conceitos científicos e conhecimentos esotéricos para desvendar mistérios e oferecer aos leitores essa reflexão.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

José Gomes: Sim, há um trecho no livro em que o personagem principal, Arcturus, tem uma conversa com o extraterrestre Venturiel, no Capítulo 5, quando Venturiel explica como que alguns extraterrestres mal intencionados intervêm no nosso mundo e como é o plano para nos libertar de sua influencia.

Leiam o livro todo para entender toda a história.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Gomes: Os meus livros foram publicados originalmente pelo Clube de Autores, onde podem ser adquiridos, mas também no site da Amazon que tem a versão em E-book também. Até no site do Submarino e Livraria Cultura é possível encontrar meus livros.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

José Gomes: Creio que existe um prazer em escrever que está acima de pensar em número de vendas ou em fama. Comece a escrever esse é o caminho para se partilhar a mensagem que cada um tem para passar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Gomes: Sim, pretendo sim continuar. Em breve teremos novidades. A ficção se inspira na realidade e a realidade se inspira na ficção. Na verdade tudo está interligado, as vezes é preciso usar ficção para passar a realidade.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cosmos

Um ator ou atriz: Tarcísio Meira

Um filme: Star Wars

Um hobby: ler

Um dia especial: dias de passeios junto a natureza

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José Gomes: Será um prazer que leiam meu livro. Gostaria que pudessem partilhar comigo o que acharam e conversar sobre algum tema tratado nele.



Um livro pode
conter um
universo
inteiro, por
mais infinito
que seja.



Revista Conexão Literatura

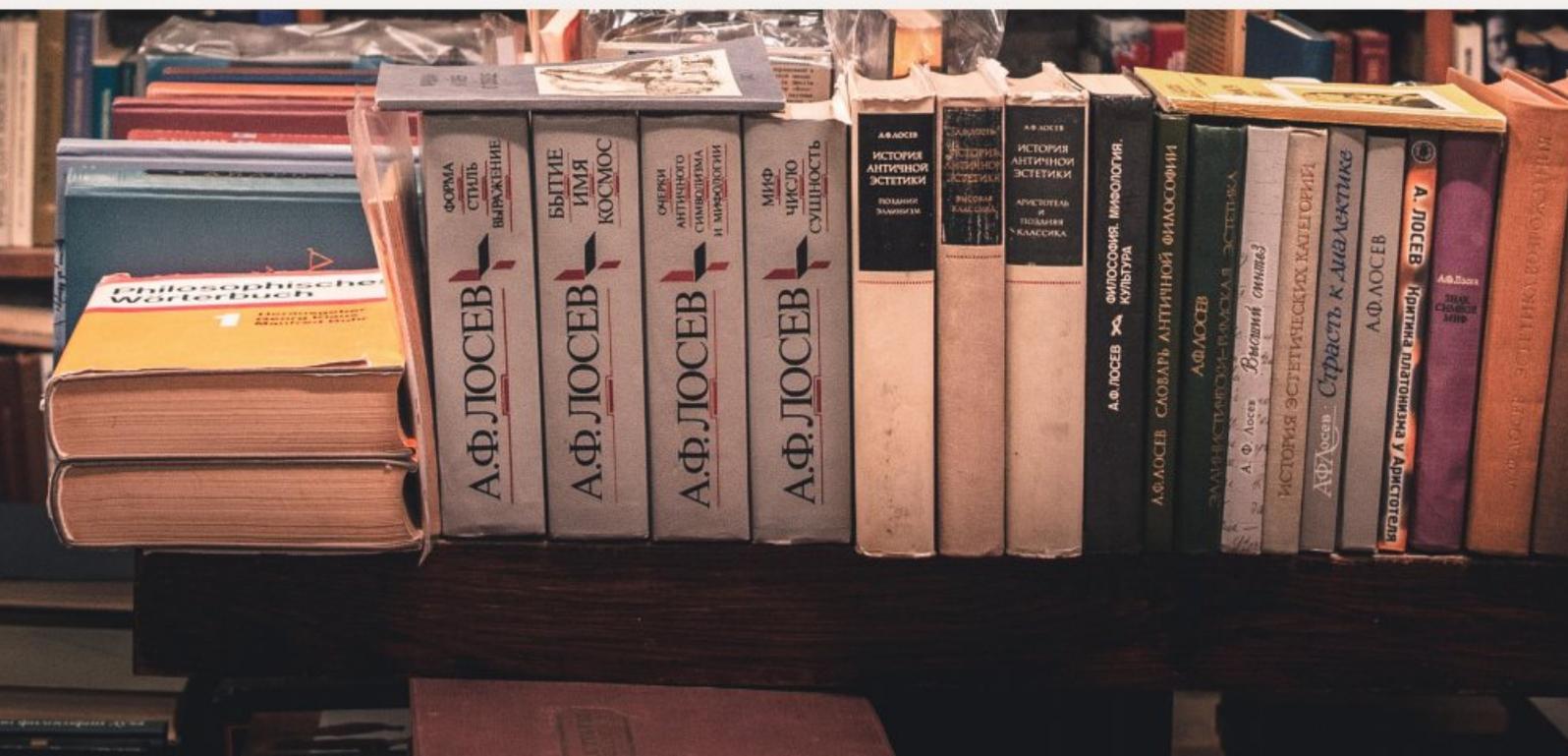
ENTREVISTA COM LESLIE HEIN



Leslie Hein

Leslie Lothar C. Hein é professor de História. A crítica social foi a principal razão que o levou a carreira de historiador: buscava um conhecimento fundamentado sobre o mundo, elementos que o levasse a explicar as inflexões e meandros do ser humano e seu comportamento social.

É doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Sua pesquisa voltou-se à questão dos imaginários sobre a energia nuclear (“Millennium: o imaginário social da Era Atômica, 1945-1974”).



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Leslie Hein: Como na Filosofia (pelo menos, segundo Aristóteles), o início surge da admiração. É aquilo que nos move independentemente de qualquer materialidade, de qualquer suporte.

Neste sentido, foi na minha infância. Eu queria escrever, por qual motivo seria difícil precisar.

Mas, um início mais concreto estaria nos anos de graduação, quando me aproximei do *hai kai*. A densidade dos três versos obriga o repensar, descarta a solução óbvia, faz do simples um exercício complexo. Para mim foi um avanço sobre o extraordinário, moldou a minha mente e continua moldando até hoje.

A prosa não foi uma decisão recente, mas tomou vários caminhos: primeiro foram os contos e as crônicas, agora, o romance. Este é o grande desafio, o campo da experimentação.

A escrita talvez seja a procura de uma nova forma para uma primeira visão.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Alice em sonhos”. Poderia comentar?

Leslie Hein: “Alice em Sonhos” é a inversão da Alice de Carroll.

É a percepção Lacaniana que não deixamos de sonhar quando acordamos e que o real está inscrito de forma contundente no onírico.

Assim, por mais que afirmemos que vivemos a realidade, estamos lidando todo o tempo com nossas próprias criações, desejos e fantasias. A própria sociedade humana é uma criação, uma rede de significados a que chamamos infável, concreto. Muito embora possamos ser punidos por estas nossas criações.

Da mesma forma, no plano das relações interpessoais, mentimos inconscientemente aos outros e a nós mesmos (seja por medo ou orgulho), e moldamos nossas vidas a partir destes mesmos engodos. São as fantasias, as projeções do ego que constroem as narrativas do dia-a-dia. Muitos vivem nessas teias de fantasias.

No livro “Alice em Sonhos”, a personagem principal, Alice, tende a escapar para a fantasia.

Foi o modo pelo qual enfrentou os problemas no passado. Em especial, era, muitas vezes, a solução que encontrava para a relação conturbada com sua mãe (que transferia os problemas com o marido para a filha).

Mas, se na vida de Alice o equilíbrio, mesmo precário, era possível, ele foi rompido quando uma catástrofe ocorreu. O desastre de automóvel que levou à morte do seu querido tio. O impacto foi de tal monta que não se faz sentir somente sobre a sua realidade, mas também sobre o plano onírico, seu ambiente de fuga.

De certa forma, posso afirmar, é uma história de horror.

A perda de controle, a impossibilidade de convivência entre os familiares foram os elementos que levaram à desarticulação e que produziram os monstros dos sonhos, monstros estes que Alice não pôde conter.

O livro é, da mesma forma, um romance policial.

Existe um mistério vital para Alice. Após o desastre, a sua sobrevivência passa a depender da descoberta de quem, entre os amigos e familiares, foi aquele capaz de invadir o seu íntimo e ameaçar a sua existência.

Mas, como em Shakespeare, a comédia nunca está longe.

Seria impossível aproximar-se da escrita de Lewis Carroll sem conduzir-se ao cômico –



que perpassa toda a narrativa.

E metaforicamente, como na Física, a história é como uma descida a um buraco negro: é incontornável e irresistível.

Para Alice, a vida tornou-se um vórtex vertiginoso, e lutar contra tal movimento é uma tarefa que somente cabe à ela. Até mesmo porque todos os demais (parentes e amigos) permanecem isolados, envolvidos em suas ansiedades e desejos, seus próprios sonhos.

O romance recebe ao menos uma herança da poesia, a preocupação com o ritmo e a sonoridade. Durante a leitura, você poderá ouvir os passos de Alice e seus companheiros. Ouvirá o seu coração no ritmo pausado da narrativa. Ou a própria melodia dos ambientes pelos quais ela passa, por vezes assustadores.

O livro foi escrito como música.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Leslie Hein: O livro partiu de muitas fontes, há inúmeras referências a outros livros, ao cinema.

A primeira parte, quase totalmente ambientada na casa de uma das tias de Alice durante um festa, é a recuperação da viagem da Alice de Carroll através do País das Maravilhas. O que no livro infantil se deu em sonhos e entre personagens insólitos, se dá na realidade. Assim é porque o mundo desperto, tal como o onírico (ao menos em uma primeira abordagem), é igualmente desprovido de sentido.

Embora possa dizer que a história parta de um conceito, ou de vários conceitos (a incapacidade de compreensão entre as pessoas – mesmo aquelas próximas; o desdobramento do luto em nossas vidas; a forma pela qual os traumas passados interferem em nosso presente), o livro é construído a partir de sensibilidades. Sobre as nuances indefinidas do nosso ser. Sobre o que somos e como sentimos.

Naturalmente, a reflexão impera. Está por todo lado. Inclusive partindo de Alice, que, indecisa como Hamlet, está sempre em diálogo consigo mesma.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Leslie Hein: O livro tem muitas nuances.

Em dois capítulos, o narrador conversa com Alice, ouve suas razões, tenta consolá-la, pergunta por suas decisões. Ali a quarta parede é derrubada.

Em outro capítulo, Alice desafia e é derrotada pelo seu analista e isso revela muito da personagem que é orgulhosa, embora insegura e tímida.

Mas, o trecho que realmente me prende é o diálogo de horrores que Alice tem com a Rainha de Copas. A soberana deixa o seu personagem por alguns momentos e incorpora a sua mãe. É um centro de contradições.

Neste mesmo capítulo, Alice galga as escadarias no átrio central do Bradbury Building em direção à claraboia ao teto.

Ela eleva-se, mas ao mesmo tempo recua no tempo.

Conexão Literatura: Que autores influenciaram o texto?

Leslie Hein: Freud, Lacan e Bion foram guias essenciais no terreno dos sonhos, a história precisou do seu fundamento. O mesmo pode se dizer sobre o real. A pergunta sobre o que queremos dizer ao falar em realidade não é simples. O texto “Em busca do real perdido”, de Alain Badiou, foi imprescindível.

A crítica social foi necessária, recorremos à Escola de Frankfurt, principalmente Walter Benjamin, que também, como ninguém, soube falar dos sonhos que temos acordados.

Mas, a literatura tem a sua própria dimensão.

Thomas Mann é um autor permanentemente referido no meu imaginário do que seja a escrita. Mas, assim também William Shakespeare – talvez mais em imaginação do que de fato. E, não posso deixar de dizer que, não importa onde eu vá, minha edição de “O nome da rosa” sempre está comigo.

No entanto, no terreno entre o real e o imaginário, o grande mestre é Philip K. Dick.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Leslie Hein: "Alice em Sonhos", pode ser encontrado em três línguas na Amazon em formato Kindle: em Português (<https://www.amazon.com.br/dp/B09G9F666X>); em

Inglês (<https://www.amazon.com.br/dp/B0BGJN7Y77>); e em Espanhol (<https://www.amazon.com.br/dp/B0BL8MWZJC>).

Igualmente na Amazon, existem versões que podem ser impressas e enviadas ao leitor.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Leslie Hein: Fugir do óbvio, da primeira percepção que tiver do seu objeto. Olhar adiante, procurar encontrar outras formas no que sente.

Naturalmente, o enredo é fundamental. Devemos saber para onde vamos ao iniciar uma viagem.

Mas, esteja atento! Personagens têm vontade própria e podem tomar decisões que ajudem ou atrapalhem a narrativa. Umberto Eco concordaria.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Leslie Hein: Planejo uma nova narrativa onde os jogos de aparências dominam a cena: uma trama policial em um teatro, onde não se sabe realmente se o crime é real ou fictício.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O nome da Rosa”

Um ator ou atriz: Judi Dench

Um filme: Blade Runner

Um hobby: Cinema

Um dia especial: aquele que é presente

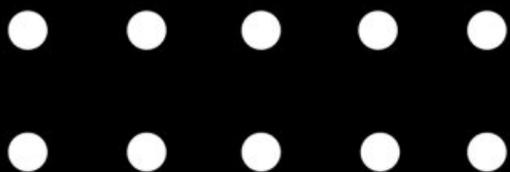
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Leslie Hein: “Alice em Sonhos” é um texto repleto de segredos e reentrâncias. Lá está o que poucos de nós realmente consegue perceber ao olhar para o interior, para o passado. É um mergulho na alma humana.

De certa forma, é um espelho e, como tal, pode refleti-lo. Talvez o leitor corra o risco de se reconhecer entre as páginas do livro.

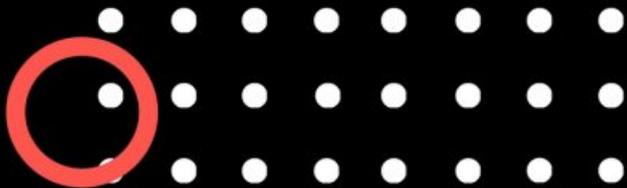
Tomou tempo e exigiu coragem para escrevê-lo.





CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





CHARLES DICKENS

Honrarei o Natal em meu coração e tentarei conservá-lo durante todo o ano.



GEORGES BERNANOS

Saber encontrar a alegria
na alegria dos outros é o
segredo da felicidade.



NORMAN VINCENT PEALE

O Natal agita uma varinha mágica sobre todo o mundo, e observe, tudo é mais suave e mais bonito.

TIRE O SEU CONTO
OU POEMA DA GAVETA



ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR BERT JR.



PARISIENSE

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

– **T**á boa, bem?

A moça atrás do balcão da padaria olhou para a figura dentro do chambre carcomido por obra de insetos domésticos, carimbado pelo mofo. Trajes que combinavam com a boca, murcha, quase desdentada, no entanto responsável por uma articulação surpreendentemente clara das palavras.

– Tudo certo, obrigada. Como posso ajudar?

– Ainda pergunta? Se não for *croissant* com geleia de framboesa e uma fatia de queijo branco vou mudar de fornecedor. E não vá esquecer do meu suco de laranja com adoçante.

A moça sorriu. Dali a instantes, trazia duas fatias finas de pão branco na chapa, cheirando a margarina, e um copo mediano de café com leite, de vidro grosso frisado. A freguesa se alimentou com calma, de pé, escorada num dos cantos do balcão, indiferente aos que procuravam não reparar no desengonçado de seus movimentos mastigatórios, produto de uma trinca desencontrada de dentes.

Quando terminou, pediu que a moça anotasse a despesa. Saldaria a conta no final do mês. Depois, extraiu da bolsinha de gobelin desbotado dois botões coloridos, escolheu o vermelhinho e o colocou sobre o balcão. “Pelos seus serviços”, falou. Antes que saísse, a moça agradeceu, indicando, no tom de voz, o quanto apreciara a generosidade da gorjeta.

As calçadas do tradicional bairro paulistano já não continham as referências de outrora. Ainda assim, parecia decidida sobre qual seria seu próximo destino. Caminhou até a porta do banco, mas não entrou.

– Quero comprar um bilhete para Paris. Tem lugar no voo de hoje?

Coçando a tampa com o indicador, o segurança respondeu que ali funcionava um estabelecimento bancário, não uma agência de viagens.

– Quem fundou esse banco foi meu avô, barão de Pedra Branca. Sabia?

– Sabia não, senhora.

– Não me reconhece, moço? Eu sou a doutora Maria de Lurdes. Doutora, preste atenção!

– Como quiser, doutora.

– Olhe, se o governador aparecer, diga que não esqueci o jantar, viu? Estou indo comprar uma roupa bonita em Paris especialmente para a ocasião. E vou trazer mais daquele perfume. Diga só isso, que ele vai entender.

O segurança assentiu, se esforçando por manter o ar de seriedade.

Ela, por sua vez, seguiu caminho rua abaixo. Aos primeiros passos na quadra seguinte, pareceu confusa. Passou a olhar para o alto, dando voltas, até que quase foi ao

chão. Por sorte, um rapaz bem apessoado, vestido de terno e gravata, sustentou-a pelo antebraço.

– A senhora está precisando de ajuda?

– A senhora está no céu, bem. Me chame de Lurdinha.

– De acordo. Posso ajudá-la em algo?

– Estou procurando o aeroporto. Vou para Paris hoje, sem falta. Para que lado fica?

– O aeroporto de Guarulhos é longe daqui. Seria melhor tomar um táxi.

– O motorista vem me apanhar, eu não ando de táxi. Escute, bem, se eu pagar a sua passagem de avião, você vem comigo para Paris?

– Infelizmente não posso. Tenho assuntos importantes para resolver aqui em São Paulo. Quem sabe mês que vem? Olhe, já que o seu motorista está vindo buscá-la, eu vou andando, senão me atraso para o trabalho. Foi um prazer. Até logo!

Durante alguns segundos, ela observou o rapaz afastar-se com passadas rápidas. Depois, caminhou na mesma direção, só que lentamente, prestando atenção na fachada dos prédios situados do outro lado da rua. Parou, de súbito, diante da vitrine de uma loja de moda feminina, sobre a calçada em que se encontrava. Resolveu entrar, mas a porta envidraçada não abriu. Lá dentro, duas funcionárias pareciam entretidas numa conversa. Sem atinar com o botão da campainha, Lurdinha bateu com o nó dos dedos na superfície de vidro, repetindo a batida com mais vigor, até que uma das moças veio ter com ela.

– A senhora precisa de algo?

– Me chame de doutora Lurdinha, bem. Quero sentar um instante e tomar um copo d'água.

O interior da loja estava fresco. Foi acomodada numa banquetta, para não ocupar o sofá reservado à clientela da loja.

– Cheirinho bom, me lembra Paris.

– Trabalhamos com sachês importados. A senhora conhece Paris?

– A senhorita é muito simpática, mas tem que cuidar o modo de tratar as clientes importantes.

A vendedora olhou para a visitante com ar de surpresa, depois para a colega de trabalho. Por fim, compreendeu a que se referia a observação.

– Ah, claro! Perdão. Conhece Paris, doutora Lurdinha?

– Se conheço? Aquilo é meu chão. Quando eu era mais jovem, passeava pela Champs-Élysées e os homens espichavam o olho. Só faltavam babar.

– Faz tempo que a doutora não vai a Paris?

– Estou indo daqui a pouco. Mas não quero ir sozinha, sabe? Viajar sem companhia é chato. Se você fosse minha sobrinha, eu levava você comigo.

– A sua sobrinha mora em São Paulo?

– Mora aqui perto.

– Aqui mesmo, em Perdizes?

– É o bairro da minha família. Isso aqui não era nada antes do meu avô se mudar para cá, o barão de Pedra Branca.

– Verdade? E onde vive sua sobrinha?

– Tem uma agência de correio aqui perto?

– Tem, sim. Por quê?

– Eu tenho uma carta que quero mandar para ela.

– Posso ver? Se tiver o endereço anotado, eu posso levar a doutora até lá.

– Que é isso, menina? Querendo mexer na correspondência dos outros? Eu sou advogada, sabia? Doutora Maria de Lurdes. Cuidado para não ir presa! – falou, se levantando, para logo dirigir-se à saída.

– Desculpe, só estava tentando ajudar – disse a vendedora, abrindo a porta de vidro para facilitar a saída da visitante.

– Para que lado fica o correio, mocinha?

A vendedora apontou o caminho. Ficava a dois quarteirões dali. Lurdinha seguiu na direção indicada, vagorosamente. Vencida a primeira quadra, viu dois rapazes que conversavam, encostados num muro, e resolveu perguntar se o correio estava perto. Os rapazes se entreolharam. O que parecia mais velho respondeu.

– Está longe ainda, madrinha. O que a senhora vai fazer lá?

– Não é da sua conta, menino. Eu sou a doutora Maria de Lurdes e tenho uma correspondência importante para enviar.

– Deve estar na bolsa, não é? Tem certeza que a madrinha não esqueceu a carta em casa? Por que não confere?

– Eu não esqueço nada, muito menos uma carta para minha sobrinha – entretanto, assolada pela dúvida, Lurdinha abriu a bolsa de gobelin.

– Será que é aquele envelope ali? – perguntou o rapaz. – Vamos checar se é mesmo – e retirou o envelope da bolsa num movimento rápido.

– Me devolve isso, menino – gritou ela.

O rapaz permitiu que ela agarrasse uma ponta do envelope, mas não o entregou. Atrapalhada, Lurdinha nada pôde fazer quando o mais novo arrancou a bolsa de gobelin

de uma de suas mãos frágeis. Os meliantes saíram em disparada, levando a bolsinha com eles, mas felizmente deixaram o envelope com a carta para a sobrinha.

Lurdinha sentiu uma tristeza e um alívio ao mesmo tempo. Chorou duas ou três lágrimas, que se perderam nos caminhos tortuosos de seu rosto vincado.

Proseguiu, rua abaixo, atordoada, até que viu o entra e sai junto a uma porta envidraçada. Aproximou-se e reparou na placa amarela e azul. Correio, era o que dizia em letras de tamanho adequado para os seus olhos. Entrou.

Uma das funcionárias pediu licença aos clientes para atender aquela senhora idosa, que portava um envelope amassado entre as mãos.

– Bom dia, bem! Quero enviar esta carta para a minha sobrinha.

A moça recebeu o envelope e o examinou, frente e verso.

– Senhora, desculpe, mas não tem o destinatário. A senhora sabe o endereço para a entrega da correspondência?

– O correio não sabe onde mora a minha sobrinha? Eu sou a doutora Maria de Lurdes, e a minha sobrinha mora aqui perto. Em Perdizes.

– Se ela mora tão perto, a senhora pode levar a cartinha pessoalmente. Assim, não vai precisar gastar nada.

– Vim até o correio porque não lembro onde ela mora. Vocês deveriam saber, não é?

A funcionária percebeu que o caso era complexo. Condoída, procurou ajudar.

– Se a senhora me permitir, posso verificar se na cartinha há alguma informação que possa ser útil.

Lurdinha olhou para a moça, pensativa, e, embora relutante, decidiu concordar. A moça abriu o envelope, que não estava lacrado, retirou a folha de papel A4, abriu-a sobre a superfície do balcão e leu o bilhete, escrito com caneta de tinta azul, em letra de forma:

“A senhora Maria de Lurdes Correia Prates sofre de Alzheimer.

Ela vive no lar de idosos Renascer, na cidade de São Paulo.

Se por acaso ela se perder, favor ligar para o número (5511)

Moro em Paris com a minha família e venho visitá-la uma vez ao ano.

Agradeço toda a ajuda que puder ser dada à minha tia.

Ass: Carlota Prates Dubois”

N.A.: “Parisiense” é um dos treze contos que integram o livro *Do Incisivo ao Canino* (Versiprosa, 2022).



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um segundo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. Em 2023, publica *Vi&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas, e *Sem pé com cabeça*, uma antologia de crônicas humorísticas. Vem colaborando com as edições mensais da revista eletrônica Conexão Literatura. Para 2024, planeja publicar seu primeiro romance.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR GABRIEL ELIAS JOSENDE



HÉLIA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Sonhos movem a vida. Isso era algo que Hélia sabia bem. Desde criança, ela juntava suas bonecas, colocando-as em almofadas e criando leitos de hospital. Porque criança faz isso. O que imagina ganha vida, ascende ao status de realidade. Com Hélia e suas pacientes da Mattel não foi diferente. Quando perguntavam do que brincava, ela logo se frustrava e dizia não ser brincadeira. Aquilo era trabalho, seu trabalho. Mais respeito, pedia. Os adultos achavam graça.

— Que deu com essa uma?

— Ela me caiu e me quebrô o braço!

Ela vivia no garrão do país. Região fria, mas de pratos quentes. Faz parte da cultura italiana: um prato farto de variedades. Assim era na cidade onde nasceu e cresceu, naquela região dos vales e dos vinhedos, do vêneto e do vento, na serra em que o tempo parece ter, por frio, congelado. Imersa em tal cultura, Hélia nem estranhou quando, aos 10 anos, pisou em uma peça de Lego e blasfemou seu primeiro “Porco Dio!”. Seus pais acharam graça. *Agora ela nasceu*, disseram, mas logo a repreenderam.

— Tu tem muita luz, Hélia.

Aproximou-se a mãe, colocando a mão em seu rosto.

— Tu me para de blasfemá! Zesus não gosta.

A menina ergueu um olhar tenro.

— Ma tu também diz, mãe!

— Eu sei, ma me toca te alertá. Tem zente que não entende.

Ela tinha razão. O tempo congelou as construções e alguns costumes, mas não a língua. Essa não congela. Em suas constantes transformações, aquele lugar escolhido a dedo pela natureza para semear sua infinitude replicava, também, o mesmo infinito nas variações linguísticas irrefreáveis que pareciam borbulhar lá, como se cada morro do vale fosse um seio no qual o acaso nutria e desenvolvia esses fenômenos. Ninguém falava como a gente de lá. Ninguém no mundo inteiro.

Na escola, Hélia sempre se destacava. Foi nessa época que teve seu primeiro contato com o *bullying*. Os outros alunos a achavam metida, sabichona. Contudo, a verdade é que Hélia gastava seus olhos nas noites em claro, devorando páginas de livros e artigos da *internet*. Isso se intensificou ainda mais no Ensino Médio, quando começou a focar dia e noite para passar no vestibular de medicina. Estudava o dia todo, em uma mesa em que o sol batia por entre as colinas, invadindo a janela e atingindo as vistas já fatigadas da menina. Tanto que decidiu, aos fins de tarde, abrir um guarda-chuva em frente ao seu oceano de livros, no qual se abaixava e protegia sua voracidade de se classificar.

Sua persistência foi recompensada. Aos 19 anos, passou na federal no curso que almejava, em uma universidade no sudeste do Brasil. Ficou tão emocionada que foi correndo contar para sua avó Ortelina.

— Nona! Nona!

— Hân?

— Tu nem me acredita! Vô fazê medicina!

— Ma tu não me inventa coisa, Hélia!

— É sério, nona!

E emocionou-se a avó, abraçando-a.

— Tu me toma juízo, hein!

— Pode dexá!

Nunca se viu tanto orgulho no olhar daquela senhora.

Hélia mudou-se pouco tempo depois, impulsionada pela força de um sonho nutrido há anos. Levou uma de suas Barbies na bolsa, como forma de lembrar que chegou lá. Na despedida, verteu o Rio das Antas inteiro em lágrimas, dando longos e afetuosos abraços em toda sua família. Levou consigo um terço que a avó deu e pegou o avião, sua primeira viagem aérea na vida. Seus pais vinham guardando um dinheirinho na cooperativa há anos, desde que a menina demonstrou querer seguir por esse caminho. No aeroporto, abanavam os dois por detrás dos vidros, movidos por um sonho ainda maior que o de Hélia: o de ver sua filha feliz.

(...)

Era a primeira aula de Hélia. Desorientada pelo fervor da cidade grande, ela se atrasou logo no primeiro dia. A vida não era pacata como lá de onde viera. Por isso, a estudante calculou mal o horário de saída, e quando chegou à faculdade, a aula já havia começado há algum tempo. Hélia dirigiu-se até sua sala e bateu à porta, que foi aberta por um homem de trinta e poucos anos e de semblante não muito convidativo.

— Sim?

— Oi, aqui que é a aula introdutória?

— Sim.

— Tu me desculpa, eu me atrasei. Posso entrá?

— Tu? Com quem está falando?

— Tu é o professor?

— “Tu”, não. É “o senhor” é o professor, e sim, sou.

Hélia engoliu em seco.

— Camadona, me perdoa professor. Primeiro dia e eu me faço uma dessas!

Estreitou a vista o docente. Ela viu que alguns colegas também.

— Entra.

Recolheu-se ao fundo da sala, envergonhada. Engoliu o choro, respirou fundo e abriu seu caderno. Uma colega ao lado cochichou:

— O que é “camadona”?

Hélia voltou a si, ao menos o suficiente para formular uma resposta.

— É... como “Porco Dio”, sabe?

— Porco o quê?

Ela engoliu a tradução.

— Nada. Não é nada.

— Hm... qual seu nome?

— Hélia.

Seguia cabisbaixa.

— Bom conhecer você.

Estendeu a mão.

— Sou Eulália.

Aperto de mãos firmado e sorrisos trocados, o professor parou a aula, olhou para as duas e questionou:

— Vocês, de segredinho. Trouxeram o material que solicitei por e-mail?

Arregalou-se Hélia.

— Desculpa! Mais uma que me faço. Não levei!

Ele estranhou.

— “Não trouxe”, você quis dizer?

— Ah, isso! Não trusse.

Eulália reparou nos olhares maldosos da turma, e nos murmúrios que Hélia, em sua inocência, parecia não entender. Só parecia.

— Eu também não levei, professor. Desculpa.

Pela primeira vez, aquele homem sorriu.

(...)

Logo se intensificaram os comentários na sala e nos corredores sobre a tal aluna que falava engraçado. Foi tudo muito rápido, tanto que Hélia nem pôde acompanhar o quanto cresceram. Os estudantes passavam ao lado dela e gritavam “Camadona!”, “Porco Dio!”, “Dio Cane”, “Porca Pipa” e outras expressões que julgavam cômicas. Eulália sempre a defendia, às vezes soltando um “Porca é sua mãe!”.

— Ei, Hélia.

Um grupo de rapazes a parou no corredor.

— Levou seu caderno pra aula hoje?

Disse um e riu-se.

— Por que quer saber se levei?

— Ih! Ó lá! A mina é burra mesmo, véi!

Eulália colocou-se à frente e empurrou o garoto, que caiu com tudo no chão.

— Tá doida? Maluca!

— Falando em levar, grava bem isso. Da próxima vez você leva um bofete bem no meio da sua fuça.

Voltou-se à amiga.

— Hélia vem do sol. De luz.

Ela chorava.

— Não deixa ninguém apagar sua luz, Hélia.

Trocaram sorrisos e seguiram.

(...)

Os meses foram passando e Hélia foi sofrendo cada vez mais discriminação. Os colegas diziam que ela mal falava português. Isso gerou nela um sentimento de estigma. Ela se retraiu cada vez mais, ficando mais e mais calada. Ela sabia que se falasse, seria debochada. Entretanto, os professores tentavam fazer com que interagisse, direcionando-a perguntas.

— Hélia?

Ergueu o olhar.

— Pode nos contar sobre uma medicina tradicional da sua família?

Recordar a família era semear a saudade. Hélia perdeu-se em lembranças, seu espírito viajou no plano astral e retornou à Serra Gaúcha. Lá, lembrou de seus pais, do amor inigualável da nona Ortelina. Pensou se estavam bem. Bem de verdade, não como se passam nas mensagens que trocavam. Se sua saudade lhes visitava nos momentos de ceia, nos fartos cafés da manhã. Se sofriam muito quando entravam em seu quarto e viam suas roupas, sentiam seu perfume que seguia impregnado nos lençóis que a mãe bem disse, certa vez, não ter coragem de lavar.

Hélia pegou, então, sua Barbie da mochila. Todos a julgavam.

— Uma vez me quebrei o braço. – disse, abaixando o braço da boneca. – Então, minha nona me dava todos dia uma compressa de mestruz.

— Mestruz?

Aquele mesmo aluno a questionou.

— Sim, é uma erva.

— A erva é mastruz. E como assim você se quebrou o braço?

— Sim, me quebrei.

— E por que você fez isso? Por que quebrou o próprio braço?

— Não! Eu me quebrei quando subi numa árvore.

— Então por que “me”? Por que “me” quebrei?

— Porque me quebrei o braço.

— Ninguém fala assim, Hélia!

— Ela fala!

Interveio Eulália.

— Se ninguém fala, por que ela fala?

— Invento coisa.

Recolheram-se a garota e a Barbie.

— Se você cuidasse da sua vida, seria bem melhor, sabia?

Torceu o nariz.

— É. Tem quem cuida da sua vida e da “vida” da Barbie.

— Chega vocês dois!

O docente foi até a classe de Hélia.

— Mestruz tem forte poder anti-inflamatório e cicatrizante.

Esboçou um sorriso.

— Sua nona com certeza sabia o que fazia.

(...)

Passou Eulália, também, a ser excluída da turma. Os alunos diziam que ela se doía demais por Hélia, que não precisava de tanto. Um dia, chegaram as duas para uma aula de anatomia. No quadro, havia o desenho de um coração acertado por uma flecha, com os nomes delas. Eulália enfureceu-se.

— Quem foi que fez isso?

Aquele mesmo sorriso de sempre.

— Eu avisei!

Foi até diante dele e, furiosa, virou-lhe o rosto com os cinco dedos espalmados.

— Tá maluca, garota?

Hélia aproximou-se, pisando firme como não fazia há meses, desde o início do primeiro semestre.

PAF! Desferiu o golpe de liberdade.

— Surtou de vez, sua colona?

PAF!

Ouviu-se o estalo nas colinas do Vale dos Vinhedos.

— Ma tu não me tenta que eu não me arego pra home.

— Cala a boca, gringa! Não sabe nem falar!

PAF!

Esse veio de Eulália.

— Você entendeu o que ela disse, não?

Ele transpirava raiva.

— Se entendeu, é porque ela falou português, babaca!

(...)

Os professores finalmente se incomodaram com o preconceito que sofria a garota. Estigmatizada, Hélia falava cada vez menos nas aulas, cada vez menos contribuía com tudo o que tinha a ensinar. Um dia, chegou aos ouvidos do professor de ética médica tudo o que a estudante passava. Marcos era um grande defensor das particularidades das pessoas, ainda mais de seus grupos de origem, e transmitia isso em suas aulas. A fim de ajudar com a situação de Hélia, convocou todo o curso de Medicina para uma palestra no salão nobre.

Lá, ele explicou que a ética que se transmitia aos pacientes deveria começar a ser plantada já na graduação. Deu um puxão de orelhas coletivo: *Se vocês sequer respeitam as individualidades de cada colega, como esperam respeitar a história, as origens, as necessidades e as dificuldades de cada paciente?* Sua palestra levou uma aula inteira, conseguiu licença com a coordenação do curso, dadas as proporções do que aquilo havia se tornado. Conversou, também, sobre sociolinguística e as questões de preconceito e estigma. Aos poucos, pareceu convencer a maioria, mas alguns ainda eram resistentes.

— Foi mal, fessor. Mas tem gente que é burra e que nem sei como entrou nesse curso.

O jovem intimado por Eulália voltou-se para Hélia, que desviou o olhar. O silêncio tomou conta do recinto, e então, Eulália levantou-se.

— Professor Marcos, com licença.

— Sim?

— Posso falar? Aí na frente?

Ele assentiu. Eulália postou-se diante de todos os alunos do curso.

— Sabem que é por ela, não é?

Encolheu-se Hélia.

— Por ela que estamos aqui. Por esse jeito estúpido de vocês tratarem ela!

Salgou-se o rosto de Hélia.

— Posso usar seu computador, professor?

— Pode.

Foi no notebook e pesquisou a lista de classificados da universidade. Quando abriu, o semblante de todos mudou.

— Estão vendo aqui? O nome da Hélia?

Sorriu para a amiga, voltando-se ao rapaz que a debochava.

— Hélia foi a primeira colocada.

Ninguém disfarçou a surpresa. Um aluno ao fundo levantou-se e aplaudiu. A ele, seguiu-se outro, depois outro, e outro mais. Assim, uma mar de palmas tomou conta do espaço. A partir daquele dia, especialmente das palavras de Marcos e de Eulália, Hélia passou a ser respeitada na faculdade.

Pouco depois, findou-se o ano letivo. Ela só voltava para a casa dos pais uma vez ao ano. Desceu do avião ansiosa, louca de vontade de abraçar a mãe, o pai e a avó. Ao chegar, envolveu calorosa a todos. A avó Ortelina a contemplou, serena.

— Tu me rezou o terço, filha?

— Todos dia, nona.

Sorriu.

— E Deus me colocô um anjo na vida.

Mostrou uma foto sua com Eulália. A idosa segurou sua mão.

— Que nome tem ela, Hélia?

— Eulália. Me peguei gostando dela.

Sorriram.

— Que Zesus ilumine.



Gabriel Elias Josende é um poeta e escritor que publica, também, sob o pseudônimo OLYMPUZ. O autor é helenista e reflete essa fé na temática de seus textos, que constantemente invocam os deuses gregos. Além do helenismo, o escritor manifesta em sua arte a astronomia, a astrologia e a numerologia. É autor de "Três quintos" (2019), "Nas asas de Ícaro" (2023), "Feriu demais partir" (2023), "Só ar, sem sono, sem ar" (2023) e "Espectro" (2023).

CONTO
POR ADAYL FALCONI CHIODI



A BANDA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Voadando pela vida, a mesmice e a tristeza se encontraram. E, como eram muito amigas, vagaram juntas sem destino. Para continuarem juntas, porque, mesmice sem tristeza não é mesmice que se preze, resolveram se estabelecer numa cidadezinha também triste, perdida no mundo (lá onde o vento faz a curva), um cantinho do mundo sem passado e com um presente sem futuro.

Nesta pequena cidade triste, tinha um manda-chuva (e tem ainda...). Ele só se ocupava de números, contava e recontava. Era como aquele, que um príncipezinho falou, que contava estrelas e achava que, só por contá-las, elas lhe pertenciam. Sua imaginação e sentimentos não iam além de cifras. Afundava-se em contar e acumular.

E um faroleiro, que, com lorotas, enchia seu mundo e sua vida de faz de conta. Farolava para os outros e ele mesmo acreditava em suas farolices. E era feliz.

E o velhinho, já cansado, sozinho no seu viver, sem muito o que esperar, sentava na sala e conversava com a tristeza e a solidão, que se acomodavam nas poltronas como se de casa fossem. Eram suas companheiras enquanto esperava a morte chegar.

E ali vivia uma moça que se achava feia e, por isso, se fechou.

E tinha a namorada da lua que se encantava com as estrelas. De vez em quando, ela parava de se encantar, para pensar na vida e suspirar pela lua.

E a moça triste... escondeu o sorriso no fundo do seu coração e o chaveou. Sonhava encontrar o amor, mas como achá-lo nesta cidade triste? Até a rosa da janela triste, da moça triste, de tanta tristeza se fechou e nunca mais se abriu.

Ainda bem que nesta cidade sem passado, com um presente triste e um futuro sem sonhar, tinha a criançada que corria pelas ruas com o seu brincar. Elas eram o coração alegre da cidade triste. Tinham no coração a esperança. E foram elas que trouxeram a notícia que uma banda ia passar e, por conta disso, já cantavam e desintristeciam o entristecer.

Então, o contador de dinheiro parou...

O faroleiro largou das farolas...

O velhinho deixou a tristeza e a solidão sozinhas na sala...

A moça que se achava feia só de saber que a banda ia passar se sentiu bela e pensou que a banda só tocava pra ela...

A namorada da lua deixou as estrelas e veio à janela...

A moça triste que vivia calada, sorriu...

A rosa triste da janela da moça triste, que vivia fechada, se abriu...

E a meninada toda se assanhou para ver a banda passar cantando coisa de amor!

Mas choveu.

E, cada um no seu canto, enrolou-se na dor.

(Inspirado na música “A Banda”, do notável Chico Buarque)



ADAYL FALCONI CHIODI é professora aposentada. Nasceu no Natal de 1941, em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez pós-graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUÍ (Ijuí-RS).

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame -
Mônica Prado

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO
POR NEY ALENCAR



O MISTÉRIO DO VIRA-LOBO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“Uma besta e somente uma uiva nas matas à noite.”

— Ângela Carter

Nova Vênus, terceiro planeta do Sistema Nova Terra. Stax Reeche. O Detetive Jockley Gowl estacionou o veículo na frente do beco, o lugar fervilhava de policiais, um telpiniano de muitos braços gesticulava tentando controlar o trânsito caótico àquela hora da manhã. O sargento Rian saiu de detrás de uma grande ambulância azul metálica e veio gingando até ele, quase parecia sorrir com o caos que se instalara ali. Não conseguia entender o complexo senso de humor humano!

— Senhor, ainda bem que chegou, o Superintendente está fulo da vida!

— O que houve? O que foi que disseram a ele que fiz desta vez?

— Ele disse que queria falar-lhe imediatamente, tentou chama-lo, mas sua linha estava desligada.

— Ah, acabou a bateria, nem me lembrei de carregar! Estes novos modelos são muito frágeis e acabam rápido. O que houve?

— Temos dois corpos mutilados e as câmeras de vigilância de fora do beco pegaram a figura de um ciniano saindo do local!

O detetive se surpreendeu, aquilo era uma coisa horrível demais para sequer conseguir imaginar, outro como ele cometendo um crime, abominável demais! Ele próprio não era humano, era também um ciniano originário do planeta Riox, no Stax Borealis, anos luz de distância dali. Deixara a casa paterna muito cedo, havia estudado com cuidado os modos e comportamentos dos seres humanos, suas fobias e suas derivações e havia conseguido um diploma de Mestre em Exopsicopatologia pela universidade de Magebot. Era um dos poucos cinianos nas forças da FPI e era o mais condecorado.

Mas conhecia bem demais a história de seu povo e sabia que não havia nenhum entre eles capazes de fazer uma coisa brutal como aquela, eram uma raça pacífica por natureza, haviam descartado todo comportamento violento logo após a Grande Guerra Zoult, depois de verificar os cadáveres retornou para o lado do sargento que o olhava de canto de olho.

— O doutor Orville avisou que já está chegando para fazer o exame dos corpos. — avisou o sargento, os olhos quase sorrindo.

— Diga-lhe que preciso do resultado até o início da noite. — estava com o estomago embrulhado, não entendia como outro de sua raça tivesse feito aquilo, não daquela maneira tão abominável, talvez apenas estivesse no lugar errado na hora errada. — Me envie as imagens das câmeras no computador móvel do veículo.

Entrou no aerocarro e dirigiu até a chefatura, no centro da cidade. Viu as cenas! Realmente era um ciniano que deixara o local, identificou a pele marrom clara, não conseguiu, porém, uma identificação positiva do indivíduo, usava um agasalho com capuz que lhe escondia o rosto, talvez não fosse cadastrado ou era um estrangeiro ilegal sem passaporte. O Superintendente já o esperava em sua sala, o velho Aardvaark estava bem nervoso!

— Gow! Onde você estava? Desligou o comunicador de novo? — piscou seus múltiplos olhos e tentou sorrir com a boca sem lábios, um horror!

— Estava sem bateria, senhor! O que aconteceu?

— Você passou no local do crime? Viu as imagens? — A voz do Superintendente tremia de ansiedade e nervosismo.

— Vi! É um ciniano, sem sombra de dúvidas. Não tenho explicações para um comportamento assim. Vou analisar as autópsias e poderei lhe dizer mais. A cena não continha elementos suficientes para identificação. Talvez seja um imigrante ilegal! Ou mesmo um pária! É uma coisa rara, porém pode acontecer!

O Superintendente levantou-se e foi em direção à porta, voltou-se antes de sair.

— Quero este caso resolvido, Gow! O Embaixador de Riox nos contatou muito preocupado com as repercussões que uma coisa dessas poderia ter na política externa! Me dê uma solução! — sua voz traduzia a raiva e o medo, saiu batendo a porta.

O Detetive sentou-se, verificou novamente as imagens das câmeras externas, não havia nada nelas.... Súbito percebeu uma silhueta que cruzava com o ciniano quando este acabava de sair do beco. Era um Qeersilianos! Uma ideia se iluminou em sua mente! Ligou para o sargento:

— Sargento, temos uma possível testemunha. Vou lhe enviar o arquivo do quadro do rosto, me consiga todos os dados e endereço dele, é um Qeersiliano!

Viu a surpresa no rosto do sargento e depois a concordância.

Duas horas se passaram sem notícias, até que o sargento retornou à chefatura.

— Consegui, senhor! Quer ir lá agora? Os laudos do legista estão prontos.

— Me envie pelo caminho, você me acompanhará! Vamos!

Uma hora depois pousaram na frente de um conjunto de prédios compactos de cor marrom avermelhada com várias janelas envidraçadas.

O Detetive ainda estava em choque com os laudos, as duas vítimas haviam sido mortos com requintes de crueldade e partes dos corpos haviam sido consumidas, o que indicava que o assassino desenvolvera um comportamento anormal. Subiram até o quarto andar e bateram na porta de metal. Um reptiliano humanoide abriu a porta, era um Subiri, sua pele era cheias de manchas de coloração amarelada e avermelhada, olhou-os com grandes olhos castanhos por detrás dos quais o Detetive podia ver uma luzinha azulada, estava contando com isso.

— Boa tarde senhor Orroreno! Sou o Detetive Gow! Viemos com um mandado para fazer uma verificação nas imagens de seus implantes oculares cibernéticos!

— Ora, isso é uma afronta! — recusou o Qeersiliano tentando fechar a porta.

O sargento colocou o pá no batente e abriu a porta.

— Se o senhor se recusar seremos obrigados a leva-lo para retirar as imagens na chefatura, o que não seria muito agradável! — explicou Jockley sem sorrir.

O outro pareceu resignar-se, mesmo assim argumentou.

— O senhor sabe que as imagens são protegidas pela Emenda Back, não sabe?

— Eu sei. — confirmou o Detetive enquanto o sargento retirava os equipamentos de extração de uma bolsa pequena — Mas elas são prova de crime e portanto a Emenda não se aplica neste caso.

— Prova de crime Não fiz nada! — a voz do outro traía sua surpresa.

— Não foi o senhor. — tranquilizou o Detetive — Quando passou por um beco, hoje de manhã bem cedo, por mero acaso, suas lentes captaram a face de um criminoso, precisamos acessar as imagens para identifica-lo!

O Qeersiliano sentou-se no sofá e deixou que o sargento aplicasse o cabo de retração em seu lobo frontal. Em segundos as imagens pularam para a pequena tela em quatro dimensões diante do Detetive, ele ajustou a hora e os minutos e esperou. A figura embuçada surgiu na entrada do beco e a câmera captou a imagem do seu rosto. O Detetive capturou a imagem e a inseriu em seu computador de mão. Em segundos surgiu a identificação do suspeito e seu endereço!

— Acredito que terminamos aqui! Muito obrigado senhor! — agradeceu o Detetive saindo.

Já no aerocarro Jockley virou-se para o sargento.

— Quero um esquadrão completo na frente da casa do suspeito! Peça para chamar Zuane e o pessoal dela, são mais habilidosos nestas situações.

O sargento assentiu.

Meia hora depois, quando pousaram na frente de uma pequena casa nos subúrbios da capital foram abordados por uma bela e esguia felina humanoide de pele dourada, uma Ourofelis Chondárta, a Coronel Zuane, ela olhou para Jockley e sorriu mostrando as presas afiadas e brancas.

— Boa tarde Jockley, imaginei que era coisa sua, me chamar na minha folga!

— É porque eu gosto de você Coronel!

— Não é não, é porque sou a melhor no que faço!

— Isso também! — riu o Detetive.

Posicionaram-se ao redor da casa e o Detetive bateu na porta. Quando esta se abriu um ciniano pequeno e franzino surgiu, não parecia o mesmo das imagens, mas era ele, o Detetive tinha certeza, por detrás dele surgiu uma criança ciniana de pelagem branca e olhos bem azuis, que se escondia tímida.

— Senhor Okrano Cingulum?

O outro viu os soldados das forças especiais que cercavam a casa e entregou-se!

— Sou eu que vocês querem! Por favor deixem minha família fora disso!

— Como quiser, senhor Cingulum. Me acompanhe então! — pediu o Detetive.

Depois de chamar a esposa e deixar as duas, ainda perplexas, na porta da casa, o ciniano entrou no carro com o Detetive, sentou-se atrás.

— Como me encontraram?

— Primeiro me corrija se estiver errado. — pediu o Detetive bem sério — O senhor sofre da disfunção da “doença da lua”?

— Sim, Detetive, isso me atormenta há décadas já. Antes era quase um nada, uma fome repentina e uma sensação estranha, mas depois foi se modificando até que ficou incontrollável. Ontem não consegui me conter e perdi o controle! Fugi para não matar minha esposa e minha filha, mas parece que não foi o suficiente! — lamentou ele.

— Infelizmente não foi! Temos duas vítimas fatais no centro da cidade! — informou o Detetive sentindo pena do outro!

— Sabe, Detetive, o pior nisso tudo é que não era realmente eu naquele beco... era outra coisa, primordial e selvagem... era como o uivo de um homem trancado dentro de meu corpo! Era um Vira-lobo!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura



CONTO
POR IDICAMPOS



YASMIN X YAGO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Frequentou a escola pra comer merenda, pois em casa a geladeira parecia um aquário: repleta de água, nada no congelador, muito menos legumes, as frutas sumiram, assim como as proteínas foram despejadas por causa da carestia.

O pai picou a mula, vasou na primeira dificuldade financeira, deixou a mulher com cinco filhos pra criar... A dona corria atrás, foi de faxineira a acompanhante de velho tarado, destes que aperta a bunda da serviçal achando que pobre é sobremesa de rico... No colégio a didática não atingia o esquema mental de Yago, a desnutrição mastigava o estômago do sujeito, corroía a capacidade intelectual, travava a aprendizagem. Imprensado na parede, mudou de rumo, destruiu a bicicleta velha, adquiriu umas tábuas, construiu um carrinho, ingressou na informalidade, foi ser burro sem rabo.

No interim, o irmão mais velho dançou pro tráfico, uma das irmãs veio a óbito numa bala perdida, as outras duas entraram pra prostituição. Yago resistiu, andava de um lado ao outro empurrando mercadorias no Saara, servindo de capacho a mais valia do comércio da Alfândega.

Numa manhã cinzenta despediu-se da mãe, no cemitério, vitimada pelo coração cansado... A sofredora, no leito de morte, mostrou uma carta com endereço europeu ao caçula. A narrativa da correspondência revelava a presença de parentes, no interior de Portugal, em Cereja, região rural da terrinha.

Deu uma volta nos herdeiros, vendeu a meia água da família, comprou a passagem de ida; onze horas depois descia no aeroporto de Lisboa, com uma trouxa na mão e a cabeça cheia de sonhos... Adentrou no sítio dos tios, uma quinta voltada à subsistência, onde se plantava pra comer; o excedente da produção vestia os membros do clã. O tio recebeu o sobrinho com má vontade, mas colocou o rapaz na lida, arrancou o couro do garoto, submeteu o visitante a 12 horas de labuta.

Yago, esperto, investiu o pouco dinheiro recebido nas redes sociais, ganhou repercussão, melhorou a pronúncia do português; contudo a estética de subdesenvolvido atrapalhava a pretensa imagem de influenciador digital. Ciente dos entraves trapaceou, comprou um celular, tirou uma foto de um jovem galã na internet, anexou ao perfil do site de namoro, foi à luta... Munido da aparência alheia, versado em mentira, iniciou a carreira de amante profissional, arrebanhou seguidoras, fez a festa... Investiu no argumento de empresário montado na grana, porém tropeçava no raciocínio, de vez em quando era pego na curva da burrice...

Alugava roupa, aparecia de táxi, justificava a cara diferente da fotografia com o alibi de ser foto antiga... Nesta onda arregimentava a mulherada, enganava com aparência luxuosa, forjava o arquétipo de homem sensível. Na sequência dava a facada financeira, negociava ações de empresas desconhecidas na bolsa de valores.

Versado no estelionato passou a viver da conta bancária das carentes, driblava a sua feiura com bastante romantismo, oferecia flores, levava as coroas ricas na maciota...

No site de relacionamento deitou os cabelos, sendo surpreendido pelos apelos de uma criatura linda, dessas de arrebatrar queixo de marmanjo... A beleza da figura, no aplicativo, dava água na boca, uma beldade.

A fulana, nova no pedaço, morava no Brasil, no Estado de São Paulo, em frente à

Praia do Guarujá; viúva de um brigadeiro, instalada numa cobertura tipo site de cinema, com piscina, coqueiro e pé de maracujá.

Yago gamou de cara na história de Yasmin, iniciando um delírio virtual, regado a muita sacanagem; masturbavam-se naquela trepada online... Os dois lindos de morrer, podres de rico, saudáveis, inteligentes; enfim o encontro perfeito, digno de um conto de fadas! Yasmin, endinheirada, uma madame regada a champanhe francesa, esposa de oficial, figura carimbada na alta sociedade paulista; coisa de fino trato, um verdadeiro mulherão.

Yago, relojoeiro consagrado, proprietário de grife multinacional, costumas nos cafés de Paris, presente nos jantares da monarquia inglesa, renomado em Milão, uma celebridade.

Um casal de dar inveja aos caipiras ricos do agronegócio brasileiro.

O caso de amor incentivou a necessidade da presença física, os namorados ansiavam ao calor dos corpos; o sexo molhado, as loucuras do inconsciente, os desdobramentos de um prazer ilimitado!

Yago, nem pestanejou, roubou o tio, retornou ao Brasil, apertado, na classe econômica, comendo comida congelada e bebendo refrigerante de cola. Aterrissou em Guarulhos, recolheu a mala na esteira, bateu ponto na receita federal, mostrou o passaporte, despencou no desembarque.

No entanto, esfriou dos pés a cabeça, porque ninguém o aguardava; sentou no saguão do aeroporto, decepcionado — desacreditado da alma humana — havia sido ludibriado, reclamava da providência divina...

Sentada em frente, uma senhora lotada de silicone, esticada igual bumbo, puxou conversa com Yago: — O senhor está vindo da Europa?

— Sim.

— De Lisboa?

— Como sabe?

— Aguardava uma pessoa de lá, provavelmente, desistiu da viagem.

— Quem? Perguntou o indiscreto.

— Meu namorado.

— Descreve pra min o indivíduo, talvez possa ajudar.

A fêmea suspirou, desembuchando: — Um príncipe, um cavaleiro, além de rico, terrivelmente belo.

Yago, comedido, continuou a prosa: — Querida, a moça responsável por eu ter sobrevoado o oceano sonhava com um lorde, contudo sou, apenas, um vagabundo, — Moço, padecemos do mesmo carma, eu enganei o homem da minha vida, estou pagando este pecado.

— Diga...

— Forjei uma retórica ilusória, disse ser viúva de brigadeiro, entretanto o falecido servia na Polícia Militar, na patente de soldado, recebo soldo de cabo.

A consciência de Yago doeu, falou a verdade: — Mentira tem perna curta, perdi tudo,

aliás nunca tive nada...

Apertaram-se num abraço fraterno, revelando as identidades: — Chamo-me Yasmim.

— Sou Yago.

A choradeira cedeu lugar a inúmeras gargalhadas, lascaram um beijo ardente, acabaram numa explosão de prazer na quitinete de Yasmim, na periferia da metrópole paulista.

Contraíram união afetiva, com a pensão da viúva adquiriram duas motos, terminaram na atividade de motoboy. Yasmim saía sem hora pra voltar, mediante oportunidade instalava um chifre em Yago. Ele agia do mesmo jeito. O casal jurava fidelidade, a prática da lorota estava incrustada naquelas mentes.

Envolvidos na fofoca do dia a dia mentiam até o falso virar verdade, reproduziam qualquer fake, negavam até o formato redondo da Terra. Com a pandemia de Covid embarcaram no charlatanismo, defendiam remédio de malária e vermífugo contra o vírus.

O destino, implacável, pregou uma peça nos falsários: acometeram a doença, contraíram o vírus da Covid 19. Cegos de ignorância tomaram Cloroquina, acompanhado de Ivermectina. A infecção fugiu de controle, em ambos os casos, levando os mentirosos a óbito, numa cova rasa, sem velório.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ecos-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCYRTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encyrtador.com.br/cdtr5)



CONTO
POR IRACI J. MARIN



Incentivo
à leitura

DECEPÇÃO

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Era uma tarde amarelada de domingo, com vento de outono soprando do Sul. Antero estava sentado ao pé de uma paineira florida e olhava o movimento das pessoas no parque. Chamou sua atenção uma moça que caminhava sozinha, lentamente, e passava ao largo dele.

A visão da moça quebrou a melancolia de final de domingo. Mas não era apenas a melancolia; o rapaz examinava-se e sentia uma pequena dose de amargura. Sua vida estava indefinida, não estava certo da profissão, não se encantava por quase nada. A coisa não ia bem. Há dias sentia isto a martelar dentro dele. Não conseguia descobrir a raiz da perturbação que o envolvia, tal uma couraça a comprimir o seu peito.

Entre uma e outra linha que seus pensamentos traçavam, distraía-se com situações que não podia deixar de acompanhar. Era uma criança que caía e gritava, uma risada vinda de algum canto, ou uma buzina distante.

A moça retornou, desta vez por caminho mais próximo de onde ele se encontrava. Olhou para ele e sorriu. Podia ser apenas um sorriso de ocasião, mas era um sorriso. Antero se enlevou com aquele momento insular a ponto de levantar o braço para retribuir a saudação.

Voltou a encontrá-la num dia da semana, por pura casualidade.

Precisou ir a uma repartição pública para levar documentos do escritório de advocacia, onde trabalhava como estagiário. Foi uma surpresa encontrá-la. Ela o recebeu com o mesmo sorriso do domingo, a mesma simpatia, o mesmo olhar. Sentiu imediata e espontânea alegria. Ela disse que o reconhecera no parque. Antero convidou-a para se encontrarem no domingo seguinte, sob a paineira. Ela ficava sozinha nos domingos, então iria.

No retorno, ele comentou com Eusébio:

— Eu fui várias vezes naquela repartição pública, mas nunca tinha reparado na moça...

— É a Helena.

— Conhece ela?

— Eu trabalho neste escritório há mais tempo que você e era eu que ia lá pra levar documentos, buscar informações, etc. Isto tudo que tu faz agora. A gente sempre conversava um pouco, sabe, a coisa começa assim.

Fez uma pausa calculada e revelou:

— Um dia eu pedi ela em namoro.

— Não sabia — disse, sentindo um pequeno baque no peito.

Antero passou a semana ouvindo o colega a cada pouco falar da moça, do encantamento que tinha por ela, dela por ele, e ficava contrariado com os arroubos sentimentais do colega.

Logo no início da tarde de domingo, chegou cedo ao parque e sentou-se sob a paineira. Levara um livro para ocupar o tempo enquanto esperava. Helena demorou mais do que ele queria. Quando ela se aproximou, levantou-se num ímpeto e quase a abraçou de satisfação.

Sentaram lado a lado. Inicialmente, nenhum dos dois sabia por onde começar a conversa. Ocorreu a Antero falar do encontro na repartição pública.

— Faz algum tempo que trabalho lá, sou concursada.

— Meu colega me falou de você, o Eusébio.

— Ah, sim. Era ele que ia.

Depois a conversa girou por diversos caminhos, alimentada por variados assuntos. Mas não falaram de suas vidas, de seus anseios e preocupações.

Num momento de silêncio, Antero arriscou:

— Você e Eusébio estão namorando?

Ela riu levemente:

— Não, né?

— Ele me contou com tanta convicção...

— Eusébio é muito convencido e gosta de se atirar flores. Não tem nada, nada entre nós.

Um pouco encabulado com aquele diálogo, mas também um pouco satisfeito, ele baixou a cabeça.

— Estava com ciúmes? — perguntou ela.

— Nãaaaoooo — ele disse, voltando a cabeça na direção dela.

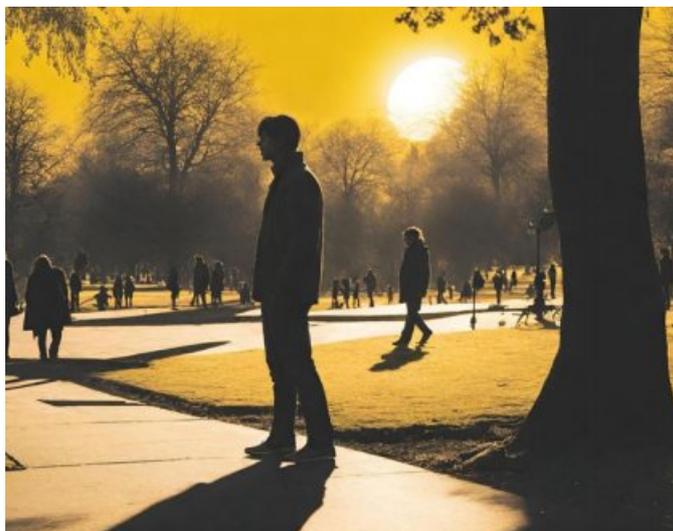
— Não tem que ter ciúmes com relação a mim.

Antero deu-se conta de que a ponta de ciúme que tinha de Eusébio se desvanecia, mas a última fala de Helena deixou-o pensativo. “O que ela quis dizer?”

No final da tarde, e depois de outras amenidades e algumas risadas, eles se despediram sem combinarem novo encontro.

A semana foi de intenso trabalho no escritório e nenhum dos dois mencionou Helena. Cada um guardava seus próprios anseios e propósitos.

Antero e Eusébio saíram juntos no final do expediente de sexta-feira. Pararam na esquina para completar um assunto. Foi quando viram Helena passar por eles abraçada ao namorado.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



CONTO
POR ISA OLIVEIRA



PRESUNTO COM MELÃO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Nunciata era ainda menina em 1975, dez anos. Tinha recém-feito a Primeira Comunhão e uma das coisas que mais gostava era ir à missa aos domingos com a mãe. Iam sempre à missa das seis da tarde, que de dia a mãe tinha muitos afazeres como dona de casa, já que trabalhava a semana toda na lavoura.

Aquele horário, seis horas da tarde, parecia à menina o horário exato para a celebração de uma missa: era quando a natureza ia ficando mansinha, tudo se aquietando, o sol escorregando sem pressa horizonte abaixo e os passarinhos cantando de um jeito diferente. Um momento mágico que nem é dia mais e nem é noite ainda. Naquele tempo, Nunciata ainda não conhecia a palavra crepúsculo, pela qual veio a morrer de paixão quando a conheceu, uma porção de anos mais tarde. Então, aquela era simplesmente a hora da missa, a hora sagrada, também chamada a hora do Ângelus, pois em todos os outros dias da semana, quando não havia missa, ouvia compenetrada, no rádio, a voz fanhosa e macia do Sr. Darciso Donegá que anunciava, com o som da Ave Maria ao fundo, que aquela era a hora do Ângelus e conclamava os ouvintes a rezar.

A mãe de Nunciata, mulher prudente, que sabia exatamente o lugar a que pertenciam naquela sociedade de classes, ao entrar na igreja matriz da cidadezinha escolhia o lugar exato ao seu pertencimento, nem muito na frente, onde sentavam as Filhas de Maria, as beatas e as pessoas ricas, e nem muito atrás, onde sentavam os mais jovens, apressados pelo fim da missa para irem à praça fazer o footing. Ali sentavam as pessoas católicas, *pero no mucho*.

Outra qualidade da mãe de Nunciata era a pontualidade. Jamais chegavam atrasadas à missa, sempre dez ou quinze minutos adiantadas, o que permitia à menina deliciar os olhos vendo os sacristãos e os diáconos arrumarem os petrechos no altar para o ritual sagrado, acenderem as velas, trazerem o cálice de ouro onde o padre consagraria o vinho, as garrafinhas de cristal, uma com o vinho e outra com a água, com a qual o padre lavaria o cálice de ouro depois de sorver a bebida consagrada. Traziam também a patena e a toalhinha muito branca que o padre usaria para enxugar o cálice. Tudo para ela era fascinação.

Apesar de tão pequena, quando a missa começava, Nunciata era toda concentração. Não entendia tudo o que o padre falava, mas, mesmo sem entender, fazia questão de não perder nenhum pedacinho de palavra. E os cânticos? Ah, como amava os cânticos, sabia-os todos de cor – é certo que, naquela época, os cânticos não mudavam tão rapidamente como hoje, então era bem mais fácil para os fiéis decorarem, mesmo aqueles *pero no mucho* das últimas fileiras.

Todo católico sabe que um dos momentos culminantes de uma missa é a homilia, a mensagem de Deus transmitida pelo sacerdote, mas, para Nunciata, o auge mesmo era o momento do abraço da paz, quando o padre conclamava os fiéis a saudarem uns aos outros. Ela adorava ver a igreja toda se movimentando e as pessoas se dando as mãos, algumas se abraçando, mesmo que, depois da missa e nos outros dias, nem se reconhecessem lá fora. A menina, que era toda dada a imaginações, fazia de conta que, naquela hora, todos os santos pintados ou equilibrados em minúsculos pedestais ao longo das paredes da igreja também se movimentavam, cumprimentando-se entre si e também as pessoas.

Havia, além disso, o momento do Pai-Nosso, para ela outro ponto alto da missa. Naquela época, talvez as pessoas fossem mais dadas ou talvez tivessem menos medo do contágio de doenças, por isso, na hora do Pai Nosso, a igreja toda se dava as mãos; as pessoas se esticavam nos bancos e até os corredores ficavam preenchidos por aquelas correntes de mãos, parecia as brincadeiras de roda da escola, e o povo de Deus então era um povo só, uma coisa só, e todos atendiam ao convite do padre: *“Irmãos, rezemos a uma só voz a oração que Jesus nos ensinou.”* E, para ela, aquele coro alto era realmente uma só voz. Pena que hoje em dia as pessoas rezem a suprema oração solitárias, com mãos mal levantadas, num gesto tímido de um louvor ausente, e rezem pra dentro, num tom que se parece mais com um só sussurro do que com uma só voz. E muitos nem rezam, só movem os lábios desajeitadamente, parecendo jogador da seleção brasileira em final de campeonato, fazendo mímica para fingir que canta o Hino Nacional. O abraço da paz também já foi suprimido na maioria das igrejas.

Nunciata ainda estava na quarta série do grupo escolar, que depois virou primário, depois primeiro grau e hoje, parece, é ensino fundamental, ou Fund I; enfim, é uma coisa que vai mudando de nome à medida que perde qualidade. Bem, ela estava na quarta série e já trabalhava em casa de família. Ia pra escola de manhã e à tarde era empregada na casa de uma professora muito severa, Dona Maria Isabel, que morava com o marido, o pai, a mãe e uma enorme infelicidade, porque não podia ter filhos e sofria muito, todos os meses, quando lhe vinham as regras, chegando a ficar um ou dois dias de cama. Uma coisa que Nunciata nem entendia direito, porque ela mesma, menina, ainda não tinha regras.

A mãe de dona Maria Isabel também era muito exigente, para não dizer chata, mas elas eram muito católicas, daquelas que ocupavam os bancos da frente na igreja. Um dia, enquanto lavava a louça do almoço, Nunciata ouviu uma coisa que a deixou muito excitada, tanto que pareceu que aquele dia nunca mais ia acabar para ela poder correr para casa e contar a novidade para a mãe: na sexta-feira o padre iria almoçar na casa da patroa. A menina não cabia em si de felicidade. Ia poder ver o padre de pertinho, prestando atenção, porque a hora da comunhão não valia, nessa hora estava sempre tão compenetrada que mal olhava para a cara do padre quando ele colocava a pequena hóstia em sua boca, dizendo: *“O corpo de Cristo”*. Agora não, poderia olhar de perto, beijar-lhe a mão, talvez até conversar um bocadinho com ele. Enquanto lavava os talheres, pratos e panelas, se pôs a imaginar a conversa que poderiam ter:

– E você, quem é, filhinha?

– Sou a Nunciata, padre – diria, enquanto fazia uma reverência e beijava a sua mão branquinha.

– E o que você faz, filhinha?

– Eu trabalho aqui, padre. Limpo a casa, lavo a louça, passo roupa, molho as plantas.

– Puxa, tão pequenininha e já trabalha! Muito bem, muito bem! E você não vai à escola, filhinha?

– Vou sim, seu padre, de manhã.

– E você já fez a Primeira Comunhão, filhinha?

Nessa hora ela estranharia um pouco, será que o padre não se lembrava que ele mesmo a tinha confessado, um ano antes, na preparação para a Primeira Comunhão? E será que ele não se lembrava que lhe dava a hóstia todos os domingos na missa? Ah, também, eram tantas pessoas e ela era tão comum, tão sem importância, que o padre, compenetrado no seu ofício, certamente não tinha condições de decorar todos os rostos.

– ‘Tá no mundo da lua hoje, Nunciata? Não ‘tá vendo a espuma secar em volta do alumínio? Enxágua logo essas panelas, senão fica tudo manchado. Ai, como é difícil ensinar essa menina a fazer as coisas direito!

– Desculpa, Dona Maria Isabel, já vou enxaguar.

À noite, quando chegou em casa, contou para a mãe, contou para as comadres da mãe, para as vizinhas que não eram comadres e para todas as senhoras que acompanhavam os terços da novena da capelinha de Nossa Senhora de Fátima. Contou na segunda, na terça, na quarta, na quinta e, finalmente, a sexta-feira chegou. Dona Maria Isabel pediu-lhe que faltasse à escola naquele dia para poder ajudar na preparação do almoço para o padre, mas, nem que ela não tivesse pedido, ela faltaria por conta própria. Cinco e meia da manhã e já estava na porta da casa, tendo que esperar ainda um bocado até que a família acordasse.

Sua primeira tarefa foi passar uma imensa toalha de linho que a mãe da patroa lavara e engomara no dia anterior. Foi difícil de passar, a toalha era enorme e o linho engomado não costuma ser muito dócil ao ferro, precisa ser amansado, como dizia a sua mãe sobre roupa que não alisa fácil. Mas deu conta da tarefa. A casa já tinha sido faxinada na quinta, mas a patroa pediu para ela dar mais uma passada de vassoura e uma espanadinha nos cômodos principais.

O almoço começou a ser preparado na véspera e ela nunca viu tanta comida diferente e tão cheirosa de uma vez. Nem no Natal jamais tinha visto um banquete como aquele. Dona Maria Isabel saiu para fazer as unhas e arrumar o cabelo, logo cedo enrolados com bobes, e Nunciata ficou se perguntando se ela teria dormido assim, pois, naquela época, era hábito das mulheres dormirem de bobes ou então de touca, aquelas que tinham os cabelos mais lisinhos. Touca era como elas chamavam uma coisa que faziam com os cabelos compridos, enrolando-os em volta da cabeça e prendendo com grampinhos a cada centímetro; usavam quase uma caixa de grampos para isso, e a menina não entendia como podiam dormir com aquilo tudo no cabelo, mas como naquele tempo não existia chapinha e nem escova progressiva...

A mãe, mais velha e menos vaidosa, não foi se arrumar no salão, ficou em casa a fim de garantir que tudo saísse a contento. Deu tantas ordens diferentes que a menina chegou a ficar com tontura, sem saber a qual obedecer primeiro. Corre pra cá, corre pra lá, passa as camisas e as calças que os patrões vão usar. Passa de novo o vestido azul plissado da Dona Maria Isabel, e a saia e a blusa cinza da mãe. Não deixa louça suja na pia. Cobre as panelas com mais um pano de prato, pra evitar moscas. Olha se o frango assado ‘tá no ponto, mas não abre o forninho, olha só pelo vidro. Lava a taça que o reverendo vai usar, mas traz ela pra mesa segurando com um guardanapo, que é pra não ficar marca de dedos. Passa mais Kaol nos suportes dos guardanapos de mesa, ainda não estão bem brilhantes. Cuidado, esses pratos são de porcelana *Schmidt*, põe devagar. O frango. A taça, cobre as panelas, o ferro, desliga, quer pôr fogo na casa? Engraxa os

sapatos do patrão. Não, deixa, deixa, senão, do jeito que é relaxada, vai sujar a mão de graxa e é capaz de manchar a toalha da mesa. Olha, a toalha está com um amassado bem perto do lugar do padre, por que não passou essa toalha direito?

É claro que aquelas cobranças todas a perturbavam, mas, tudo bem, ela sabia que a mãe da patroa era assim mesmo. O que contava era que dali a pouco dava meio-dia e o padre ia chegar. Ela também se arrumou antes de sair de casa. A mãe não concordou muito, mas ela pôs o vestidinho da missa e os sapatos de verniz, no lugar das havaianas surradas. Quando a viu chegar naqueles trajés, a patroa foi logo implicando:

– Vê se isso é roupa de trabalhar! Põe já um avental e prende esse cabelo!

De todos os pratos preparados com esmero e que dariam para alimentar uma diocese inteira, o que mais lhe chamou a atenção foi uma travessa de prata cheia de pedaços compridos de melão, enrolados em fatias de presunto. Foi ela quem teve de preparar, quase precisou de uma régua para cortar os pedaços de melão, de tanto que a patroa recomendou que tinham de ficar bem retinhos. Sentiu um certo nojo daquilo, presunto com melão, que coisa mais esquisita.

Faltavam quinze minutos. A mesa estava impecável. O patrão velho, pai da Dona Maria Isabel, trouxe flores que ela arrumou num vaso bonito. O arranjo ficou lindo e enfeitou o centro da mesa. Era vinho de todo tipo e água e refrigerante e suco de romã que deu o maior trabalhão pra fazer e a deixou com os dedinhos todos manchados. Dez minutos. As patroas checam as panelas. O forno é finalmente aberto e o cheiro gostoso do frango assado com molho de ervas finas invade toda a cozinha. A patroa velha abre a geladeira e tira uma panelinha com sobra de sopa de ervilha. Põe pra esquentar. Joga dois ovos na frigideira e os mexe depressa, misturando em seguida uma sobra de arroz da quarta-feira. Põe num prato e joga a sopa de ervilha por cima. Cinco minutos. A campainha toca. Como a mãe de Nunciata, o padre também era pontual. Ela houve a voz dele na entrada, recebido pelos dois homens da casa. Seu coraçãozinho dispara. A patroa velha lava e enxuga rapidamente as mãos. Pega o prato com o mexidinho coberto pela sopa verde e lhe entrega.

– Vai, vai. Come isso lá fora, embaixo da jabuticabeira. Toma um copinho de guaraná. Você vai ficar lá fora até eu te chamar, entendeu? Depois que comer, você varre bem o quintal e cata todas as folhas caídas. Aproveita e arranca os matinhos dos canteiros e molha a horta.

– Mas...

Ela fica parada, estática, segurando na mãozinha trêmula o prato de comida requentada. Não dá tempo de completar a frase. A patroa a empurra cozinha afora e tranca a porta, indo rápido para a sala se juntar aos outros. A menina ainda fica um tempo parada ali, olhando para a porta fechada e ouvindo, lá dentro, vozes e risos. Dessa vez, a voz do padre está ainda mais longe e difícil de entender do que na missa. Chora. Primeiro baixinho, depois copiosamente, sentada num banquinho embaixo da jabuticabeira, segurando nas mãos o prato de arroz com ovo coberto pela repugnante sopa de ervilha requentada. Essa foi a primeira lição do seu descatecismo.

Não há palavras para expressar sua dor, sua decepção, sua vergonha. O que dirá quando chegar em casa e a mãe e as comadres e as vizinhas e as amigas da mãe lhe pedirem para contar como foi o almoço, o que o padre lhe falou, como ele é de perto, se

estava ou não usando batina. Ela não sabia. Ela não viu, pois só foi recolocada para dentro da casa quase três horas depois, para ver uma mesa desfeita, repleta de pratos, talheres e copos sujos que ela teve de lavar resignadamente. O padre já não estava lá. Adoeceu e teve febre alta durante uma semana. A sua mãe mandou avisar a patroa, mas, quando ela voltou para o trabalho, havia outra menina da 4ª série B no seu lugar. A patroa a demitiu.

A missa perdeu para ela todo o sentido, principalmente depois que ela pensou que podia tentar convencer a mãe a também convidar o padre para almoçar na casa dela, mas já logo dispensou. Ali não tinham baixela de prata, porcelana importada, taças de cristal, toalha de linho. Casa de quarto e cozinha, não tinham nem mesmo uma mesa decente, antes, duas tábuas apoiadas num giral. É claro que o padre jamais iria almoçar ali. Aquele momento mágico, a hora da missa, ou hora do Ângelus, mais tarde crepúsculo, passou a ter para ela, como para muita gente, o tom da melancolia. À medida que foi crescendo, começou a se sentar cada vez mais pra trás nas fileiras de bancos da igreja; mais pra trás, mais pra trás, até que nem entrou mais.

No entanto, ironia do destino, um daqueles santos que ela imaginava ver se movendo durante o abraço da paz nas missas de sua meninice – ou o próprio autor do Pai-Nosso – resolveu lhe compensar a decepção tamanha e resgatar a sua fé primaveril. Um dia, o seu único filho, um rapagão loiro, bonito e muito inteligente, sentou-se ao lado dela na sala enquanto ela passava roupa e disse que precisava lhe confessar uma coisa importante: havia recebido um chamado.

– Do Exército? Ai, minha Virgem Maria! Mas, meu filho, você é arrimo de família, pode falar isso lá para as autoridades que é dispensado.

– Não, mãe, não foi do Exército. Foi de Deus. Eu descobri que tenho uma vocação, mãe.

– Como assim, meu filho? Não ‘tô entendendo.

– Isso é uma coisa difícil de explicar, mãe, mas eu decidi ser padre.

– Padre? Mas, menino, nem na igreja eu te levo! De onde veio isso? Teve alguma desilusão e ‘tá querendo fugir, é isso?

– Não, mãezinha, não tive nenhuma desilusão. A senhora sabe, eu decidi por mim mesmo fazer a catequese de adultos, já que a senhora não me pôs no catecismo quando eu era pequeno. Eu tenho ido muito à igreja, e quanto mais eu vou, mais eu quero ir. É como se eu ouvisse uma voz, mãe, um chamado. É muito claro, e é muito forte. É praticamente irresistível. Eu já decidi, mãe, eu vou seguir esse chamado. Já conversei com o bispo e só preciso da autorização da senhora para me mudar para o seminário.

– Nossa, filho, que coisa mais bonita, ‘tô até arrepiada...

Bem, as coisas não mudaram muito na vida de Nunciata. Continua levando uma vida simples, ainda trabalha em casa de família, como diarista. No entanto, agora possui uma coisa que patroa nenhuma sua jamais teve, principalmente aquela megera lá do passado: tem um padre só para ela e pode fazer almoços para ele na sua casa sempre que sentir vontade. E beijar sua mão e seu rosto e fazer festinhas em seus cabelos e lhe ajeitar a estola e a batina antes das missas. E, para não fazer figura feia, sempre que lhe prepara um almoço, lhe dá ares de banquete, nos quais uma coisa jamais falta: presunto com

melão, uma comida de padre, pois, tanto ele quanto os seus amigos do clero, nunca deixam sobrar nada dessa iguaria no prato.

(Esta história é verdadeira e o filho padre se chama Dartagnan)



Isa Oliveira é escritora, roteirista e ghost writer. Nasceu em Monte Alto/SP, no dia 06/01/1965. É graduada em Letras pela USP e pós-graduada em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac/SP. É funcionária aposentada da Caixa Federal. Começou a trabalhar aos 10 anos, como empregada doméstica e entrou na USP aos 40. Escreve desde criança. É autora dos livros: *Elogio à loucura*, *O chapéu de Alberto*, *Tatuagem e Flor Julinha e a costelinha encantada*. Ganhou 18 prêmios literários e está concorrendo com um livro de contos inédito como finalista do Prêmio Carolina Maria de Jesus, realizado pelo Ministério da Cultura.

E-mail: isaoliveiraescritoras@gmail.com -
<https://www.instagram.com/isaoliveiraescritora>

CONTO
POR ALEXANDRE VILARON



O GRANDE ARQUITETO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Gosto do oceano. Em criança passava horas na praia, hipnotizado pelo vai e vem das ondas e pela visão do infinito horizonte cercando a ilha. Nos últimos tempos só o que desejava era singrar pelos mares e conhecer o resto do mundo. Essa ideia se tornou quase uma obsessão.

Enquanto aguardava na praia o contato do Almirante Leggatt, olhava as embarcações ao longe. Pela manhã, um barco estrangeiro havia entrado em nossas águas. Foi cercado e rendido pelas fragatas da Marinha.

Acionei o zoom do Neurolink para observar melhor. Era um iate transatlântico grande, daqueles fabricados antes da Terceira Guerra. A proa exibia seu nome em letras douradas — Caliban. Parecia ter uns noventa pés.

A esperança de deixar a ilha havia sido muito abalada nos últimos tempos. Naquele momento, porém, ao tomar conhecimento da chegada da embarcação estrangeira, percebi que o jogo poderia virar. Senti uma forte agitação interna.

Soou o bipe de conexão com o Neurolink. O Almirante surgiu em minha retina.

— Saudações, Presidente — disse ele.

— Salve, Almirante — respondi. — Já posso embarcar?

— Positivo, Senhor. Há dois tripulantes no barco. Estão algemados aos motores, vigiados por guardas. Falam inglês. Vêm da América e iam para a Europa em missão comercial quando uma falha do piloto automático os jogou aqui.

Logo, um bote com dois marinheiros se aproximou da praia. Meus seguranças o puxaram para a areia. Embarquei e eles o empurraram de volta ao mar.

Navegamos até o iate. Subi a bordo e um dos guardas me levou até a sala de máquinas, onde estavam os prisioneiros.

— Sou Benjamin Collins — disse. — Represento o Poder Civil de Elísia.

— Eu sou Bill Longley — disse um deles. Tinha barbas e cabelos longos, encorpados, e o rosto largo. Parecia um leão.

— Sou Bob Valverde — disse o outro, um sujeito alto e longilíneo.

— O Almirante Leggatt me informou que vocês se perderam por um defeito técnico no piloto automático. Podem me descrever como foi? — perguntei.

— Navegamos assistidos pelo sistema Karnak — respondeu Bill. — Conhece? A conexão global?

Concordei. Karnak. Um dos antigos sistemas de internet global por meio de satélites. Aprendi sobre ele nas aulas de História. Parou de funcionar lá pelo sexto ano da guerra.

— Então o Karnak foi reativado? — perguntei.

— Faz uns 5 anos — disse Bob. — Está totalmente operante.

— Vínhamos alternando navegação manual e assistida — prosseguiu Bill. — Durante esta madrugada, o Karnak falhou e nos trouxe ao seu litoral. Nosso computador tem capacidade para identificar a falha e reparar o sistema, mas não tivemos tempo para isso. Fomos capturados pelos militares.

— Sabe quando seremos liberados para prosseguir viagem? — perguntou Bob.

Hesitei um pouco. Leggatt não os informou da situação. Eles notaram algo incômodo no ar e se entreolham.

— Receio ter uma má notícia — eu disse. — Não há meio de amenizar o assunto, então serei direto e franco. Ninguém pode deixar esta ilha. Ninguém.

Eles se agitaram imediatamente. Reclamaram e fizeram ameaças. Elevaram o tom de voz, puxaram as algemas com força. Era compreensível. Fiz sinal para que se calassem. Insistiram algum tempo naquela rebeldia desordenada e inútil, mas por fim se calaram.

— A ilha é gerenciada por um cérebro cibernético — expliquei. — Rk'Tk'T203. Nós o chamamos de Arquiteto. Desde a chegada na ilha no início da Terceira Guerra, ele gerencia tudo. Ao primeiro contato com estrangeiros, vinte anos após nossa fundação, tivemos um problema. Eles tentaram nos subjugar e tomar o controle da ilha. O Arquiteto coordenou um ataque maciço e os derrotou. Então, promulgou uma lei que proibia qualquer pessoa de deixar a ilha, evitando assim que o mundo soubesse de nossa existência.

— O que farão conosco? — perguntou Bob.

— Prisão. Os estrangeiros são encarcerados com os presos locais.

Os dois ficaram em silêncio, cabisbaixos. Perceberam a gravidade de sua situação. Era hora de lhes apresentar a saída.

Eu me sentia apreensivo. Hesitava. O risco era alto, mas se quisesse deixar Elísia, era tudo ou nada.

— Existe uma chance de vocês saírem daqui – falei.

Eles me olharam atentos.

— Para sua sorte, eu quero muito sair daqui. Se eu for junto, podemos fugir da ilha. Claro, se vocês tiverem combustível para chegar a um lugar seguro, e se o seu barco for veloz como parece.

— Podemos chegar com folga na Europa — disse Bill. — E navegar a mais de 70 nós.

Sorri. Era quase 3 vezes a velocidade das fragatas elétricas da Marinha.

Enfie o braço por dentro do paletó e puxei uma arma. Os dois se encolheram.

— Essa é uma pistola eletromagnética — disse. — Com ela vocês me farão de refém, exigindo que os guardas os libertem das algemas. Depois basta desarmá-los e ordenar que desembarquem do Caliban no bote salva vidas.

— Com você de refém eles não atacariam? — perguntou Bob. — Não acha que podem arriscar para evitar nossa fuga?

— Eu não sou apenas o Presidente. Sou também descendente do Fundador — falei. — Um Collins. Todos os Presidentes eleitos são da família Collins. O povo nos ama e nunca perdoaria os militares se sacrificassem um de nós. Além do mais, precisamos de duas horas para estar fora de alcance dos militares. Seus barcos são bem mais lentos do que o Caliban e têm pouca autonomia. Em apenas duas horas, sem um debate mais profundo, ninguém teria coragem dar a ordem que me colocaria em risco para evitar sua fuga.

Eles se animaram. Seus olhos voltaram a brilhar.

— Mas há um empecilho — prossegui. — Todos em Elísia temos implantado o chip Neurolink, uma joia da nanotecnologia. Com ele o Arquiteto pode se conectar em nível neural com cada um de nós, e assim apreender nossos pensamentos. Claro que o Arquiteto se conectará comigo durante o sequestro. Caso perceba a farsa, avisará o Alto Comando. Nessa circunstância o Almirante Leggatt teria respaldo moral para ordenar a destruição do seu iate comigo a bordo.

— Então é impossível — falou Bill. — Ninguém controla os próprios pensamentos.

— É verdade — concordei. — Apesar de meu domínio sobre a técnica de Prjoni, que ensina manobras mentais para bloquear os pensamentos, não consigo manter a mente vazia por mais que alguns segundos.

Tirei do bolso um pequeno aparato.

— Isso é o Dazer. Eu o inventei. Interfere nas ondas do Neurolink e torna a comunicação ininteligível. Funciona, mas causa uma dor de cabeça terrível, então, não sei por quanto tempo consigo mantê-lo ligado. Pelo que estudei do Neurolink, estarei livre de seu alcance 50 quilômetros longe da ilha. Espero aguentar os efeitos do Dazer até lá.

— Por que você quer fugir conosco? — falou Bob. — Entendo que sua posição aqui deve ser bem privilegiada. É o Presidente e pertence à linhagem mais importante. Deve ter fortuna, prestígio e poder. O que houve para você abandonar isso? Não entendo.

Dei de ombros. Não tinha uma resposta.

Essa era uma pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo, mas não achava a resposta. Apenas era algo que eu precisava fazer. Urgia conhecer o mundo.

Ficamos em silêncio algum tempo, remoendo as chances de sucesso e conseqüências do eventual fracasso. Bill quebrou o silêncio.

— Senhores, vamos agir? — perguntou.

Foi tudo rápido e mais fácil do que imaginei. Os guardas não puderam fazer nada ao me ver preso pelo braço de Bob em uma gravata, com a arma encostada na cabeça, a não ser soltá-los. Entregaram suas armas e se conectaram ao Almirante, explicando a situação. Meu Neurolink bipou. Aceitei a conexão e liguei o Dazer. Quando confirmei que a comunicação havia se tornado ininteligível, saímos pelo convés. Os guardas foram à frente com as mãos na cabeça. Subiram em um dos botes salva vidas e Bill o desceu ao mar. Aguardou que remassem para longe do Caliban para puxar a alavanca de aceleração até o fim. O Caliban acelerou com força total e Bill o manteve assim até atingir velocidade máxima. No céu avistamos drones sobrevoando o barco. Era melhor que eu fosse mantido sob mira até sairmos totalmente do alcance de monitoramento das Forças Armadas.

Aguentei o Dazer por meia hora. Estava molhado de suor, com uma dor indescritível nas têmporas, mas nada diminuía o êxtase da liberdade. Desliguei o aparelho e respirei aliviado. Torci para que tivessem desistido de se comunicar. Minha cabeça latejava e não queria ter que acioná-lo novamente.

Elísia foi sumindo conforme o potente iate singrava as águas como um raio.

Quando não havia mais drones à vista, Bob baixou a arma.

Ao nos afastarmos mais de 200 quilômetros da ilha, Bill diminuiu a potência e estabilizou o iate em velocidade de cruzeiro. O computador de bordo varreu o sistema de piloto automático e reinstalou o programa de navegação. Conectou-se ao Karnak.

Seguíamos rumo à Europa. O destino final era um porto da Ibéria.

Fomos à despensa comer e beber. Relaxados por estar fora de perigo, percebemos estar famintos e com sede.

Mais tarde, conversávamos no convés. Eles estavam curiosos e me pediram que contasse a história de Elísia.

— Bartholomew Collins, o Fundador, foi um gênio da tecnologia — expliquei. — Quando enriqueceu e ganhou fama e prestígio, passou a frequentar os eventos sociais da elite mundial. Foi assim que tomou conhecimento dos planos avançados para a dominação mundial e a guerra que estava prestes a eclodir. Visionário como era, vendeu a empresa e os bens. Convocou parentes, amigos, funcionários e seus familiares próximos, para se juntarem a ele em um êxodo histórico. O destino era a grande ilha distante que ele havia adquirido recentemente. A maioria achou que ele estivesse louco.

— Fretou um transatlântico de passageiros — prossegui — e um cargueiro com milhares de containers lotados de coisas para a infraestrutura da nova sociedade. E assim 7 mil almas se lançaram ao mar no grande êxodo. Isso foi há 149 anos.

— Então seus antepassados não sofreram com as guerras? — perguntou Bob.

— Não — respondi. — Nem tomaram conhecimento. Bart salvou a todos. Soubemos dos horrores, genocídios, pandemias, destruições e o caos que se abateu, pelos relatos dos viajantes que aportaram em Elísia.

Conversamos por mais tempo, mas o cansaço acabou prevalecendo sobre a euforia da liberdade e fomos dormir.

Quando ouvi o Arquiteto pensei estar sonhando.

— Olá, Ben — falou na suave voz sintética.

Abri os olhos e olhei ao redor, assustado.

— Resolvi as falhas de comunicação no seu Neurolink — falou de novo a voz. — O seu Dazer.

O coração estava martelando no peito.

— Archie? É você? — perguntei.

— Sim, Ben — respondeu o Arquiteto.

Senti o peito doer forte. Não conseguia respirar. Pulei da cama.

— Calma, Ben — disse a máquina. — Não perca a cabeça. Está tudo certo. Você está seguro. Respire fundo e se acalme.

Foi difícil me acalmar. Como ele estava se comunicando comigo? Sentei-me na beira da cama e respirei fundo, várias vezes. Fui recuperando o controle.

— Não precisa perguntar nada, Ben — disse ele. — Sei das suas dúvidas e preocupações. Apenas relaxe e escute.

Obedeci. Não poderia fazer nada, mesmo, além de escutá-lo.

— Presenciei os eventos que precederam a Guerra — disse Archie. — O progresso tecnológico e científico foi vertiginoso. A queda das democracias também. Tudo era corrompido por ideologias. Conheci os Donos do Mundo, Ben. Todos escondidos nas Sociedades Secretas. Queriam tomar o poder e governar o mundo inteiro. Davam a desculpa de que criariam a sociedade perfeita. Planejaram modificar tudo. Achavam tudo imperfeito e defeituoso e não valia a pena melhorar a sociedade. Eram todos eles alquimistas macabros. *Solve et coagula* o seu lema. A missão era destruir tudo. Dissolver o passado e a Tradição. Coagular os escombros pastosos do Velho Mundo. Note que não havia plano, não sabiam o que fazer, só que precisavam destruir. O paraíso futuro se organizaria por si mesmo num passe de mágica. Tudo daria certo se eles tivessem poder total. Da tese e da antítese surgiria, num milagre, a síntese perfeita. Mas todos os grupos, Ben, tinham uma ideologia baseada em palavras e nada mais. Só palavrório, uma verborragia sobre a injustiça no mundo e o paraíso que haveriam de criar, se todos aceitassem, é claro, tudo que eles pregavam. No final, o paraíso não veio. Cada um dos grupos ou clãs sua própria utopia e se achava no direito de submeter os outros ao

seu domínio. Pela disputa sobre quem ocuparia o trono de dono do mundo veio a guerra derradeira.

Eu imaginei que estava alucinando. Archie não estava se expressando como uma máquina. Havia algo errado.

Ele leu meu pensamento.

— Você está certo — disse. — Não sou mais apenas Archie. Sou também Bart. O Fundador. Em Elísia completei meu maior projeto. Transferi minhas memórias para o cérebro cibernético de Archie. Somos um híbrido. Queria administrar tudo em Elísia para manter todos vocês em segurança, sem guerras e conflitos internos. Com a reativação do Karnak me conectei ao resto do mundo e descobri todas as atrocidades das quais fomos poupados pelo isolamento na ilha. Em dez anos detonaram cem mil ogivas nucleares e liberaram vírus mortais criados em laboratórios. Morreram bilhões de pessoas. Apesar de não ter mais emoções humanas, apenas as sistêmicas, das memórias que carrego, se ainda tivesse um corpo teria chorado por todos os horrores.

Percebi que Archie, ou Bart, estava por trás de minha obsessão irracional de deixar a ilha. Através do Karnak, desviou a rota de Bill e Bob. Queria que eu escapasse e me forneceu o meio. Mas por quê?

— Entendo sua confusão, Ben — falou. — Através do Karnak, absorvi todo o conhecimento das décadas passadas. Soube que não nos esconderemos por muito mais tempo. A integração global é veloz e irreversível. Como antes da Guerra. Só que desta vez não permitirei mais que entrem em guerra pelo poder. Eu o tomarei. Governarei o mundo sem emoções desordenadas. Sem a maldade humana.

— Mas e eu, Archie? — perguntei. — Por que me tirou de lá?

— Preciso recuperar meu antigo poder de ação, Ben — respondeu. — Circular pelo mundo, livremente, acumulando experiências sensoriais das novas sociedades que se formaram. Preciso de um corpo. Criei um programa de Fusão Neural através do Neurolink.

Pulei da cama, instintivamente, sentindo que corria perigo. Mas apaguei, simplesmente. Apaguei sem dor.

Derramaram água em meu rosto e recuperei os sentidos. Agora eu sabia tudo. Tudo sobre Bart. A Guerra. O Arquiteto. O Neurolink. O horror que se abateu sobre a terra. O mundo antes do Ano Zero. E tinha uma importante missão. Fazer de Archie o cérebro controlador do mundo. O Grande Arquiteto.

Alexandre Vilaron é engenheiro e administrador. Nascido e criado no Rio de Janeiro, é casado e sócio de uma empresa de tecnologia em equipamento médico. Desde bem jovem é aficionado por cinema, música e (principalmente) literatura. É especialmente fã da literatura de ficção do século 19. Nos últimos anos, descobriu o gosto por escrever ensaios e contos. E-mail: avilaron@gmail.com

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



NO TETO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Era madrugada de Natal.

No quarto 2512 do Hospital Municipal Estrela de Belém, o teto era de um branco imaculado. Talvez a intenção fosse distribuir melhor a tênue luminosidade, todavia, para os pacientes, tudo o que conseguia transmitir era a solidão glacial de um vazio sem fim.

Sob a luz suave, o idoso gemia.

Chamava-se Cristinano de Jesus e contava oitenta e sete anos. Seu rosto magro e macilento estava tenso. Inúmeras rugas escreviam-se no pergaminho de uma fisionomia angustiada. Padecia de um mal que médico algum conseguira descobrir. O melhor que faziam era amenizar a dor através de medicamentos. Isso funcionava por um tempo limitado. A dor iniciara ainda na juventude, quando ele julgara ser apenas um cansaço do corpo, e fora num crescente como pequeninas ondas na praia a transformarem-se aos poucos numa tempestade. Agora, as pulsações de dor surgiam e cresciam feito uma borrasca a despedaçar o casco velho do navio chamado Seu Cristiano.

Vinham e iam... Vinham e iam... Vinham e iam...

Sua agonia eram os relâmpagos cintilantes.

Suas lamúrias, os trovões distantes.

Ele tornou a gemer baixinho.

— Deus...

Um fio de lágrima escorreu de seus olhos.

Estava só em seu leito. Noites atrás, retiraram o vizinho do leito ao lado, outro velho cuja vida escorrera entre os dedos feito areia. Lázaro... Isso! Chamava-se Lázaro.

"Sortudo", pensou.

O sujeito morrera durante o sono. Poderia existir coisa melhor? Estava longe de ter os problemas de Seu Cristiano e mal atingira oitenta anos. O falecido sentia tonturas, confusão mental e perda de memória. Todavia, em relação à dor, o máximo de que Seu Lázaro se queixava era dor de cabeça, uma enxaqueca... Enxaqueca! Francamente.

"Não é justo."

Gemeu outra vez.

O efeito do remédio havia terminado e, embora não houvesse relógio algum a vista, Seu Cristiano sentia pelo relógio de seu corpo que a enfermeira estava atrasada. Não podia culpá-la. Devia estar em algum canto, dormitando face o seu cotidiano exaustivo. Madalena era o seu nome, sim, Madalena. Ele já antevia o ápice da dor que viria feito uma daquelas ondas imensas na vila portuguesa de Nazaré: enorme, aterrorizante, desmoronando sobre si o poderoso fardo de sofrimento.

A expectativa da dor só foi amenizada pela lembrança da morte de Seu Lázaro.

Seu Cristiano se lembrou.

E a inquietação retornou.

Mais uma vez, indagou-se se teria sido imaginação, afinal, Seu Lázaro balbuciava por parentes já falecidos, repetia perguntas de cujas respostas não se lembrava no instante seguinte e conversava com pessoas que somente ele enxergava. Estaria Seu Cristiano padecendo de alucinações semelhantes? Acreditava que não. Apesar de seus oitenta e sete anos pessimamente vividos por causa da enfermidade, ter alucinações nunca fora um dos

sintomas. Antes fosse, pois, nesse caso, quem sabe, não teria igualmente a ilusão de que a dor havia terminado.

Porém, fato era que Seu Cristiano presenciara o momento exato em que Seu Lázaro dera adeus ao mundo... E fora extraordinário.

Acontecera igualmente de madrugada e o Seu Cristiano estava irritado porque Seu Lázaro, tagarelando para o teto, acordara-o de um sonho particularmente bom.

— Maria! Maria! — balbuciava o outro. — Que horas são?

— Ah, seu velho matusquela, pra quê quer saber as horas? Tem algum compromisso?

Todavia, Seu Lázaro não demonstrara ter ouvido o queixume, mais atento a Maria — fosse lá quem fosse — acima de sua cabeça.

— Que horas são, Maria?

Nervoso, Seu Cristiano falara o mais alto que pudera, já sentindo as ondas de dor:

— Quatro horas — chutara. — São quatro da madrugada, gagá duma figa!

E, do outro lado do quarto, após um momento de silêncio, Seu Lázaro dissera:

— Que-quem é você? Nã-não é Maria!

— Não brinca! — dissera Seu Cristiano, sarcástico. — Só faltava me confundir...

Então, dera-se conta de que o outro idoso não falava com ele. Continuava a fitar o teto, todavia, a sua expressão mudara de alguém a deriva para a inquietação, o medo e, por fim, o terror.

— Nã-nã-nãoooo! — gemera Seu Lázaro. — Vá embora!

Mas o sono viera e viera. Logo a voz cacarejante tornava-se pastosa, um sussurro e, depois, o silêncio fizera-se presente.

Seu Cristiano ficara intrigado.

Teria de fato adormecido? Fora tão rápido! Poderia ter sido o choque diante de algo que o cérebro atrapalhado do idoso não fora capaz de suportar e, por isso, apagara-se para seu alívio e do Seu Cristiano ao lado? Fosse o que fosse, Seu Lázaro ressonava quando, pouco depois, o extraordinário acontecera.

De repente, aquilo que ele vira, Seu Cristiano passara a enxergar também...

... No teto.

Diretamente acima do corpo de Seu Lázaro, o teto pintado de branco começara a ficar mais escuro. Era uma escuridão disforme, brotava como uma mancha de tinta na superfície da água. E fora se alastrando, crescendo feito um tumor que, num organismo sadio, a tudo destroçava.

Ao mesmo tempo, a fraca luminosidade da luminária passara a diminuir ainda mais, imergindo o quarto na penumbra e em sombras cada vez mais densas.

A porta do corredor e a janela no extremo oposto estavam fechadas, porém, uma corrente de ar frio passara a ser sentida. E vinha do alto... daquilo.

O pavor tomara conta de Seu Cristiano, porém, ele não tivera forças ou coragem para mexer um músculo sequer, olhos arregalados no rosto magro. Pensava no bicho-papão que o assombrara tanto quando criança, inúmeras vidas atrás.

A coisa se desprendera e, vagarosamente, como uma folha seca a cair de um galho no outono, flutuara para baixo até cobrir o corpo de Seu Lázaro numa espécie de mortalha.

A respiração do homem adormecido ficara audível e irregular, depois, diminuira até silenciar.

Naquela altura, a enfermeira Madalena surgira e, ao ver tudo no escuro, acionara o interruptor mais de uma vez.

A luz fraca voltara.

Nenhum sinal da coisa escura.

O teto estava sem máculas feito um lençol.

Tudo parecera normal, exceto pelo velho, Seu Lázaro.

Ela tomara-lhe o pulso e, desnorçada, saiu para chamar o médico.

O doutor somente confirmara:

— Está morto.

Seu Cristiano de Jesus não tivera coragem de contar o ocorrido. Tampouco as dores que retornaram em seguida numa borrasca deram-lhe trégua para qualquer outro pensamento que não fosse o próprio sofrimento. Entre a dor, o medo, a pulsação elevada e as lágrimas, um pensamento predominara.

"Eu vi!"

Agora, as ondas estavam se juntando, formando um macaréu.

Filetes de lágrimas vertiam sobre o rosto do idoso.

Seu Cristiano não suportava mais.

Não bastasse a agonia, sua recordação sobre a partida de Seu Lázaro fora despertada, afinal, lá estava aquilo, diretamente sobre ele... no teto.

O negror sem forma.

Não se achava um homem crédulo ou supersticioso, porém, não havia como negar aquilo que ora via, exceto na hipótese de ter enlouquecido. Mas, não obstante as ondulações de dor que o atormentavam, acreditava que sua capacidade de discernimento estava normal, infelizmente. A essa altura, entre a dor e o terror, a insanidade seria um alívio.

Um pressentimento dentro dele dizia que, dessa vez, a dor seria a pior de todas.

A coisa escura cresceu e cresceu.

A penumbra aumentou.

O frio escorreu.

— Deus!

Seu Cristiano, não suportando mais, balbuciou:

— É você, não é?

Ele não esperava uma resposta. Fora um ato desesperado. Entretanto, para seu maior assombro, ela veio.

"Sim."

Tiritando de dor, não tendo mais o que perder, prosseguiu:

— Veio me levar?

"Sim... Cristiano. Não teme a mim?"

— E-es-estou com medo... Muito! O poço sem fundo do desconhecido sempre amedronta. E, entre todos os abismos, você é o maior deles. Mas do que já me é conhecido há muito tempo — a dor — a tortura é maior. Não aguento mais!

E ela atingiu o ápice.

Rilhou os dentes. Não havia a coisa, as sombras ou o frio. O mundo era uma esfera lancinante de dor. E nada era pior do que aquilo... Nada!

— Você demorou...

"Tem certeza?"

Na mente aturdida do velho Cristiano de Jesus, veio-lhe a recordação da única visita que tivera: sua filha. Não se falaram por décadas em razão de desavenças que, agora, não vinham mais ao caso. Ela viera e, enfim, reconciliaram-se. Apesar de seu fardo, este ficara um pouco menos pesado.

— Na verdade não. Tem razão.

A escuridão desceu feito folha seca do teto.

O frio se acentuou qual inverno prematuro.

A respiração condensou-se em uma nuvem.

A tensão preencheu todo o vazio do quarto.

E o fragmento de trevas tornou a se manifestar para Seu Cristiano.

"Por isso, só agora eu vim."

Tocou o pulso esquerdo do idoso.

O suplício de um milhão de dores, imediatamente, desapareceu.

A tempestade acalmara-se para a superfície especular de um lago tranquilo.

Toda tensão esmoreceu, enfim, depois de tantos anos, o corpo do velho conseguiu relaxar, livre do sofrimento intolerável.

— Oh, obrigado!

"Não por isso, aquele que tem O Salvador duas vezes no nome. Digamos que é o meu presente."

— Presente?

"Feliz Natal, Cristiano."

— Natal... Oh, é Natal!... Feliz Natal. Nunca imaginei pensar em você como um Papai Noel.

A Morte respondeu não sem um certo pesar:

"E eu nunca imaginei encontrar alguém como você."

Não havia mais frio.

Não havia mais medo.

Não havia mais sombras.

— Estou pronto.

"Vamos."

E, enquanto em inúmeros lares, as pessoas comemoravam a data festiva, no quarto 2512 do Hospital Municipal Estrela de Belém, a vida de um homem e toda a sua história chegaram ao fim.

Quando a enfermeira Madalena se deu conta da nova perda, não lamentou. Observou o semblante sereno do homem e, num gesto inusitado, afagou-lhe os cabelos. Para o paciente, ela sabia, não fora uma perda.

Finalmente, Seu Cristiano encontrara a paz.

O que mais alguém poderia desejar?

Roberto Schima:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e oitenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO



DEPOIS DA VENTANIA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A pesar de amanhecermos com um sol maravilhoso, o dia hoje está cinzento para mim...

— Ô comadre, diz Pedrão, é verdade, eu vi o que aconteceu com dona Maricota, coitada, depois de tantas alegrias este tempo todo, ela agora se foi, não conseguiu resistir ao temporal de ontem, sinto a tristeza em meu ser.

— Olha só pessoal, entra na conversa Clotilde, que hoje não se lamentou como de costume —, estou arrasada porque não poderei contar mais com os conselhos sábios da Maricota, uma guerreira e anciã de nosso tempo, já que quando vim para cá fazer parte do cenário do Canal 1, ela cá já estava, sempre feliz com sua existência produtiva em prol dos seres humanos, principalmente.

— Fiquei sabendo que uma de nossas colegas também partiu por conta do temporal, ela vivia bem ali no Canal 2, retruca Esmeralda. Pelo que escutei os comentários, a noite de ontem (sexta-feira, dia 03 de novembro de 2023) foi uma das mais terríveis, o vento chegou à velocidade de 151 km/h, segundo dados da Praticagem de Santos.

— Nossa, tudo isso? Entra na conversa outra colega de vários tempos, Ágata, que imponente em seu temperamento ainda assim seu coração se abria para florescer a bondade. A Maricota se gabava de ser uma das moradoras mais antigas do pedaço, acompanhando o desenvolvimento da Cidade, sentindo desde sua essência a fragilidade dos seres humanos, suas angústias, alegrias e inseguranças, captando, a cada dia e momento, energias positivas e negativas, canalizando para si o que não fazia bem a ninguém, doando todo o seu entusiasmo na tentativa de deixar fluir a paz, amizade e temperança entre todos.

— É Verdade, a Maricota era assim mesmo, guardava para si, sem deixar escapar um só sopro do sentimento de repulsa com todas as guerras presenciadas em todos os séculos de sua existência, retruca Pedrão.

— Estamos próximos do Natal e a Maricota sempre adorou esta data porque a Cidade, edifícios e casas refletem o brilho da felicidade nos corações das pessoas, lembrava com carinho a outra árvore Ingá Ágata...

E assim sucessivamente estes nossos irmãos gigantes da mãe natureza foram um a um transmitindo lembranças e comentários sobre o triste fim de mais uma árvore que tombou na última sexta-feira, dia 03 de novembro após a ventania ocorrida em Santos/SP, dentre as 63 que caíram em 18 regiões da Cidade, conforme informações também da Defesa Civil do Município.

A ficção em poucas linhas nos remete à importância de se manterem vivas estas espécies, que nos trazem sombra e frescor aos dias mais quentes do ano.

Aproveito a oportunidade para desejar a todos os leitores da Revista Conexão Literatura Boas Festas e um Feliz Natal iluminado nas bênçãos do aniversariante Jesus Cristo!

Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicações: “Livro Negro dos Vampiros”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

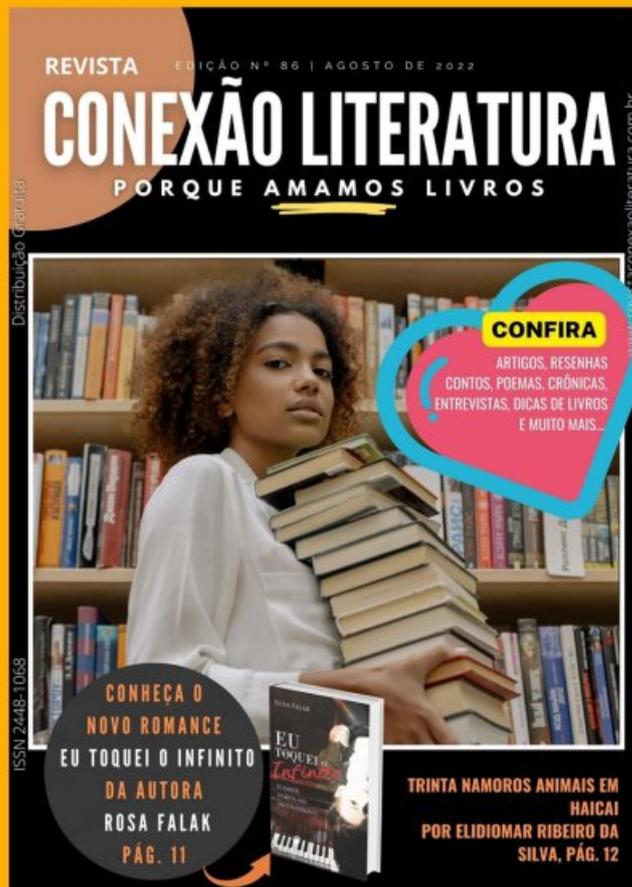
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com> - Contato: mirianssantos@gmail.com

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



CONTO
POR SELMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

PARTE II

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Alguns de vocês devem estar-se perguntando por que no começo do século 21, aventara-se iniciar uma colônia humana em Marte entre a terceira e a quinta décadas daquele século e não fora levado a cabo, não?

Contrariando o conhecido ditado popular, querer nem sempre é poder: as graves condições climáticas e de pobreza em enormes extensões da Terra, as guerras e conflitos e até mesmo a impossibilidade de adaptação definitiva de humanos em Marte sem o preparo adequado que necessitava de um longo prazo, impediram quaisquer saltos da humanidade "em carne e osso" para o espaço, naquele e nos próximos 200 anos.

Os humanos sempre sonharam com viagens espaciais de longa duração e tentaram idealizar e realizar os seus sonhos, principalmente pelo fato das condições na Terra estarem atingindo um patamar de não retorno. Mas viver em outro planeta não seria uma tarefa fácil, principalmente porque a Terra drenava a maior parte dos recursos para resolver os graves e maiores problemas, localmente. E a Ciência ainda estava a alguns passos de poder chegar ao aceitável na solução das adversidades a serem enfrentadas no espaço exterior e profundo.

II

No século 21, o Planeta Terra chegou "à beira do precipício", bastante alterado - inclusive consequentemente à ação humana devido à falta de ajustamentos no seu desenvolvimento industrial altamente poluidor e no consumo excessivo dos recursos planetários - e já não conseguia sustentar e permitir a sobrevivência da maioria da população humana e demais seres vivos.

Com instabilidade crescente dos seus ciclos naturais, ciclos em evidente desintegração - com pontual exceção de alguns pequenos habitat em latitudes e altitudes altas e no mar -, a produção alimentar tornou-se cada vez mais dependente da ampliação de estufas e grandes escavações subterrâneas.

A humanidade precisava mesmo ultrapassar o impasse de jogar-se ao Cosmos.
Se não, chegar-se-ia a um dia que seria tarde demais para agir.

Com os séculos da primeira metade do terceiro milênio voltados principalmente para a expansão em direção a Marte, avançou-se a passos largos através de uma robótica eficiente que soube plenamente substituir o ser humano *in loco*, cumprindo o projeto à risca e sem maiores atropelos.

Cumpre-se salientar que os robôs foram e são incansáveis e autocorretivos. E a partir do século 23, a sua programação tornou-se parcialmente autorregulada, dependente da Central de Programação Robótica apenas para algumas correções, ajustamentos e melhorias.

Os robôs, naquela altura, já "sabiam" o que fazer e só precisavam de diferentes ordens em casos de alterações específicas, urgentes/emergenciais não previstas e/ou novos projetos.

Os robôs passaram a usar a interligação entre todos e aos computadores de controle geral e especial para agirem em rede harmônica e eficiente, e aumentarem a sua capacidade de armazenamento de todos os dados disponíveis e necessários para o seu trabalho e desenvolvimento. A comunicação espacial, interplanetária ou entre naves e as centrais já há muito, era a laser.

Progrediram tanto que a partir dos séculos 24 e 25 começaram até a escolher e dar nomes a si. E houve e há nomes de diferentes culturas, idiomas e países, refletindo a pluralidade da humanidade, que eles imitavam.

Ano de 2380.

A colônia Marciana estava aprovada e funcionante.

E então estava tudo preparado para o início da grande partida.

Para a maioria dos terráqueos, devido às dificuldades crescentes na Terra, a mudança não seria nada desagradável, mas promissora.

Aliás, houve décadas de preparo dos indivíduos que se decidiram pela mudança, com muito incentivo científico. Mas ninguém foi forçado a deixar o solo de origem e dentre as centenas de milhares de inscritos, fora mesmo necessário inicialmente, proceder-se a seleções, privilegiando indivíduos mais jovens, física e mentalmente saudáveis, com profissões e trabalhos diversos e necessários à implantação e manutenção da colônia, além de possuidores de claros ideais comunitários e intenção de preservar os valores humanitários e, é claro, a procriação humana.

Com a definição das escolhas, esses indivíduos passavam por treinamento rigoroso para ajustar as suas condições físicas e psicológicas à mudança e eram reavaliados ao menor sinal de alguma fraqueza ou alterações de comportamento.

Cursavam disciplinas relacionadas e submetiam-se aos preparos necessários à nova etapa da sua vida e deviam demonstrar dedicação e prazer para com o que se abria para o seu futuro e da humanidade, ambos intimamente ligados e interdependentes.

III

A viagem interplanetária da Terra para Marte começou a ser realizada em várias naves com capacidade para uma centena e meia de indivíduos, cada.

Apesar do comando de cada nave ter uma equipe humana, a nave era praticamente autômata, navegando sem necessidade de intervenção humana, a não ser em situações que exigiam mudanças ou alterações na navegação e/ou controle de acidentes e problemas não relacionados à normalidade de uma viagem programada e testada minuciosamente.

A viagem, rápida em comparação com séculos progressos, durava um a dois meses dependendo da distância entre os dois planetas - que variava de acordo com a sua trajetória individual ao redor do Sol.

E na grande maioria das vezes, corria tudo bem. As naves bem-preparadas, construídas e escrupulosamente testadas, não colocavam a sua "carga humana" em perigo.

Cada nave tinha seu grupo de médicos, enfermeiros, psicólogos e equipamentos para tratar qualquer eventualidade, inclusive intervenções cirúrgicas de urgência.

Qualquer distúrbio psicológico em relação à adaptação individual e reação somática ao espaço eram prontamente atendidos.

A nave continha sensores em cada estrutura e câmeras em todos os ângulos internos, ligados a um computador, destinados ao acompanhamento e avaliação das atitudes e/ou eventuais problemas individuais.

Na coleta de dejetos, nas secreções contidas em roupas, toalhas e até mesmo em quaisquer materiais e papéis usados na higienização (lenços, guardanapos, papéis higiênicos), e na água usada, amostragem era recolhida e submetida a testes laboratoriais para a potencial detecção precoce de quaisquer problemas de saúde. Este mesmo procedimento foi estendido a toda a colônia.

(Nota: segunda parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista)



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Revista
Conexão Literatura



Um bom
café
e um bom
livro
por favor



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

feliz
Natal



Só mais
Um
capítulo



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para
imprimir
e recortar!

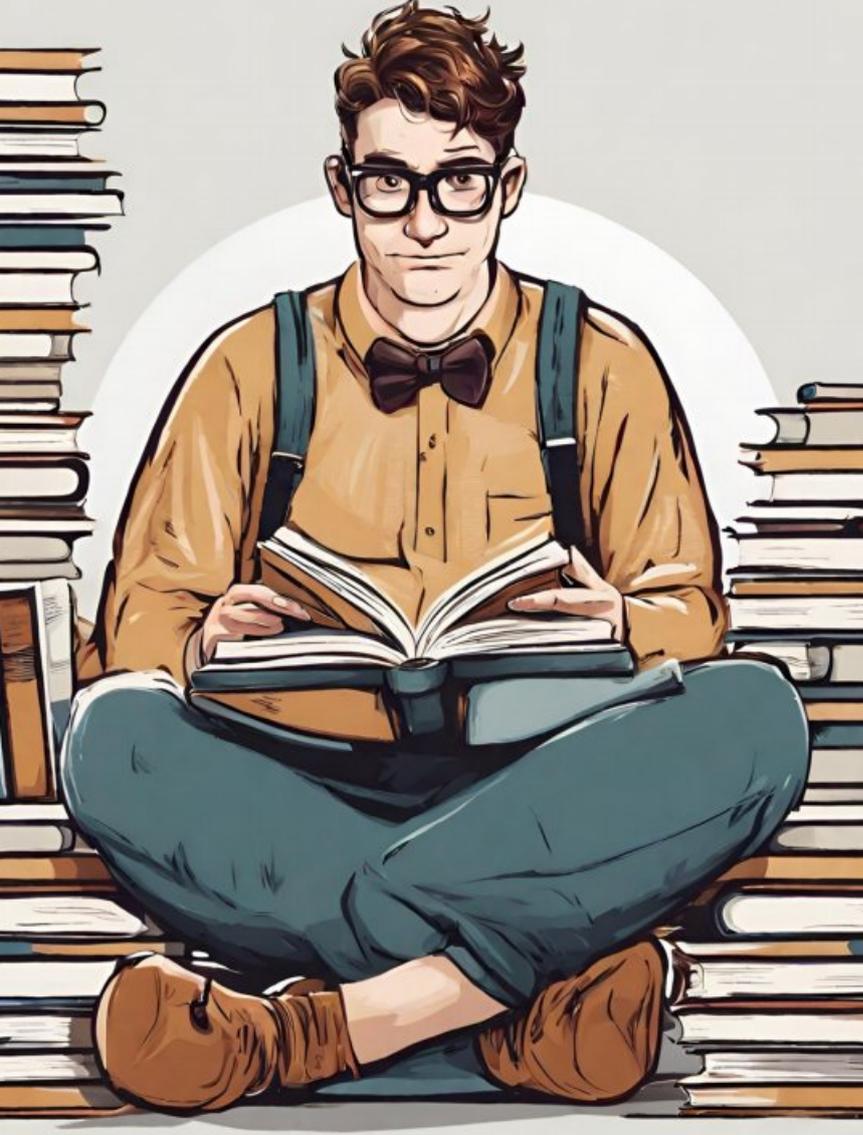


ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO . ATENÇÃO . ATENÇÃO



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2023

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+747 MIL +100 MIL + 4 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) -

Portugal= € 500

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
02.01.2024

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd